

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS

DAISY BATISTA PAIL

**A RETÓRICA DA POLIDEZ E DOS PALAVRÕES NAS REDES SOCIAIS
UMA ABORDAGEM POR INTERFACES**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Campos da Costa

PORTO ALEGRE
2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P143r Pail, Daisy Batista

A retórica da polidez e dos palavrões nas redes sociais :
uma abordagem por interfaces / Daisy Batista Pail. – Porto
Alegre, 2012.

118 f.

Diss. (Mestrado) – Fac. de Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Campos da Costa.

1. Linguística Aplicada. 2. Diálogo – Análise. 3. Retórica.
4. Inferência. 5. Redes Sociais (Internet). I. Costa, Jorge
Campos da. II. Título.

CDD 418.2

Bibliotecária Responsável: Dênira Remedi – CRB 10/1779

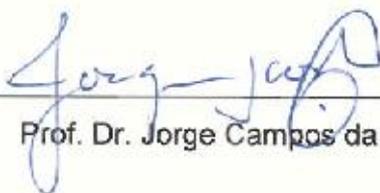
DAISY BATISTA PAIL

**A RETÓRICA DA POLIDEZ E DOS PALAVRÕES NAS REDES
SOCIAIS: UMA ABORDAGEM POR INTERFACES**

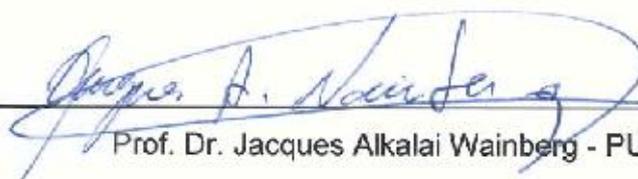
Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 03 de janeiro de 2012

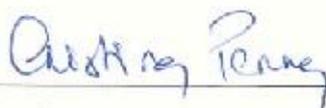
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Jorge Campos da Costa - PUCRS



Prof. Dr. Jacques Alkalai Wainberg - PUCRS



Profa. Dr. Cristina Becker Lopes Perna - PUCRS

PORTO ALEGRE
2012

Dedico à minha família pelo amor incondicional, paciência e humor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Jorge Campos pela orientação e pelos constantes diálogos.

Agradeço aos professores do PPGL, em especial à professora Cristina Perna, pelas observações na primeira versão deste trabalho, e à professora Ana Ibaños, pela atenção e carinho.

Agradeço as parceiras nessa jornada e amigas, Cláudia Strey, Luiza Müller dos Santos e Stéphane Dias.

Agradeço aos meus avós pelo amor e suporte.

Agradeço aos meus pais pelo incentivo e fé.

Agradeço à minha irmã pelos muitos momentos de descontração a bordo de qualquer aventura.

*Faça-me este favor, não vou esquecer.
Pergunte a seus amigos do bairro sobre mim,
eles lhe dirão que sei como retribuir um favor.
(Dom Vito - O Poderoso Chefão 2)*

RESUMO

Neste trabalho, foi proposta uma perspectiva interdisciplinar de retórica linguística, predominantemente pragmático-inferencial, em que a forma tem efeito sobre o conteúdo,¹ através de discussão acerca de polidez e palavrões se usando diálogos naturais e digitais, retirados de redes sociais na internet (Facebook, Youtube, Twitter), para ilustração. Uma vez que processos inferenciais, diálogos naturais, polidez, palavrões e redes sociais na internet apresentam elementos heteromórficos, eles constituem problemas complexos, difíceis de se tratar disciplinarmente, e, portanto, se defendeu que abordagens interdisciplinares são mais interessantes por permitirem uma maior explicação ou uma explicação mais abrangente acerca deles. Assumiu-se, pois, a Metateoria das Interfaces (CAMPOS, 2004a, 2007a, 2007d), sendo as interfaces externas são entre Linguística, Cognição, Comunicação e Computação² (no que diz respeito à Web), enquanto as internas são entre morfologia, sintaxe, lexicologia, semântica e pragmática. Objetivou-se: i. demonstrar a importância de interfaces internas e externas bem construídas para o estudo das redes sociais na internet; ii. descrever implicaturas de polidez (BRONW e LEVINSON, 1987; ESCANDELL-VIDAL, 1995; JARY, 1998) presente nas redes sociais através de processos inferenciais (GRICE, 1991; LEVINSON, 2000; SPERBER e WILSON, 1995). iii. ilustrar a expressividade dos palavrões através de uma perspectiva pragmática de retórica; e iv. enfatizar seu valor em pesquisas interdisciplinares como, por exemplo, a ligação entre linguagem e emoção. Considerando-se a importância apontada por Pinker (2007) e outros de estudar a “linguagem como uma janela para a natureza humana”, argumenta-se que devido à localização da linguagem comum e do pensamento consciente ser concentrada no neocórtex, também a polidez linguística, por ser fruto de racionalização (BROWN e LEVINSON, 1987; ESCANDELL-VIDAL, 1995), encontra-se nessa mesma região. Contudo, os palavrões surgem no sistema límbico (PINKER, 2008), assim apresentando ligação mais direta com emoções e, conseqüentemente, maior efetividade na expressão dessas. Dada essa diferença e considerando-se o Princípio da Conectividade Não Trivial (COSTA, no prelo), polidez e palavrões foram tratados como contraponto e abordados, predominantemente, numa perspectiva pragmático-inferencial,

¹ Abordagem proposta por Costa na Disciplina de Retórica e Pragmática, no primeiro semestre de 2011.

² Outras interfaces seriam possíveis para abordagem de aspectos deste trabalho, mas, para haver delimitação de tema, somente algumas foram estabelecidas.

pois se a carga semântica é relativamente a mesma, o peso pragmático é variável conforme, por exemplo, as intenções e a forma. Optou-se por utilizar diálogos retirados de redes sociais na internet, porque eles apresentam a possibilidade de análise de um corpus gigantesco, em que as interações são espontâneas. Corroborou-se que o valor retórico da polidez e dos palavrões está ligado ao emocional (PINKER, 2008; JAY, 2009).

Palavras-chave: interfaces; inferências; redes sociais na internet; polidez; palavrões; retórica.

ABSTRACT

In this paper, an interdisciplinary perspective of linguistic rhetoric has been proposed, predominantly pragmatic-inferential, the form has effect on the content, through discussion of politeness and cursing, using natural and digital dialogue, taken from social networking sites (Facebook, Youtube, Twitter), for illustration. Since both inferential processes, natural dialogue, politeness, swearing and social networking sites have heteromorphic elements, they are complex problems, hard to be treated in a disciplinary way and, therefore, to be argued that interdisciplinary approaches are more interesting. It was assumed, therefore, being the Metatheory of Interfaces (CAMPOS, 2004a, 2007a, 2007d), the external interfaces are between Linguistics, Cognition, Communication and Computing (with respect to the Web), while the interior is among morphology, syntax, lexicology, semantics and pragmatics. This study aimed to: i. demonstrate the importance of internal and external interfaces consistent for the study of social networks on the Internet, ii. describe politeness present in social networks via the inferential perspective (GRICE, 1991; LEVINSON, 2000; SPERBER & WILSON, 1995). iii. to illustrate the expressiveness of bad words through a pragmatic perspective of rhetoric, and iv. emphasize its value in interdisciplinary research — for example, the link between language and emotion. Considering the importance pointed out by Pinker (2008) and others to study the "language as a window into human nature," it is argued that due to the location of common language and conscious thought to be concentrated in the neocortex, also linguistic politeness, being the result of rationalization (BROWN and LEVINSON, 1987; ESCANDELL-VIDAL, 1995), is in the same region. However, the taboo words appear in the limbic system (PINKER, 2008), thus presenting a more direct link with emotions and hence greater effectiveness in the expression of these. Given this difference and considering the principle of non-trivial connectivity (COSTA, in press), politeness and bad words were treated as a counterpoint and addressed predominantly in a perspective pragmatic-inferential, because if the semantics value is relatively the same, the pragmatic weight varies according to, for example, the intention and form. We chose to use dialogue taken from social networking sites because they have the possibility of huge corpus analysis, in which interactions are spontaneous. It has been corroborated that the rhetorical value of politeness and bad words is linked to the emotional aspect (PINKER, 2008; JAY, 2009).

Palavras-chave: interfaces; inferences; social networking sites, politeness, swearing; rhetoric.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - ilustração de pesquisa	33
Figura 2 - semelhança fonética.....	37
Figura 3 Tabus linguísticos, xingamentos, palavrões	79
Figura 4 palavrão	80
Figura 5 palavrão	82
Figura 6 Exemplo 10, capítulo 3	92
Figura 7 exemplo 24 - palavrões.....	100
Figura 8 - exemplo 26, palavrões.....	102
Figura 9 - exemplo 27, palavrões.....	102

LISTA DE ABREVIATURAS

AID – abordagem interdisciplinar de diálogo
B&L – Brown e Levinson
FTA – face threatening act (ação de ameaça à face)
IC – implicatura conversacional
ICG – implicaturas conversacionais generalizadas
ICP – implicaturas conversacionais particularizadas
MI – Metateoria da Interfaces
PC – Princípio de Cooperação
RSI – redes sociais na internet
S&W – Sperber e Wilson
TI – Teoria Inferencial das Implicaturas
TR – Teoria da Relevância
www – *World Wide Web*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 CULTURA DIGITAL — SOCIEDADE E CIÊNCIA	17
1.1 CULTURA DIGITAL E SUAS DIMENSÕES NA SOCIEDADE.....	18
1.1.1 Dimensão tecnológica — caminhos convergentes.....	22
1.1.2 Dimensão comunicacional/dialógica	24
1.1.3 Dimensão política	26
1.1.4 Dimensão jornalística.....	28
1.1.5 Dimensão comercial.....	29
1.1.6 Dimensão científica.....	30
1.2 CULTURA DIGITAL E CIÊNCIA	31
2 INTERFACES PARA UMA PRAGMÁTICA ENRIQUECIDA	42
2.1 METATEORIA DE INTERFACES.....	43
2.2 TEORIAS INFERENCIAIS	46
2.2.1 Uma abordagem interdisciplinar de diálogo	46
2.2.2 Teoria Inferencial das Implicaturas	49
2.2.3 Teoria das Implicaturas Conversacionais Generalizadas	57
2.2.4 Teoria da Relevância — comunicação e cognição.....	63
2.3 POLIDEZ E PALAVRÕES NA RELAÇÃO LINGUAGEM, COGNIÇÃO E EMOÇÃO.....	70
2.3.1 Abordagens teóricas sobre a Polidez	71
2.3.2 Tabus linguísticos, xingamentos e palavrões.....	78
3 A RETÓRICA DA POLIDEZ E DOS PALAVRÕES	85
3.1 RETÓRICA LINGUÍSTICA.....	86
3.1.1 A retórica da polidez nas redes sociais.....	89
3.1.2 A retórica dos palavrões nas redes sociais	96
3.2 DISCUSSÃO DAS ANÁLISES	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	111

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, desenvolvido dentro do Programa de Lógica e Linguagem Natural, é de natureza teórico-argumentativa sobre uma abordagem exploratória acerca da linguagem. É proposta uma perspectiva de uma retórica linguística, predominantemente pragmático-inferencial, sobre polidez e palavrões ilustrada a partir diálogos naturais e digitais.¹ O que segue é para melhor contextualização e justificativa do trabalho partindo-se do final do tema. Se há uma tendência natural para a o estabelecimento de redes,² então os seres humanos procuram meios de atender a esta. Uma das formas possíveis é a comunicação. Dentro dessa perspectiva a mais elementar é o diálogo, conforme Costa (2004a, no prelo). Este pode ser entendido em sua modalidade mais básica — entre dois interlocutores face a face — até formas mais complexas — diálogo digital. Este teve seu poder maximizado com o advento da Web 2.0, em decorrência da qual surgiram redes sociais na internet, tais como Orkut, Facebook, Twitter, Youtube e LinkedIn.³ Essas podem ser vistas como ferramentas ou como “objeto” de pesquisa,⁴ nesse caso se revelando antes um processo complexo, cujo estudo necessita de uma abordagem interdisciplinar. Se a interação nas redes sociais na internet se dá através da construção de relações e a interação através destas é dialógica, então a polidez é importante para o estabelecimento de uma relação. Se, por um lado, a polidez serve para facilitar o estabelecimento e a manutenção de relações através de formas de se mostrar linguisticamente deferência e solidariedade num comportamento resultante de racionalização, por outro os palavrões, popularmente impolidos, em muitas situações funcionam como um mecanismo catártico e demonstram uma descontração e informalidade própria à proximidade entre os indivíduos. Em linguística, a polidez é tratada na pragmática em acordo com o modelo de implicaturas de Grice (1991), ou seja, sua interpretação e comunicação se dão através de inferências. Uma vez que a

¹ São considerados diálogos naturais: face a face ou por telefone (ligações telefônicas ou mensagens SMS, não por acesso a redes sociais na internet); são considerados diálogos digitais todos aqueles que têm a intermediação através de máquinas, sejam computadores, notebooks, smartphones (quando usado para acesso à internet), tablets.

² Suposição compatível com o evolucionismo e dentro deste a seleção sexual (DARWIN, 2009).

³ Ainda que Twitter e Youtube não tenham necessariamente uma rede de indivíduos, pensando no conceito de teorias de redes sociais.

⁴ Apesar de não constituir em si objeto científico, porque, assim como qualquer outro objeto do mundo real, se trata de uma construção.

avaliação de um palavrão ocorre em relação ao uso, também serão vistos como conhecimento pragmático e cuja presença afeta o processo inferencial.

Norteando este trabalho se tem as seguintes questões: (a) quais propriedades dialógicas diferenciam as redes sociais na internet de outras situações? (b) como as inferências de polidez são depreendidas no processo dialógico?; (c) de que forma polidez e palavrões afetam processos inferenciais?; (d) em que (ou quais) aspecto(s) polidez e palavrões se diferenciam quanto a seu(s) efeito(s) sobre processos inferenciais; (e) como emoções e intenções afetam as inferências?; e (f) quais aspectos linguísticos (morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos e pragmáticos) e inferenciais se evidenciam nas redes sociais na internet quanto a polidez e palavrões?.

As hipóteses deste trabalho são: (a)⁵ as propriedades dialógicas das redes sociais na internet se diferenciam em detrimento a outras situações se relacionam ao alcance interativo que pode atingir desde o local até o global, quanto ao tempo de retorno/resposta a uma mensagem deixada na rede que pode ser sincrônico ou diacrônico, quanto à tensão entre privado (uma mensagem pode ser direcionada a alguém em específico dentro do espaço de um perfil pessoal) e público (todos, a priori, podem ter acesso a certas informações e às interações), e à possibilidade de enriquecimento semântico e pragmático através de hiperlinks, vídeos, imagens, áudio, etc. e simplificação sintática e lexical; (b) as inferências de polidez são depreendidas a partir do Princípio da Relevância,⁶ levando-se em conta o modo como se diz algo (prosódia, semântica, sintaxe), o contexto extralinguístico (situação da interação) e a natureza da relação dos envolvidos; (c) Polidez e palavrões podem acarretar diferentes conclusões implicadas a partir de mesmas entradas lexicais dependendo do contexto e, principalmente, da intenção; (d) Polidez e palavrões se diferenciam quanto ao(s) seu(s) efeito(s) sobre processos inferenciais, pois enquanto a polidez tende a gerar um quadro positivo por parte do ouvinte em relação ao falante, fazendo com que uma conclusão que pareça incompatível com o comportamento seja deixada em segundo plano ou descartada, os palavrões tendem a gerar inferências sem ser algo secundário; (e) uma mesma proposição pode ter significados implicados diferentes, dependendo das intenções; (f) os aspectos linguísticos comuns a polidez e palavrões nas

⁵ Sobre essa hipótese não se terá a mesma atenção que as demais, pois é vista antes como um argumento para a escolha por diálogos digitais.

⁶ Teoria da Relevância (SPERBER e WILSON, 1995; WILSON e SPERBER, 2002)

redes sociais que se evidenciam nas redes são simplificação de estruturas sintáticas, a repetição lexical e o enriquecimento semântico e pragmático através de imagens, vídeos, links, etc., e inferências de diferentes tipos; já aqueles nos quais eles se diferenciam são modalização do enunciado quanto a polidez e disparidade entre significado semântico e o pragmático quanto aos palavrões.

Objetiva-se i. demonstrar a importância de interfaces internas e externas bem construídas para o estudo das redes sociais na internet; ii. descrever a polidez presente nas redes sociais através de processos inferenciais; iii. ilustrar a expressividade dos palavrões através de uma perspectiva pragmática de retórica, que consiste no efeito da forma sobre conteúdo (conforme Costa, no prelo); e iv. enfatizar seu valor em pesquisas interdisciplinares como, por exemplo, a ligação entre linguagem e emoção.

Uma vez que a complexidade de certos problemas surge dos elementos heteromórficos envolvidos,⁷ abordagens disciplinares perdem para interdisciplinares. Tanto diálogo quanto redes sociais na internet são exemplos disso. Nos diálogos estão envolvidos elementos linguísticos, intencionais e inferenciais. Nas RSI, espaço propício para o diálogo, além dos elementos anteriores, estão envolvidos aqueles próprios da cultura digital, tais como diacronia e sincronia interacional, tensão entre público e privado, diferentes mídias, etc.. Assume-se, para tanto, a Metateoria de Interfaces (CAMPOS, 2004a, 2007a, 2007d), sendo a interface externa entre linguística, lógica, comunicação, ciências cognitivas e cultura digital.⁸ Serão escolhidos diálogos naturais e digitais, retirados de redes sociais na internet para se ilustrar como a retórica da polidez e dos palavrões afeta ou gera inferências. Estas serão ilustradas através de uma abordagem interdisciplinar de diálogo (COSTA, 2004a, no prelo) em relação com o modelo de implicaturas conversacionais (GRICE, 1991), com a Teoria das Implicaturas Conversacionais Generalizadas (LEVINSON, 2000) e a Teoria da Relevância (SPERBER e WILSON, 1995). Todas as análises feitas representam uma perspectiva de pesquisa que o objetivo de avaliar o objeto.

Cada capítulo⁹ representa uma perspectiva de pesquisa que tem o papel de avaliar o objeto, no caso polidez e palavrões — a partir das noções de retórica e inferências dentro do contexto digital —, e funciona com relativa autonomia em relação aos demais. O trabalho

⁷ Como é o caso da polidez e dos palavrões.

⁸ Outras interfaces poderiam ser construídas, mas somente algumas das possíveis serão trabalhadas.

⁹ Apresentados abaixo.

está dividido em três capítulos que se organizam conforme será explicado a seguir. As Redes Sociais na Internet, cada vez mais presentes na vida cotidiana devido às diferentes dimensões por elas afetadas (pessoal, profissional, política, científica), pressupõem a interação dialógica e se mostram como um objeto complexo por apresentar elementos heteromórficos, tais como a relação com a tecnologia, a possibilidade de utilização de diferentes meios (imagens, vídeos, áudio, hiperlinks) concomitantemente, a relação diacronia e sincronia nas interações, o diálogo de um para muitos e de muitos para muitos, a interferência da ferramenta (plataforma, fórum, enquetes, redes sociais na internet, microblogins) de comunicação sobre a forma (simplificação estrutural, repetição lexical, abreviaturas, etc.) e sobre o conteúdo (autocensura *versus* liberação), a comunicação e a percepção de intenções e emoções que dirigem e afetam a compreensão de um enunciado (tema do primeiro capítulo). Como espaço propício para a interação dialógica, a produção e a compreensão se dão através de inferências de diferentes naturezas (lógicas, linguísticas). Em decorrência do papel que essas apresentam e da complexidade de elementos que as desencadeiam e influenciam, abordagens disciplinares se mostram muito restritas para explicar sua amplitude, perdendo para abordagens interdisciplinares, como os modelos inferenciais que seguem: uma abordagem interdisciplinar de diálogo (COSTA, no prelo), Teoria Inferencial das Implicaturas (GRICE, 1991), Teoria das Implicaturas Conversacionais Generalizadas (LEVINSON, 2000), e Teoria da Relevância (SPERBER e WILSON, 1995). Dentro desse quadro há uma amplitude de fenômenos que poderiam ser abordados para ilustrar a complexidade inferencial, considerando-se o objetivo maior de Redes Sociais na Internet de estabelecimento de relações e seu aspecto informal — por serem *a priori* todos “amigos” — na interação, serão abordadas polidez e palavrões (tratados no segundo capítulo). Como tanto polidez quanto palavrões estão ligados à forma de se dizer e cujos efeitos nem sempre são devidamente tratados nos modelos inferenciais anteriores, se defenderá uma retórica linguística, inferencial e interdisciplinar, que não se reduz apenas aos dois aspectos mencionados (mote do terceiro capítulo).

1 CULTURA DIGITAL – SOCIEDADE E CIÊNCIA

No filme “Mens@gem para você” (de Nora Ephron, Tom Hanks e Meg Ryan, 1998), os personagens de Meg Ryan e Tom Hanks se apaixonam num ambiente não muito comum duas décadas atrás. Após se “conhecerem” em um *chat*, os personagens continuam a se comunicar por email, sem saber dos verdadeiros nomes, e é através dessa interação que surge o amor deles, que não correspondia aos sentimentos que nutriam um pelo outro fora da rede.¹ A relação deles é uma das características de uma forma cultural que tem aumentado seu poder e que justifica a interface com a computação, através da web, a ser problematizada neste capítulo.

Desde o surgimento do computador em meados da década de 1940, a tripartição cultural entre cultura erudita, cultura popular e cultura de massa vem se alterando, tornando essa classificação insuficiente para dar conta de fenômenos que surgem, como por exemplo, a explosão *pontocom*, web 2.0, *flashmobs*, *smartmobs*, web 3.0 —ou web semântica—, redes sociais na internet, *microbloggins*. Com a popularização de computadores, internet, web e dispositivos móveis, etc., uma nova forma de cultura emerge, a chamada **cibercultura** ou, como se dará preferência aqui, **cultura digital**. Neste capítulo se falará sobre o que é cultura digital e o que ela envolve (no nível social, comercial e acadêmico). Também se fará considerações sobre sua natureza e impactos que ela acarreta e quais impactos pode vir a acarretar.

Diretamente ligada a essa, se tem o fenômeno das Redes Sociais na Internet (RSI). As chamadas RSI, nas quais estão envolvidos todos os dispositivos que permitem acesso a elas, são consequência da convergência entre tecnologias e formas de comunicação. Devido ao aspecto análogo existente entre a comunicação no mundo digital e no natural e a importância que as RSI apresentam científica, social e comercialmente, essas representam uma fonte de dados linguísticos relevantes, uma vez, que além de banco de dados virtualmente infinito, também possibilita de análise de interações espontâneas de diferentes tipos.

¹ Sendo esse o problema a ser resolvido no filme.

1.1 CULTURA DIGITAL E SUAS DIMENSÕES NA SOCIEDADE

Lévy (1995) e Lemos e Lévy (2010) empregam o termo cibercultura² para designar “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” Segundo Costa, a cultura digital é uma “forma de vida na era digital — convivendo com objetos tecnológicos e acompanhando a evolução da mídia nesse nível” (COSTA, 2011). Para Amaral (AMARAL, 2008, p.327), “a Cibercultura define-se como a dinâmica sociocultural e política da rede, que traduz uma reformulação das relações sociais e a criação de comunidades em ambientes virtuais, ao mesmo tempo em que diz respeito à emergência de novos comportamentos.” No entanto, nenhuma das definições parece ser suficiente para abarcar toda a complexidade desse fenômeno que vem alterando certos paradigmas, da mesma forma que outros meios de comunicação e interação também o fizeram. Não à toa, esses e outros autores dedicam artigos e livros para a discussão e problematização do assunto. Alguns dos aspectos, ou dimensões — como serão tratados aqui —, abordados por eles serão recuperados ao longo deste capítulo.

Amaral (2008) considera que essa mudança de paradigmas, “tecnicamente, trata-se da transmutação do analógico para o digital: da Galáxia de Gutenberg para a Galáxia de Marconi (Sousa, s.d.)” (AMARAL, 2008, p.326). No entanto, a despeito de essa autora problematizar em seu texto a cultura digital e as RSI, ela escolhe como referência um momento anterior,³ deixando de fora, por exemplo, cinema e televisão.⁴ Dada a importância que a conectividade e a mobilidade apresentam na cultura digital, seria mais congruente chamar de a Galáxia de Jobs. Visionário tecnológico preocupado com a interface com o usuário, Jobs esteve à frente do desenvolvimento de tecnologias, tais como o iPad e o

² Contudo, devido à ligação existente entre esse termo e à cibernética — apesar de o tratamento de Lévy e Lemos se distancie daqueles que mantêm a conexão com a cibernética — e à inteligência artificial, se manterá a expressão usada no Programa de Pesquisa de Lógica e Linguagem Natural (Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS), dentro do qual o trabalho foi desenvolvido, apesar da compatibilidade entre aqueles autores e este.

³ Não se questiona a importância que o rádio teve e tem na história, contudo não se considera que seja a melhor referência para esse momento.

⁴ Mesmo que o impacto do rádio tenha sido maior.

iphone, que impactaram visivelmente a forma de navegação, manipulação de tecnologias e informações.⁵

A partir da adoção de meios que aceleraram e maximizaram a locomoção e a comunicação,⁶ passou-se a falar em homogeneização de comportamento. Em *Science Siftings* foi observado que “todos nós estamos aprendendo a nos mover juntos, agir juntos, atingir em muitas empresas” (1892 apud BRIGGS e BURKE, 2002, p. 182).⁷ De acordo com Briggs e Burke (2002, p. 268), “sociedades e culturas diferentes que começaram suas jornadas separadamente agora são ditas estar viajando junto na mesma ‘super-highway da informação’”.⁸ Contudo, ao mesmo tempo em que se verifica essa homogeneização, também se nota uma tendência narcisista e egomaniaca⁹ nos perfis das RSI e em blogs, para exemplificar. A expressão do eu se intensifica ao mesmo tempo em que decisões em grupos crescem em força e dimensão.

A transição do paradigma da massificação para a era da individualização da comunicação dá corpo à metáfora da «aldeia global» de McLuhan, mas não assume uma ruptura com os media tradicionais, ou os velhos media. O que se verifica é a aceleração da experiência através da electrónica (AMARAL, 2008, p.326).

No entanto, é apontado por outros não se tratar de uma verdadeira aldeia global (LEMOS e LÉVY, 2010; CRYSTAL 2004), uma vez que se mantém distinções culturais, ainda que não redutíveis às noções de territórios. Conforme Lemos (LEMOS, 2010, p.235), “(...) não apenas a distância geográfica desaparece, mas também a distância social que estabelece os graus de separação entre diferentes níveis de status social.” O que gera problemas para a equação da Teoria da Polidez que se baseia na proximidade entre os envolvidos, o grau de imposição e o poder (ou status) social que um tem sobre o outro, pois na web essas distinções de tornam mais diluídas e outros aspectos, como a proposta do perfil (humor, política, crítica, etc.) e o site (seja um blog ou uma RSI) afetam mais fortemente o caráter da interação do que as três variáveis de Brown e Levinson (1987).

A evolução tecnológica gerou “alterações no imaginário do ser humano, na forma como as pessoas se relacionam entre si e com a própria tecnologia” (AMARAL, 2008, p. 328).

⁵ Note-se que algumas pessoas alegam ser essa a época dos tablets, sendo o ipad, sem dúvida, um dos grandes representantes.

⁶ Como é o caso dos aparelhos mencionados no parágrafo anterior.

⁷ Do original: “we are all learning to move together, act together, achieve in vast companies”.

⁸ Do original: “different societies and cultures which started their journeys separately were now said to be travelling together on the same ‘information super-highway’”

⁹ Apenas enquanto exploração e expressão do indivíduo, do eu.

Ainda de acordo com essa autora, “(...) é possível encontrar novas formas de sociabilidade, arte, ativismo, comunicação independente, negócios. São novas esferas, onde operam o público e o privado, o pessoal e o colectivo, o local e o global” (AMARAL, 2008, p.329). Essa perspectiva é também reforçada por outros, como, por exemplo, Lemos e Lévy (2010), Costa (no prelo, 2007c), Antoun (2008), Boyd *et al.* (2010), entre outros. O importante é ressaltar que essas mudanças de paradigmas não suprimem os anteriores, mas são uma adaptação (AMARAL, 2008; BRIGGS e BURKE, 2002) desses.

Há um novo reencantamento pelas tecnologias porque participamos de uma interação muito mais intensa entre o real e o virtual. Me comunico realmente — estou conectado efetivamente com milhares de computadores — e ao mesmo tempo, minha comunicação é virtual: eu permaneço aqui, na minha casa ou escritório, navego sem mover-me, trago dados que já estão prontos, converso com pessoas que não conheço e que talvez nunca verei ou encontrarei de novo. (MORAN, 1995).

Outra característica dessa forma de cultura é o surgimento de verdadeiros mundos digitais, nos quais se compra, se convive, se ama, se estuda, se age politicamente.¹⁰ Conforme Amaral, esses mundos, “apesar de diferentes dos tradicionais, são estruturalmente semelhantes” (AMARAL, 2008, p.329) e se constituem em “(...) espaços intermédios (já que não estão desligados do chamado mundo offline)” (AMARAL, 2008, p.325). Pode-se dizer que os jogos na internet desempenharam um papel de importância no início desse movimento de @migração,¹¹ instituições governamentais ou não começaram a marcar presença nesses espaços virtuais, existindo as chamadas cidades virtuais, ou cibercidades. O desenvolvimento de plataformas que permitem a interação e o compartilhamento dentro da web culminou no aparecimento das chamadas redes sociais na internet (RSI), tais como My Space, Orkut, Facebook, LinkedIn, Youtube, Twitter, etc., por ordem de lançamento. Breslin e Decker ressaltam que, segundo a Compete.com, em novembro de 2006, “os dez domínios mais populares dão conta de 40% de acesso de páginas na web 2.0, e aproximadamente metade desses acessos foram de serviços de redes sociais MySpace e Facebook”¹² (BRESLIN e DECKER, 2007, p.86).

¹⁰ Não restringindo esse termo à política de cargos governamentais ou interesses relacionados a esse âmbito, mas na relação com a *pólis*.

¹¹ Principalmente jogos de RPG, como, por exemplo, Second Life, Warcraft, entre tantos outros.

¹² Do original: “the 10 most popular domains accounted for about 40 percent of all page views on the Web 2.0 and nearly half of those views were from the social networking services (SNSs) MySpace and Facebook”.

Dentro do quadro cultural esboçado acima, as RSI encerram muitas das características da cultura digital, podendo, pois, ser seu exemplo mais representativo. Por excelência, o homem é considerado ser político e social, devido a uma necessidade de adaptação gerada a partir de, em termos de teorias evolutivas, uma tensão entre predação e produção. Portanto, a existência de uma tendência natural para a aproximação é uma forma de se defender e de defender a comunidade, na perspectiva darwinista clássica. Como colocado por Costa (no prelo), se socializa para fortalecer, preservar e tomar decisões compartilhadas. Assim como a família representa o local da proteção da espécie, as RSI análoga e virtualmente reproduzem e fomentam a proteção e o enriquecimento dos organismos e das estruturas conectadas. De acordo com Costa (no prelo),

se a Internet constrói poderosas redes de conexão e de conhecimento, ela pode ser integralmente realizada dentro de contextos compartilhados. A dita web 2.0 é interativa e, em princípio, tudo pode ser construído no relacionamento social. Da mesma forma, a realidade externa pode ser modelada dentro das redes.

Se percebe isto no aumento de mobilizações políticas iniciadas e fortalecidas no ambiente digital para ação no mundo natural, como ocorreu, por exemplo, nas recentes revoluções no Oriente Médio e que parecem corroborar a tese de Lemos e Lévy (2010) sobre uma ciberdemocracia. Segundo Lemos (LEMOS, 2010, p.228), o *Twitter* pode ser classificado “(...) como uma verdadeira ágora digital global: ambiente de aprendizagem, clube de entretenimento, ‘termômetro’ social e político, instrumento de resistência civil, palco cultural, arena de conversações contínuas.” Não é, portanto, surpreendente que RSI tenham papel tão importante na sociedade, nas mais diversificadas dimensões.

Durante o feriado de finados de 2011, manifestantes brasileiros organizaram através de RSI protestos contra a corrupção, ainda que esses movimentos brasileiros se mostrem tímidos se comparados com *flashmobs* nos Estados Unidos. O que se percebe nessas manifestações, quer sejam engajadas quer não, é que as RSI também são palco para tomadas de decisão, desde qual melhor *tablet* para uma determinada pessoa até em quem votar nas próximas eleições. Tomadas de decisão que nem sempre são intrinsecamente individuais. Conforme Lemos,

a formação de comunidades potencialmente globais, no contexto das redes sociais móveis, enseja o surgimento de novos códigos globais de conduta social online; novas formas de expressão cultural específicas a cada comunidade; novos mecanismos internos de seleção de lideranças comunitárias digitais; e maior

coesão interna ao redor de uma identidade coletiva que se estabelece ao redor [SIC] de interesses compartilhados (LEMOS, 2010, p.233).

Não incomum é o fato de os usuários das RSI, ou de forma mais ampla todos que navegam pela web, ter mais de um perfil em diferentes RSI, bem como a utilização de diferentes sites, que apesar de não receberem esse nome apresentam uma formação de redes sociais através de fóruns, comentários, enquetes, etc.. Em alguns desses sites, as conversas ficam armazenadas em uma espécie de tempo ideal, conforme Costa (no prelo), e acontecem em um “(...) ‘tempo social compartilhado’ que não pertence à mesma dimensão do tempo culturalmente e localmente associado a cada tipo de relação social” (LEMOS, 2010, p.236).

Como dito, alguns dos aspectos levantados por diferentes autores serão abordados nesse capítulo sob o rótulo dimensões, com a finalidade de demonstrar um pouco da complexidade da cultura digital e, conseqüentemente, das RSI.

1.1.1 Dimensão tecnológica — caminhos convergentes

Quando surge uma nova tecnologia de transporte ou comunicação, ressurgem medos e sonhos. Medos sobre quais mudanças a nova tecnologia acarretará e sonhos sobre um “mundo da comunicação livre, sem entraves, democrático e global”, conforme Lemos e Lévy (2010, p.21). De acordo com Costa,

“as transformações da natureza e da cultura existem *ab ovo* e fazem parte a história humana. O estranhamento se dá nos momentos de forte transição, quando, especialmente pela tecnologia avançada, a mesma geração enfrenta formas de vida diversas” (COSTA, 2007c, p.7).

Desde a invenção da escrita até a criação dos *tablets*, cada tecnologia de comunicação impactou a disseminação de informação, de socialização e de comércio — até a forma de se cometer crimes. Nas palavras de Standage sobre o telégrafo, se tem um exemplo sobre esse processo,

Durante o reinado da rainha Vitória, foi desenvolvida uma nova tecnologia de comunicação que permitiu que as pessoas se comunicassem quase instantaneamente através de grandes distâncias, de fato encolhendo o mundo de forma mais rápida e mais abrangente do que nunca. Uma rede de comunicação mundial cujos cabos cruzam continentes e oceanos, revolucionando práticas de negócios, fazendo surgir novas formas de crime, e inundando seus usuários com um dilúvio de informação (1999, p.1).

Quando se trata de formas de comunicação, há de se considerar que as tendências comunicacionais e a tecnologia formam caminhos paralelos que se cruzam em determinados momentos, como, por exemplo, a expansão do telégrafo que se deu paralelamente ao de ferrovias. No entanto, uma vez que a tecnologia não é um agente independente, não basta sua existência para que seu uso se espraie. Conforme Briggs e Burke (2002), uma nova mídia precisa de um quadro de condições socioculturais para sua disseminação, podendo-se, portanto, explicar a demora na assimilação de algumas formas de comunicação por determinadas sociedades, como foi o caso da imprensa.¹³

O progresso tecnológico não surge apenas da curiosidade ou de uma demanda da sociedade, mas também de lateralidade. Não se quer dizer com isso que esse progresso se dê de forma descontrolada, e sim que um determinado dispositivo pode ser empregado para outro uso que não aquele imaginado inicialmente, como, por exemplo, eletromagnetismo e *wireless*. O surgimento de uma nova tecnologia é decorrente de um processo evolutivo, em que antigas tecnologias servem de base para criar e instigar novas.

Esse é o caso dos computadores. Os primeiros protótipos de computadores surgiram devido à necessidade de planejamento e análise de dados de forma mais rápida para fins militares, conforme Winston (1998, p.166). Um dos primeiros dispositivos para suprir essa necessidade foi criado em 1940 por John Atanasoff¹⁴, de acordo com Winston (WINSTON, 1998). Entretanto a manutenção desse dispositivo era muito onerosa. Alguns anos após, Mauchly inventou o ENIAC (Eletronic Numerical Integrator and Computer), de manutenção mais fácil. Da necessidade para uso militar, surgiu a oportunidade para o comércio. O primeiro modelo de microcomputador a ter sucesso no mercado foi o Apple I, lançado vinte anos depois do modelo 701,¹⁵ da IBM, em 1976 por Steve Wosniak e Steve Jobs.¹⁶ Ainda nesse ano, lançaram o Apple II, capaz de executar tarefas diversificadas. Contudo, o impacto significativo sobre as formas de socialização decorreu da possibilidade de conexão e, conseqüente, troca de dados entre as máquinas por meio da internet. A partir da década de 1940 iniciaram, também, pesquisas sobre dispositivos e programas para acessar a internet.

¹³ Relacionado ao material impresso.

¹⁴ E que serviu como protótipo para a calculadora eletrônica.

¹⁵ O primeiro computador comercial, lançado em 1953.

¹⁶ Em 1980, Apple Macintosh estava avaliada em 1,2 bilhão de dólares. Neste mesmo ano, 35000 computadores pessoais foram vendidos pela IBM, enquanto Bill Gates, com então 19 anos, iniciava sua empresa, Microsoft. Quatro anos depois, 40% dos computadores pessoais rodavam com o sistema operacional programado por Gates.

Somente cerca de 50 anos depois, com a criação da *World Wide Web* (www), por Tim Berners-Lee,¹⁷ aconteceu a chamada explosão pontocom.

Desde a criação da *www*, a mudança iniciada pela computação se acelerou e se globalizou. O impacto das tecnologias e as formas de comunicação criam seu próprio meio ambiente humano, como afirmou McLuhan (1979), e em decorrência ao quadro aqui esboçado se tem hoje uma verdadeira cultura digital, na qual estamos conectados através de diferentes meios. “A web é também vital para a democracia, um canal de comunicações que torna possível uma conversação global contínua. A web é agora mais crítica para o discurso livre do qualquer outra mídia”¹⁸ (BERNERS-LEE, 2010).

Entretanto, apesar das idiossincrasias que cada nova tecnologia acrescenta ou modifica, é mantida certa analogia entre a comunicação face a face e a intermediada, constituindo-se, pois, uma constante, como foi já apontado aqui, ecoando as afirmações de alguns autores, como Amaral (2008) e Briggs e Burke (2002).

1.1.2 Dimensão comunicacional/dialógica

Na cultura digital, os chamados meios se tornam “infovias com efeitos impressionantes ao nível do movimento das massas, da ocupação de espaços, da integração sociocultural, da globalização econômica, etc.”.¹⁹ A distinção antes existente entre forma e conteúdo se desfaz, como vaticinado por McLuhan em *The médium is the mas-sage* (1979), em que o meio faz parte da mensagem, uma vez que a importância recai sobre o **como**, e não mais apenas no **que**, e esta (a mensagem) produz na massa um efeito semelhante ao de mensagem modeladora ao mesmo tempo em que o meio valoriza a era da massa. No entanto, alguns autores, como Lemos (2009) e Amaral (2008), afirmam que há “reconfiguração do espaço mediático” (AMARAL, 2008, p.326), uma

(...) nova esfera conversacional [que] se caracteriza por instrumentos de comunicação que desempenham funções pós-massivas (liberação do pólo da emissão, conexão mundial, distribuição livre e produção de conteúdo sem ter que pedir concessão ao Estado), de ordem mais comunicacional do que informacional (mais próxima do “mundo da vida” do que do “sistema”), alicerçada na troca livre de informação, na produção e distribuição de conteúdos diversos, instituindo uma

¹⁷ Em 1989

¹⁸ Do original: “The Web is also vital to democracy, a communications channel that makes possible a continuous worldwide conversation. The Web is now more critical to free speech than any other medium”.

¹⁹ COSTA, http://www.icamposc.com.br/textos_disciplinas/sobremeioseconteudos.pdf

conversa o que, mesmo sendo planetária, reforça dimensões locais (LEMOS, 2009, p.3).

Esse fenômeno   chamado de *selfmedia* ou, nos termos de Lemos, m dia de fun o p s-massiva, que tem por característica um caráter conversacional, comunicacional, dialógico, conforme Lemos (2009, p. 2). Enquanto na cultura de massa, a comunica o   posterior, na cultura digital, num sistema p s-massivo, “a conversa o se dá no seio mesmo da produ o e das trocas informativas, entre atores individuais ou coletivos” (LEMOS, 2009, p.2), quanto ao noticiado.

De acordo com Costa,²⁰ “o interessante de se considerar   que estamos num mundo digital, somos inforgs,²¹ tipos conectados numa infosfera²² dentro da biosfera e interagindo com ela, e, ainda, não temos resposta para o conceito elementar de fatos”. As altera es que a cultura digital está causando na sociedade têm levantado velhos questionamentos nas mais variadas áreas de conhecimento, tais como, por exemplo, sobre qual a natureza da linguagem, o que   realidade, quais os limites entre público e privado.²³

Tem-se com a cultura digital movimento semelhante ao mencionado por Standage (1999), em acordo com o afirmado por McLuhan, em rela o   metáfora sobre meio ambiente. A computa o permitiu difusão ainda mais rápida e mais descentralizada da informa o e da comunica o. Também a forma de se relacionar foi afetada, assim como novas formas de espionagem e crimes emergiram. Lemos (2009, p.14) enfatiza que as RSI “(...) servem como reforço comunitário, onde imagens, vídeos e sistemas de localiza o tornam-se formas de comunica o, de contato com o outro, de conversa o”, assim, conforme esse autor, elas juntamente com a tecnologia ampliam a esfera conversacional; ampliam a produ o de conteúdo por meio da prolifera o de vídeos, fotos, comentários que reforçam os três princípios da cultura digital “emissão livre, conexão planetária e reconfigura o da indústria cultural e comunicacional de massa” (LEMOS, 2009, p.15); democratizam a informa o; fazem surgir uma cidadania local engajada, concomitantemente, mundialmente.

²⁰ Disponível em: http://www.jcamposc.com.br/textos_disciplinas/sobremeioseconteudos.pdf

²¹ Pessoas que passam muito tempo conectadas ou tipos conectados.

²² Compatível com a no o de ciberespaço.

²³ Na web por princípio tudo deveria ser aberto, no entanto, há de um lado quebra da privacidade, sigilo, através hackeamento e de outro a ilusão de que perfis, páginas pessoais são um circuito fechado no qual tudo de pode.

De acordo com Breslin e Decker as RSI “(...) normalmente oferecem as mesmas funcionalidades básicas: redes de listas de amigos (mostrando um ‘círculo interno’ da pessoa), navegação pessoal, mensagens privadas, fóruns ou comunidades de discussão, gerenciamento de eventos, publicação em blogs, comentários (às vezes como forma de endossamentos nos perfis de pessoas), e carregamento de mídia.”²⁴ As RSI demonstram que a web é o melhor jeito de conectar pessoas para os mais variados propósitos, ainda que, conforme Breslin e Decker, haja um bloqueio ao potencial acesso à “toda a gama de conteúdo disponível e as pessoas em rede on-line”²⁵ (BRESLIN e DECKER, 2007, p.86). Seguindo a linha de argumentação de Berners-Lee (2010), sobre não se ter acesso a todos os dados, mas não por uma questão de privacidade, esses autores afirmam que a solução seria a criação de uma web semântica para as RSI, mas não se entrará nessa discussão no presente trabalho.

Palco para a conversação, as RSI entraram no dia a dia das pessoas de tal forma que algumas passam mais tempo conectados do que dormindo. Elas proporcionam a manutenção mais livre e desimpedida de relações, sejam amorosas, familiares, profissionais, acadêmicas. A manutenção dentro da cultura digital é consideravelmente de baixo custo, como por exemplo a funcionalidade “curtir” do Facebook. “Vivemos a transição de uma experiência bidirecional das mídias digitais para uma experiência pluridirecional onde a conversação se torna o elemento principal na arquitetura informacional das mídias sociais” (LE MOS, 2010, p.235).

Embora, seu poder aumente cada vez mais e sua influência alcance lugares mais distantes, algumas pesquisas demonstram que as RSI estão se tornando tediosas e vazias de significado, empurrando as plataformas para uma reformulação estrutural e funcional (BRESLIN e DECKER, 2007).

1.1.3 Dimensão política

Enquanto na cultura de massa não há filtros para seleção de informação/programação, na cultura digital a busca de informação é dirigida segundo os

²⁴ Do original: “usually offer the same basic functionalities: network of friends listings (showing a person’s “inner circle”), person surfing, private messaging, discussion forums or communities, events management, blogging, commenting (sometimes as endorsements on people’s profiles), and media uploading”

²⁵ Do original: “the full range of available content and networked people online”

interesses do usuário. As mídias móveis são de dois tipos: **pull** – no qual o usuário escolhe as notícias – e **push** – as notícias são recebidas por iniciativa alheia, e ambas estão presentes na cultura digital, com a prevalência do primeiro. De acordo com Costa (2007f), “desde o início, a evolução tecnológica envolve, inevitavelmente, toda uma mudança cultural, ou de forma de vida das pessoas”, “(...) numa nova forma de cultura, que implica uma (re)configuração do espaço social e amplia a desterritorialização da sociedade” (AMARAL, 2008, p.326), do local ao global, gerando o aspecto glocal. Segundo Amaral (AMARAL, 2008, p.327), “a influência das novas tecnologias nas esferas pública e privada da sociedade, mais do que uma reformulação, originou um novo campo social e interfere directamente na forma como percebemos o mundo, como nos relacionamos com este e com os outros.” Conforme Costa, o universo da comunicação

assume uma visão não dualista na direção de uma semiótica das materialidades em que as redes, estruturas e conexões estão no centro das investigações. Isso instaura, então, uma outra perspectiva analítica das comunicações, em que a natureza dos meios passa a ter o papel sociocultural mais relevante.²⁶

Perspectiva essa semelhante à apresentada por Briggs e Burke (2002). Esses autores comentam a necessidade de se fazer declarações sobre o potencial que a internet possui como agente de democratização. Antoun (ANTOUN, 2008, p. 3) afirma que

[n]os anos 90 o poder integrador das páginas web e do universo www trouxeram para a comunicação distribuída a reunião dos diferentes movimentos em ações coletivas seja para empreender uma luta comum; seja para construir uma atividade comum.

Assim a cultura digital, especialmente em relação às RSI e os dispositivos para acesso, tem impacto no âmbito político, no qual se vê cada vez mais seu poder mobilizador (ANTOUN, 2008; LEMOS, 2009; LEMOS e LÉVY, 2010). “Abre-se aqui possibilidades para se questionar dogmas, certezas, formações profissionais, reservas de mercado, controle informacional, vigilância, regimes totalitários... A dimensão política é evidente” (LEMOS, 2009, p.3). E note-se que o aspecto conversacional entre novamente no jogo, uma vez que, conforme Lemos (2009), uma mídia na qual haja mais diálogo “ampliaria as ações políticas do público” (LEMOS, 2009, p.15). Não foi por acaso que tentaram limitar o acesso à internet, e, por tabela, às RSI, em especial Facebook, Twitter e Youtube durante as revoluções na Líbia

²⁶ COSTA, http://www.icamposc.com.br/textos_disciplinas/sobremeioseconteudos.pdf

e no Egito (2011) e, limitação essa, presente da China. Ainda conforme esse autor, “a liberação da emissão e a conexão generalizada já que estas podem estimular mudanças (às vezes indesejadas) na vida social, na cultura, na econômica e na política” (LEMOS, 2009, p.17), justificando o medo de países e regimes totalitários.

Da mesma forma como se instaura um quadro propício para a democratização, também surgem outros movimentos como o da guerra em rede o “que permite aos movimentos sociais enfrentar-se vantajosamente com estados e corporações (ANTOUN, 2008, p. 3).” Podem-se encontrar exemplos da força que a web proporciona em movimentos como os mencionados.

1.1.4 Dimensão jornalística

Com a facilidade de conexão e divulgação de informação, o receptor também se torna emissor. Assim, como já exposto,

a era dos mass media começa a dar lugar à esfera dos self media (a auto-edição ou informação não profissionalizada, produzida pelo utilizador comum) e dos novos media (os meios de comunicação social profissionais que difundem a mensagem através da rede), e as formas de comunicar tendem a alterar-se (AMARAL, 2008, p.326).

O leitor se torna o jornalista, no fenômeno chamado por alguns de jornalismo cidadão. Ferramentas como Twitter, com sua rapidez e objetividade esperada e motivada pela limitação das mensagens por caracteres, adquirem cada vez mais força. Na cultura digital, o “usuário pode ter informações mais precisas sobre o seu local de interesse a partir de um cruzamento de notícias dos jornais, dos blogs, do “Twitter”, da polícia, da prefeitura, etc.” (LEMOS, 2009, p.12), uma das tendências do jornalismo: “vinculação de notícias cruzando diversas fontes, oficiais, profissionais e cidadãos à geolocalização” (LEMOS, 2009, p.12).

Conforme Pail (2011c), “a partir dos blogs e microbloggings, surgiu o jornalismo participativo (jornalismo cidadão, jornalismo open-source), pessoas que passaram a compartilhar informações, principalmente locais, em redes sociais, tais como Twitter e facebook (veja-se o papel na Revolução do Egito). (...) A grande interatividade permitida pela Web 2.0 transformou o leitor de receptor a narrador, levando a criação de espaços nessas empresas para esses jornalistas cidadãos: Vc Repórter; do portal Terra; Vc no G1, do portal G1; Eu Repórter, do jornal O Globo; Minha Notícia, do portal IG; Cidadão Repórter e Eu

Aqui, do jornal Gazeta Online; *BrasilWiki*, do Jornal do Brasil; e *Seção Repórter Web*, da revista online Info Exame”. Segundo Lemos (LEMOS, 2009, p.13), “podemos dizer que a nova prática do jornalismo hiperlocal é mais um exemplo que ilustra a ampliação da conversação aplicada a uma dimensão mais local, permitindo maior engajamento comunitário e político.”

1.1.5 Dimensão comercial

Devido à grande popularidade que essas plataformas adquiriram, elas têm chamado atenção do mercado e das acadêmicas e instituições de pesquisas. Empresas de forma cada vez mais intensa têm aumentado a ação no ciberespaço, criando inclusive espaços virtuais em mundos virtuais, não se limitando ao *e-commerce*. Não apenas na divulgação, na venda, as empresas têm focado sua atenção, mas também na análise de perfis de usuários para identificação de clientes em potencial, assim como a criação de ações objetivando certos públicos. Conforme Breslin e Decker, “em adição a relação direta, redes sociais são às vezes usadas para marketing viral,²⁷ embora resultados recentes indicam que isso talvez seja menos efetivo do que assumido” (BRELINS e DECKER, 2007, p.86).

Não apenas as empresas, mas também clientes utilizam a web para suas aquisições, desde a compra online até a pesquisa sobre o objeto de desejo. O poder duplo de críticas na web pode servir para ajudar os consumidores na escolha, baseado numa análise justa por aqueles que já usaram determinado serviço, assim como ser injusta, baseando-se em outras questões que não qualidade, conforme Pogue.

Um site após o outro utiliza a sabedoria coletiva de milhares de clientes satisfeitos ou desapontados. Nunca mais você vai cometer um erro ao escolher o local de férias errado (TripAdvisor), restaurante (Yelp), filme (IMDB), carro (Edmunds), contratante (Lista de Angie), app (iTunes), livro (Amazon), médico (RateMDs) ou bebidas malte (RateBeer) (POGUE, 2011).²⁸

²⁷ Como por exemplo, a propaganda do filme do Batman (O Cavaleiro das Trevas Ressurge) no qual a vazamento de informações da CIA sobre Dr. Leonid Pavel. Além da ficha desse personagem também houve menção de uma operação secreta, sobre ela se acessava uma página de web com um contador, quando o contador zerou, surgiu o mapa dos Estados Unidos com pontos verdes marcando os locais da exibição de estreia do filme. Mais informações podem ser conseguidas através do site <http://www.tecnocradigital.com.br/marketing-viral-imagens-da-cia-para-o-filme-do-batman-o-cavaleiro-das-trevas-ressurge/>.

²⁸ One Web site after another harnesses the collective wisdom of thousands of delighted or disappointed customers. Never again will you make a mistake by choosing the wrong vacation spot (TripAdvisor), restaurant (Yelp), movie (IMDB), car (Edmunds), contractor (Angie’s List), app (iTunes), book (Amazon), doctor (RateMDs) or malt beverage (RateBeer).

Nesse tipo de pesquisa, descobrir informações sobre determinado produto ou serviço, a quantidade de comentários que têm o mesmo tema são valiosos para verificar a validade, de acordo com Pogue (2011).

1.1.6 Dimensão científica

Não se falará aqui da cultura digital como objeto, mas sim sobre como ela está afetando a forma de se fazer e de se entender ciência. Como apontado por COSTA (2011), em apresentação do *VI Simpósio Internacional de Bibliotecas Digitais* (realizado na PUCRS), a cultura digital tem impacto sobre a metodologia científica quanto: i. ao caráter interdisciplinar; ii. aos raciocínios abduativos (no que diz respeito à imaginação), indutivos (pela facilidade propiciada pelos corpora eletrônicos) e dedutivos (utilização de lógicas informais); iii. ao compartilhamento de experimentos e iv. à popularização da pesquisa via blogs. Estes dois últimos não são de todo surpreendente, visto que quando do surgimento da internet, o âmbito acadêmico foi o segundo a se beneficiar dela, após o militar.²⁹

Contudo, o papel da internet, web,³⁰ cultura digital, etc. não se resume a isso. A criação colaborativa, que supera limites espaciais e temporais, também desempenha seu papel no fazer ciência. Se antes a presença física era condição necessária para o desenvolvimento de pesquisas entre diferentes grupos, com o uso da web e ferramentas disponíveis propiciou o contato e a troca sem a presença física na mesma medida que o momento anterior. Renata Lemos (2010) analisa o uso que Umair Haque³¹ faz do Twitter para a elaboração de seus textos através de *hashtags*.³² Haque antes de terminar um texto tweeta para que seus possam dar ideias e fazer contribuições, seja através de comentários, seja através de questões a serem respondidas. O retorno surge quase que imediatamente, além de muitas conversas paralelas sobre o tema entre os participantes dessa estratégia, denominada de “qotd”.

As melhores respostas são selecionadas e retweetadas pelo próprio Haque em tempo real, gerando uma linha de pensamento sobre a questão apontada que contempla a diversidade das perspectivas e opiniões dos participantes,

²⁹ O intuito comum a esses dois era garantir a permanência de dados em caso de colapso.

³⁰ Apesar de no uso comum internet e web serem usadas como sinônimos, tecnicamente elas são diferentes. Internet diz respeito a conexão e ao que possibilita esta, enquanto web diz respeito ao conjunto de páginas.

³¹ Economista visto por Lemos como um líder no Twitter.

³² Palavras-chave ou termo associado a alguma informação.

invariavelmente dando origem a diversos *insights* criativos que influenciam no conteúdo do texto final a ser postado em sua coluna (LEMOS, 2010, p.234).

A partir da discussão sobre essa prática, Lemos aponta para algumas das características da produção científica nessa configuração cultural:

1. A evolução de comunidades sociais e colaborativas a partir do debate intelectual pluridirecional em plataformas de mídia móvel;
2. O surgimento de uma pauta temática de interesse global ao redor da qual tais comunidades se articulam – ex.: aquecimento global, colapso do sistema financeiro mundial, novos modelos organizacionais, etc;
3. A constatação comum do descaso da mídia de massa em relação a determinados aspectos desta pauta temática, o que torna a obtenção de informações através das redes sociais ainda mais importante;
4. A seleção espontânea de lideranças intelectuais através da própria interação social em rede;
5. O design colaborativo de estratégias coletivas de interação social em rede com vistas à produção de um resultado específico (LEMOS, 2010, p. 235).

Essas características levantadas reforçam algumas das questões apontadas aqui, tais como o caráter conversacional, a criação coletiva, mídia do tipo *pull*, a democratização da informação, que beneficiam as mais variadas dimensões da sociedade.

1.2 CULTURA DIGITAL E CIÊNCIA

Pinker afirma que

nós últimos anos, a internet transformou-se num laboratório para o estudo da linguagem. Além de fornecer um corpus gigantesco de linguagem de verdade, usada por pessoas de verdade, também funciona como um vetor superpotente para a transmissão de ideias contagiosas, e ressalta, portanto, exemplos da linguagem que as pessoas consideram intrigantes o suficiente para passar para os outros (2008, p.35),

Como exemplo pode-se tomar o ato de “compartilhar”, presente em praticamente toda, se não toda, a cultura digital, “curtir” (uma funcionalidade simples do *Facebook*, de baixíssimo custo e uma forma metafórica e digital de dizer “oi, tudo bem? Estou em contato contigo” e “gostei do que “disse” o bastante para que qualquer um fique sabendo”) e “+1”, do *Google+*.

As RSI têm atraído diferentes pessoas e grupos com diferentes objetivos: de pessoas que querem fazer novos amigos, reencontrar antigos e manter contato com quem conhece a pessoas que desejam estabelecer uma rede de contatos profissionais; de pessoas que comentam seu dia-a-dia a aquelas que discutem política e ciência. Indiferente ao porque e ao quem, as RSI são campo fértil para diálogos em suas mais variadas formas. Encontram-se

diálogos entre duas ou muitas pessoas — mesmo que nem sempre proposital— através de vídeos, áudios, imagens, links, comentários, etc. Todos com suas características próprias e ainda assim seguindo alguns princípios. Alguns sobre os quais se discutirá nos próximos capítulos. Como consequência desse potencial enquanto fonte de dados, surgem cada vez mais pesquisas, em diferentes áreas, sobre elas. Nesta seção, serão abordadas algumas pesquisas em desenvolvimento, que de certa forma estão relacionadas com a linguística, bem como alguns problemas que se colocam a esta.

A discussão sobre como aumentar a previsão de duração das redes sociais surge da constatação de que jovens as estão achando chatas, tediosas. Brendis e Decker (2007, p.87) reforçam a afirmação de Engeström (2005 apud BRESLIN e DECKER, 2007) sobre a longevidade das redes sociais na internet dependerem de uma relação de proporcionalidade com o objeto centrado socialmente, isso é, “o grau que as pessoas estão conectadas via itens de interesse relacionados com seus empregos, lugar de trabalho, *hobbies*, etc.”³³ (BRESLIN e DECKER, 2007, p.87). No entanto, Brendis e Decker afirmam que esse tipo de alteração não é suficiente, visto que essa centralidade já está presente e a sensação continua. Para eles, se faz necessário o desenvolvimento de mecanismo de representação que “ligam pessoas e objetos para registrar e representar laços heterogêneos que nos unem”³⁴ (BRESLIN e DECKER, 2007, p.88). Tais mecanismos são providos pela web semântica. Desde 2001, muitas pesquisas têm sido desenvolvidas na busca e desenvolvimento de linguagens e softwares que permitam às máquinas compreenderem a informação em linguagem natural.³⁵

Pesquisadores de Harvard em conjunto com Google, Enciclopédia Britânica, e American Heritage Dictionary desenvolveram “um banco de dados de milhões de livros que tenta tornar possível traçar tendências culturais através de quantidades de palavras individuais em material impresso através dos últimos séculos”³⁶ (GRABER, 2010). Esse banco de dados é chamado de *culturomics* e é formado por 5,2 milhões de livros publicados desde o ano de 1500. Desse total, três quartos são de livros em Língua Inglesa por ser o foco do

³³ Do original: “the degree to which people are connecting via items of interest related to their jobs, workplaces, hobbies, and so on.”

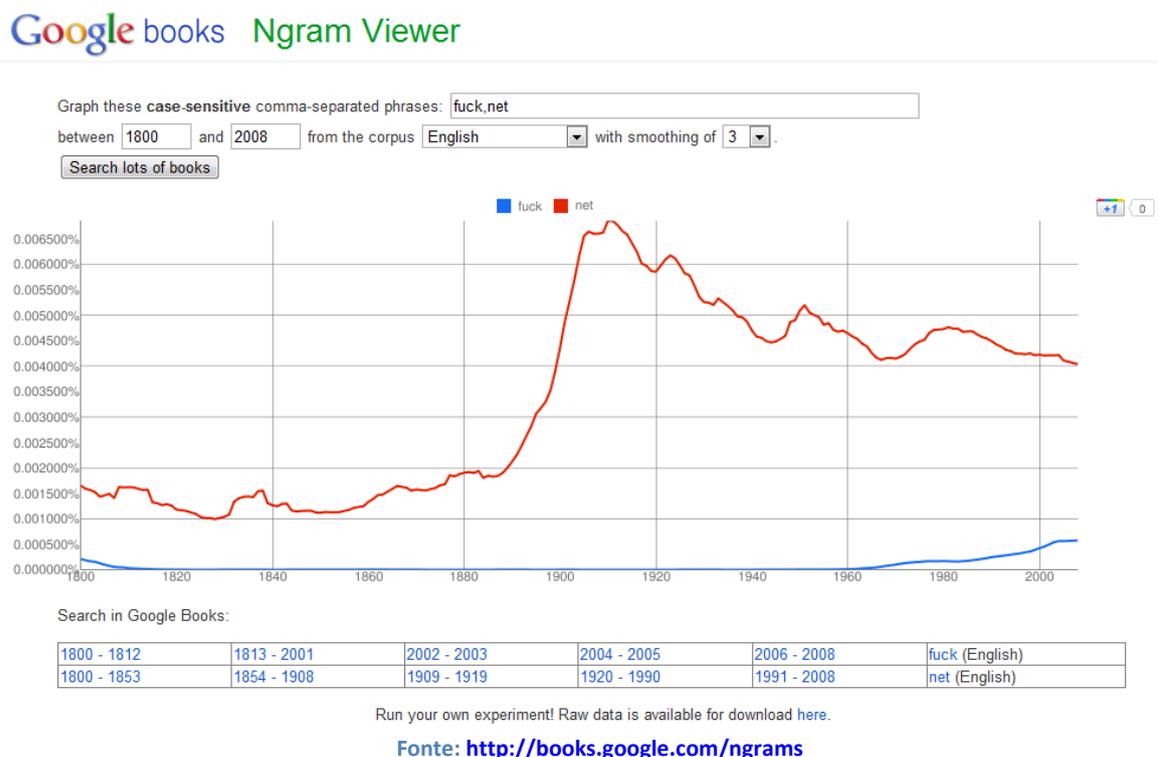
³⁴ Do original: “it links people and objects to record and represent the heterogeneous ties that bind us to each other.”

³⁵ Para mais detalhes consultar BERNERS-LEE et al., 2001

³⁶ Do original: “A database of millions of books tries to make it possible to track cultural trends through the quantities of individual words in print over the last few centuries.”

projeto. Baseado nesse banco de dados, há uma ferramenta pela qual “usuários podem traçar o uso e a frequência de uma palavra ou frase nos últimos séculos”³⁷ (GRABER, 2010), o Google Ngram Viewer.³⁸ Pesquisando duas palavras comuns desta década, como, por exemplo, ‘fuck’ e ‘net’, conforme figura 1, mostra uma porcentagem mínima do primeiro termo em relação ao total do banco de dados, enquanto que o segundo um valor alto, com pico entre 1900 e 1920. De forma superficial, esses resultados nos confirmam o uso mínimo de uma palavra tabu, principalmente considerando-se que se usou todo o banco de dados de Língua Inglesa, não restringindo a livros literários, nos quais seria esperada uma presença maior em comparação com outros materiais impressos, visto que se espera naqueles maior naturalidade nos diálogos. Outra hipótese que se pode levantar é que o aumento da frequência de ‘fuck’ a partir da década de 1960, uma vez que dos primeiros anos de 1800 até década de 1960 a presença é praticamente nenhuma, coincide com a época em que começou uma maior liberdade de expressão, bem como a liberação sexual. Sobre ‘net’, o maior pico de frequência é no período de 1900 a 1920. Contudo, considerando-se que somente a partir de 1940 começaram pesquisas sobre internet, o sentido não é o mesmo de hoje.

Figura 1 - ilustração de pesquisa



³⁷ Do original: “(...) users can track the usage and frequency of a word or phrase over the past few centuries.”

³⁸ <http://books.google.com/ngrams>

O importante é notar que em toda e qualquer manifestação, linguística ou não, há manifesto intenções e opiniões que serão de interesse de diferentes grupos — desde os amigos até empresas e pesquisadores acadêmicos. E em todas essas manifestações, subjazem processos inferenciais tanto para sua elaboração quanto interpretação. Através de análises desses, é possível a identificação e recuperação acerca de sua natureza.

Apesar desse quadro, os trabalhos sobre a relação linguagem, web e internet ainda são tímidos quanto ao número, mas não quanto aos objetivos. David Crystal, reconhecido linguista, defende um novo campo para a linguística quanto essa relação, chamada *Internet Linguistics*. Crystal defende que a internet (não na acepção técnica) enriquece a linguagem, aumentando o número de expressões e as formas de aplicação. Seu foco se concentra na forma como as pessoas estão adaptando a ortografia, gramática e semântica para atender as situações típicas desse meio (CRYSTAL, 2004).

Outro caso interessante é a interface entre linguagem e cognição (via emoções) para análise de *microbloggins*, como é o caso do Twitter. Barbara Poblete e outros pesquisadores em Yahoo Research usaram tweets após o terremoto que atingiu o Chile em 2010 para analisar a reação e o sentimento das pessoas quanto a isso (CHOI, 2010). Alan Mislove, da Northeastern University, e Sune Lehmann, da Harvard University, também usaram o Twitter como fonte para análise do peso emocional através da linguagem (CHOI, 2010). Também Pennebaker utiliza análise computacional de textos na investigação sobre o conteúdo psicológico (COOK, 2011). Há, todavia, outras possibilidades de pesquisas mesmo nessa interface, como se discutirá a seguir.

Retornando a proposta de Crystal, ele define *internet linguistics*³⁹ como “análise sincrônica da linguagem em todas as áreas de atividade digital, incluindo email, os vários tipos de salas de bate-papo e de jogos de interação, mensagens instantâneas, e páginas de web, e incluindo áreas associadas de comunicação mediada por computador (CMC), como mensagens (textos) SMS” (CRYSTAL, 2005, p.1). Contudo, esse linguista não se limita ao aspecto sincrônico, uma vez que houve tal mudança nas últimas duas décadas que seria possível fazer também um estudo diacrônico, pois “a internet nos permite seguir, como nunca antes, a frequência e o alcance da mudança da linguagem no vocabulário, na

³⁹ Se manterá a terminologia de Crystal, pois, apesar da grande importância de seu trabalho, a proliferação de nomes para disciplinas não é aprazível na perspectiva adotada aqui, na qual o mais adequada seria falar em Ciências da Linguagem (conforme Costa), sendo a interface em questão entre linguística e internet.

gramática, na ortografia e (cada vez mais) na pronúncia” (CRYSTAL, 2005, p.1).⁴⁰ ⁴¹ Crystal (2005) exemplifica o escopo da *internet linguistics* em três dimensões: o caráter formal da mídia, o seu uso e sua exploração.

Na primeira ele afirma que a comunicação mediada por computador se difere fundamentalmente da conversa tradicional e da escrita (CRYSTAL, 2005), mas, diferentemente dele, se considera que essa diferença é consequência de características e possibilidades próprias daquele meio da mesma forma que qualquer outro meio também se diferenciaria, assim como não se ignora que não são de todo diferentes. Entre as diferenças quanto à fala apontadas por ele, está a carência de resposta simultânea, considerada importante para o sucesso da conversação. Porém, com a popularização de *smartphones* e *tablets*, o aumento do poder aquisitivo e acesso mais barato à internet, cada vez mais aumenta o tempo que as pessoas passam conectadas, sem contar, é claro, o acesso através de computadores na casa, nas instituições de ensino, no trabalho, etc., tornando essa afirmação imprecisa, não obstante o tempo de resposta varia muito. Outra diferença apontada por ele é “a ausência de uma fonologia não segmental (ou tom de voz, o qual *emoticons* tentaram, mas falharam, expressar)” (CRYSTAL, 2005, p.1). Não se questiona essa carência de fato existente, mas que pode ser contornada através de adição de áudio, vídeos ou uma estratégia simples, como a caixa alta. Usar na interação conversacional caixa alta é o equivalente a gritar, que tanto pode indicar felicidade, raiva ou frustração, etc. e que pode gerar inferências (como, por exemplo, sobre impolidez).⁴² Já os *emoticons* tentam mostrar emoções e não tons de voz, e isso já está na formação da palavra. Outra característica elencada por Crystal é a possibilidade simultânea de múltiplas interações. Na escrita, a CMC se diferencia quanto sua dimensão dinâmica através de animações e atualização de página, conforme Crystal. Contudo, há outros elementos que poderíamos acrescentar, como, por exemplo, a mencionada estratégia de Haque. Outra característica, para Crystal, é a possibilidade de reestruturar mensagens por meio das funcionalidades de cortar e colar, porém isso não necessariamente é atributo da web, mas sim dos editores de textos, que estão envolvidos na cultura digital. Ainda outra diferença é a hipertextualidade. Para esse

⁴⁰ Até onde é de conhecimento da autora, não se percebe o mesmo na pronúncia no Brasil, mas como já dito não há muitos trabalhos sobre linguagem e internet, ou, como se prefere aqui, cultura digital, para oferecer uma resposta mais satisfatória.

⁴¹ Do original: “the Internet allows us to follow, like never before, the rate and reach of language change in vocabulary, grammar, spelling, and (increasingly) pronunciation”.

⁴² Se retornará a esse assunto ainda nessa seção a isso.

linguista (2005, p.1-2), essas características são mais importantes do que os efeitos menores que a CMC tem sobre a superfície da linguagem (introdução de novas características gramaticais, vocabulário e ortografia).

Na segunda, há uma tripartição em perspectivas: sociolinguística, educacional e estilística. Para ele, é necessária uma perspectiva sociolinguística, pois surgem novas variedades, nas quais a linguagem está envolvida, assim como o “aumento de uma gama expressiva ao final informal do leque estilístico”⁴³ (CRYSTAL, 2005, p.1). Na perspectiva sociolinguística, conforme Crystal (2005, p.2), ressurgem a discussão sobre o medo que novas tecnologias acarretam. “Os profetas do apocalipse (...) se reuniram novamente quando se notou que a escrita na internet quebrou muitas regras do Inglês padrão formal — em áreas como pontuação, uso de maiúsculas e ortografia”⁴⁴ (CRYSTAL, 2005, p.2). No entanto, ele afirma que a reação deveria ser de exaltação, uma vez que a internet está mais uma vez propiciando o poder criativo do uso da linguagem. Na perspectiva educacional, Crystal considera importante a exploração desse poder criativo, principalmente na literatura.⁴⁵ Por último, a aplicação da internet tanto pode ser para o bem como para o mal. Do lado negro da força,⁴⁶ a internet pode ser usada para o terrorismo, fraude, pedofilia, etc., o que conseqüentemente cria um potencial de aplicação para a linguística forense. Crystal (2011) dedica um capítulo à discussão sobre linguística forense na internet. Conforme esse autor, “muitas companhias e agências estão preocupadas em encontrar formas de identificar conteúdo potencialmente perigoso através do discurso de salas de bate-papo e sites de redes sociais” (CRYSTAL, 2011, p.122).⁴⁷ Além da possibilidade dessa aplicação, Crystal (2005) ressalta que a *internet linguistics* pode melhorar a relevância e coerência de resultados em diferentes áreas, tais como classificação de documentos, pesquisa, publicidade contextualizada e *e-commerce*. Apesar do autor não falar sobre isso nesse artigo, é interessante pontuar o uso de ferramentas de buscas para checar a frequência de uma expressão para determinar qual a mais apropriada aos objetivos da produção, uma estratégia muito valiosa na tradução.

⁴³ Do original: “(...) increasing in expressive range at the informal end of stylistic spectrum.”

⁴⁴ Do original: “The prophets of doom (...) gathered again it was noticed that Internet written broke several of the rules of the formal standard English — in such areas as punctuation, capitalization, and spelling.”

⁴⁵ Proposta de literatura através do Twitter: <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/literatura-twitter-romance-santos-dumont>.

⁴⁶ Ecoando um clássico de George Lucas.

⁴⁷ Do original: “several companies and agencies are concerned to find ways of identifying potentially dangerous content within the discourse of chatrooms and social networking sites”.

Outras possibilidades de pesquisas na cultura digital, ilustradas a partir de interações via RSI, para exploração dessas enquanto fonte de dados linguísticos podem ser: a) representação do nível fonético/fonológico nas mensagens; b) inferências variadas; c) polidez; d) uso de palavrões; e) intenções e seu efeito sobre a interpretação; f) Identificação de opiniões positivas, neutras e/ou negativas.

a) Representação do nível fonético/fonológico

(1) ⁴⁸ – U1⁴⁹ - Ai B e E vcs fazem eu perder meu sono... a noite todaaa!!!

Literalmente.

U2 – q vazada hauhsuahsuahsush

U3 – É que eu fico vendo seriado a noite toda!!! Seu mente poluidaaaa!!!

Hauhauhauhau⁵⁰

A repetição vocálica no final da palavra é usada para enfatizar em que posição o prolongamento da vogal estaria.

(2) U1 postou a figura 2:

U2 – naum intendi⁵¹

Figura 2 - semelhança fonética



Fonte: <http://twitter.com>

O usuário 2 marca na escrita a elevação das vogais 'o' para 'u' em 'não' e 'e' para 'i' em 'entendi' e a nasalização de 'u' através da presença da consoante nasal 'm'.

b) Inferências variadas

(3) Retomando o exemplo 2, a semelhança fonética entre 'gentileza' e 'gente lesa' é explorada para gerar uma inferência que ecoa (conforme proposta da Teoria da

⁴⁸ Se manterá as mensagens e comentários da forma como foram originalmente publicadas por se considerar que fazem parte do que constitui a linguagem na cultura digital, ou parte da retórica digital.

⁴⁹ Os nomes foram suprimidos para proteção da identidade.

⁵⁰ Retirado do Facebook

⁵¹ Retirado do Facebook

Relevância) um ditado, gerando um efeito irônico, percebido por U2 que comenta com outro enunciado irônico, não apenas pela afirmação, mas também pela imitação de variedade linguística estigmatizada quando transposta para a escrita. Se têm inferências pragmáticas e fonológicas.

- (4) Abaixo se tem um enunciado extraído dos comentários de uma publicação da página do Yahoo, logo após o caso de Rafinha Bastos. O humorista fez um comentário grosseiro, que culminou em processo e sua saída da emissora Band, sobre a cantora Wanessa Camargo e sua gravidez.

U1 – Rafinha, nem comer, nem beber, acho que você vai é tomar... rrsrsrsrs

Nesse exemplo há exploração da ambiguidade dos lexemas ‘comer’ e ‘tomar’, este quando seguido de um adjunto adverbial de lugar, para gerar um conjunto de inferências, sendo a última de que Rafinha iria perder o processo. Em suma, inferências pragmática e semântica.

c) Polidez

Como dito, as RSI encerram uma manifestação de uma tendência natural para o relacionamento, não apenas amoroso, mas também social. Se os espaços na cultura digital possuem suas próprias idiosincrasias ao mesmo tempo em que mantêm uma constante análoga ao mundo natural e se a polidez propicia o estabelecimento e manutenção de relações, então esta é de grande valor nesses espaços, assim como apresentará características diferentes de outras formas de interação.

- (5) Contexto, U1 e Daisy Pail foram colegas

U1 – OLÁ DAYSY! TUDO BEM?! ESTUDANDO MUITO?! RESOLVI ESCREVER, PARA SABER QUAL ARTE MARCIAL TU FAZES OU FIZESTE! MUITO BONITA A FOTO DA TURMA! EU FIZ KUNG FU ANTIGAMENTE! GOSTO DESSAS COISAS!!!!!!! UM GRANDE ABRAÇO E TUDO DE BOM PARA TI!!! CORDIALMENTE U1.

Daisy Pail – Oi, estudando sempre. Eu faço Shorinji Kempo, uma arte marcial japonesa. Um abraço e uma ótima semana.

Desconsiderando-se o contexto de produção, o enunciado seria considerado muito polido, no senso comum, talvez até em demasia, posto que estudaram juntos. Contudo, apesar do caráter análogo existente entre conversação face a face e a intermediada por computador, este tipo de interação apresenta características próprias, como colocado por alguns autores já citados. Entre essas características, há presença de convenções para referir

certas instâncias na fala, como o grito. Na cultura digital, é convencionalizado que o uso de maiúsculas ou caixa alta indica que a pessoa está gritando, o que pode ser considerado rude em muitas situações. Durante certo tempo, houve a chamada Netiqueta, e nesta constava que o uso de maiúsculas deveria ser evitado, no entanto, muitas dessas regras parecem não mais se seguir, as convenções da interação na internet parecem ser adquiridas ao longo da experiência.

d) Uso de palavrões

Comum nas mensagens em RSI, nem todos são usados para xingar alguém, às vezes apenas para enfatizar o enunciado, às vezes para fazer graça. Os usos são variados e merecem uma análise uma vez que, conforme Pinker (2008), estão relacionados com o sistema límbico, podendo ser uma forma de se estudar como a mente funciona e quais seus impactos no discurso.

Retomando o exemplo 4, é possível recuperar através de inferências quais palavras viriam a seguir, dado o contexto motivador do comentário já conter um palavrão (“comeria ela e o bebê”), no caso a expressão completa seria ‘tomar no cú’.

(6) U1 – A MELHOR! Hahaha

Não basta ser pobre, tem que dar o nome ao filho de Facebookson.

U2 – Diz a lenda que a o nome foi em homenagem ao pai que se chama Anderson! Bem melhor do que homenagear a mãe que se chama Janete, imaginem, Facebookete?

Através da semelhança fonológica das três últimas sílabas se chega ao palavrão ‘boquete’.

e) Intenções e seu efeito sobre a interpretação

Retomando-se o exemplo 5 e jogando-se com as intenções seria possível ter o segundo resultado. Suponha-se que U1 não goste de Daisy Pail ou que goste de importuná-la e a personalidade desse se assemelhe ao de uma personagem da série “A Feiticeira”, chamada Endora.⁵² Se assim fosse, então a ortografia errada do nome e a demasiada polidez seriam tentativas de demonstrar, respectivamente, desprezo e falsa deferência. Claro que esse exemplo foi estressado com o intuito de demonstrar a diferença que intenções distintas têm em um mesmo enunciado.

⁵² Nessa, Endora, por não gostar de seu genro, troca seu nome seguidas e em alguns episódios usa de discurso extremamente polido, beirando ao piegas, para provoca-lo.

f) Identificação de opiniões positivas, neutras e/ou negativas

A identificação de opiniões positivas, neutras e/ou negativas são de especial interesse para o comércio e a política, principalmente em época de eleições. J.Read (2005) formalizou um conjunto para classificação de emoção através de emoticons; Yang et. al. (2007) construíram um corpus de análise de emoções; Go et al. (2009) utilizaram o Twitter como fonte de dados para um buscador de emoções.

Nesse capítulo se falou sobre a cultura digital no âmbito social e no científico. No primeiro, enfocou-se o surgimento da cultura digital na sua relação entre tecnologia e comunicação e o quadro resultante⁵³ desta com a socialização. Ou seja, as duas primeiras seções são concernentes à “sociedade” do título. No segundo, discutiu-se a cultura digital como objeto científico,⁵⁴ mais especificamente as RSI, em seus aspectos heteromórficos. Objetivou-se demonstrar a complexidade da cultura digital e das RSI, conforme posto por Costa (no prelo). Além das dimensões mencionadas que se misturam e afetam a conversação, há interatividade entre o mundo natural, ou off-line, e o virtual, ou online; são processos dinâmicos, novos elementos surgem numa relação sincrônica assim como diacrônica;⁵⁵ é possível “modelar relações de futuro; são geradas por tecnologia e demandam tecnologia; representam processos racionais, emocionais, sociais, culturais e existenciais; podem ser vistas como verdadeiros laboratórios de novas ciências interdisciplinares, de natureza comunicativo-cognitivo-computacional” (COSTA, no prelo). Note-se a necessidade de processos inferenciais para compreensão, como é possível perceber nos exemplos. Será esse enfoque linguístico sobre inferências que predominará na abordagem do tema proposto.

Dada à complexidade que a cultura digital⁵⁶ e, conseqüentemente, as RSI apresentam, uma abordagem disciplinar se mostra, pois, menos interessante do que uma,

⁵³ Mas não estanque, visto que inovações não estão findas. Felizmente a metáfora da música “metamorfose ambulante”, de Raul Seixas, é mais adequada.

⁵⁴ Ou, antes, como um quadro do qual foram eleitos certos elementos para constituírem o objeto de análise e discussão, essa com certeza uma descrição mais condizente com a abordagem de interfaces que se objetiva.

⁵⁵ O interessante sobre isso é que de certa forma a diferença do tempo de resposta não parece afetar a conversação no contexto digital da mesma forma que na conversação no natural.

⁵⁶ Não se quer dizer com isso que as outras formas de cultura não sejam complexas.

interdisciplinar. Contudo, ainda há poucos trabalhos sobre a linguagem (na perspectiva da Linguística) presente na cultura digital, principalmente no Brasil. Considerando-se a importância que a conversação apresenta na cultura digital, como posto por André Lemos (2009) e Renata Lemos (2010), e que nela as inferências desempenham papel importante, como se discutirá no próximo capítulo, pois há mais comunicado do que codificado. Optou-se, portanto, por realizar a pesquisa em interface com a computação. Dada essa escolha, seguem apresentação da Metateoria das Interfaces (MI) e uma possível interface numa perspectiva inferencial interdisciplinar.

2 INTERFACES PARA UMA PRAGMÁTICA ENRIQUECIDA

Como visto, a Cultura Digital é o espaço nato para a conversação. Desde um objetivo mais elementar como o da interação pela interação a decisões políticas, a conversação se apresenta como uma constante. Portanto, é interessante uma abordagem sobre essa, mas considerando-se a sua complexidade e amplitude não é possível abarcar o todo. Serão apresentadas teorias inferenciais em relação com a polidez e o uso de palavrões. Aquela representa uma tendência para a conexão, princípio basilar das RSI, na medida em que serve para o estabelecimento e a manutenção de relação, ao mesmo tempo em que mantém certo distanciamento. O uso de palavrões ao contrário, tabus linguísticos por definição, seria agressão, portanto um jeito de evitar conexão, no entanto acaba desempenhando papel oposto em muitas ocasiões ao passo que demonstra intimidade e descontração.¹

Nesse capítulo, se abordarão alguns dos modelos e teorias inferenciais de maior destaque na pragmática — Grice, modelo das Implicaturas Conversacionais; Levinson, Teoria das Implicaturas Conversacionais Generalizadas; Sperber e Wilson, Teoria da Relevância —, se apresentará outra proposta —uma abordagem interdisciplinar de diálogo, Costa —, e se problematizará polidez (BROWN e LEVINSON, 1987; ESCANDELL-VIDAL, 1995) e uso de palavrões (PINKER, 2008; JAY, 2009). Ressalta-se que todos esses modelos e teorias foram desenvolvidos em interface. Costa (2004a, no prelo), na interface lógica, linguagem, comunicação e cognição, argumenta que o homem tem uma tendência natural para a conexão, compatível com a teoria darwinista, que se manifesta no Princípio da Conectividade Não Trivial, em um nível anterior ao conteúdo. Grice (1991) desenvolveu, a partir de interface entre lógica e linguagem natural, um modelo para descrição e explicação de princípios gerais da conversação mais satisfatório do que os então existentes. Levinson (2000) desenvolveu e aprofundou, na interface entre semântica e pragmática, uma Teoria das Implicaturas Conversacionais Generalizadas a partir da noção griceana, não explorada por este. Sperber e Wilson (1986 e 1995) defendem, numa interface entre linguagem, comunicação e cognição, um modelo inferencial comprometido com características cognitivas, sendo a principal na teoria, a busca pela relevância. Serão discutidas duas perspectivas sobre Polidez, a mais popular de Brown e Levinson — na qual a interface é entre linguística, sociologia e psicologia — e uma cognitiva, ainda tímida, proposta por

¹ Há uma crônica humorística que diz que a maior prova de amizade é xingar a mãe do outro.

Escandell-Vidal com base na Teoria da Relevância, mantendo, portanto, a interface linguagem, lógica, cognição e comunicação. Os palavrões serão abordados na interface entre linguagem e cognição, principalmente quanto emoções.

O que se percebe nesses trabalhos é que devido à perspectiva interdisciplinar, eles se mostram mais interessantes ao nível explicativo para problemas com características heteromórficas (como discutido no primeiro capítulo), ainda que às vezes esse maior poder explicativo traga ônus à descrição mais aprofundada. Como se tentará demonstrar, algumas dessas teorias e modelos têm um poder explicativo maior do que as demais, enquanto outras, o explicativo. O objetivo geral é ilustrar essas teorias e problematizar a complexidade dos fenômenos que abordam.

2.1 METATEORIA DE INTERFACES

Ronald Giere (2005) defende o perspectivismo² em ciência através da discussão sobre características heteromórficas que não podem ser captadas através de uma única perspectiva ou com um único instrumento. Por meio de ilustração de como a mente processa cores, Giere mostra que devido às diferenças entre *monochromats*,³ *bichromats*,⁴ *trichromats*⁵ e *tetrachromats*.⁶ Devido à capacidade dos receptores e a reação de cada um deles a certa exposição de luz, a percepção sobre a cor será diferente, não podendo assim se descartar uma em detrimento das demais. A perspectiva a ser adotada dependerá de que problema se quer abordar, descrever e explicar. “Isto significa que sempre haverá um relacionamento muitos-um entre *inputs* e *outputs* registrados, cujo relacionamento não é determinado pelos *inputs*, mas pela natureza do instrumento” (GIERE, 2006, p.8).

Costa (2007a, 2007d, 2004a) propôs a Metateoria das Interfaces, em consonância ao perspectivismo de Giere, devido à relação problemática entre o debate sobre ciência quanto ao método e ao objeto e a natureza complexa da Linguística enquanto Ciência. No debate acerca disso, emergem problemas como a multiplicação de disciplinas, concepções

² Ele próprio uma perspectiva.

³ Capta tons de cinza.

⁴ Possui apenas um sistema oposto de processamento cromático.

⁵ Comum ao homem, possui três receptores sensíveis à cor.

⁶ Possui quatro receptores sensíveis à cor, sendo o quarto receptor próximo à região ultravioleta do espectro.

diferentes dentro de uma mesma disciplina, objetos comuns a diferentes áreas do conhecimento.

Paralelamente ao desenvolvimento da Linguística, sobre o qual se falará superficialmente a seguir, se desenvolveu, no século XX, um debate sobre a natureza do conhecimento científico. De acordo com Costa (COSTA, 2007a.), a primeira questão levantada nesse debate foi a demarcação entre **conhecimento comum** e **conhecimento científico** para o qual são cruciais a **verificabilidade** e a **experimentação**, como identificado pelo círculo de Viena. Conforme Costa (2007a, p.4.), “dada uma proposição qualquer, ou ela pode ser verificada em suas condições-de-verdade, ou ela não é científica, pertencendo à especulação metafísica”.

Outra contribuição de importância foi a tese de Duhem-Quine que “afirma que qualquer teoria pode reter suas suposições centrais face a quaisquer indícios anômalos, fazendo-se ajustes para salvar as suposições centrais” (PAPINEU, 2011). Desta forma “uma teoria seria preferida a outra dado que é mais simples com menos uso de mecanismos ad-hoc” (COSTA, 2007a, p.5).

Ainda de acordo com Papineu, outro ponto de suma importância é referente à noção de realidade. Nesse debate se têm quatro principais pontos de vista. Para o chamado **realismo científico**, a cientificidade está relacionada com a verdade nas proposições ou na que apresentar maior veracidade em detrimento a outras teorias concorrentes, de acordo com Costa. Já para o **construcionismo radical**, a realidade está presente, embora todo nosso conhecimento sobre ela seja social. Nessa perspectiva a própria distinção entre real e não real é social. **Realismo moderado**, no qual a ciência pode ser caracterizada como uma perspectiva de abordagem sobre um “objeto que existe em perspectiva para uma perspectiva de nossa condição de apreendê-lo” (COSTA, 2007a, p.6.). E **antirrealistas** que também aceitam a noção de objeto construído, mas de acordo com uma racionalidade desenvolvida no interior de paradigmas.

Dado esse breve quadro, consideremos um panorama do desenvolvimento da Linguística. Tradicionalmente, a linguística se desenvolveu em três perspectivas principais: social, natural e formal. Apesar de, até o século XIX, os estudos sobre a linguagem não disporem de clareza e homogeneidade de tratamento, segundo COSTA (2007a), a partir da primeira metade do século XX, com o trabalho de Saussure, surgiu uma preocupação com a fundamentação da ciência da linguagem. Na separação da linguagem entre língua (*langue*) e

fala (*parole*), somente a primeira possui valor para ciência da linguagem, pois é comum a todos que pertencem a determinada comunidade, enquanto a segunda é individual. Nessa perspectiva, se tem a **linguagem com relação ao social**. A partir de meados do século XX, Chomsky deu início a um movimento que defende que o objeto relevante é o “conjunto de propriedades cognitivas que representam a linguagem interna, inata em suas bases” (COSTA, 2007a, p.3.). Sua abordagem é em defesa de uma biolinguística, ou seja, a relação entre **linguagem e ciências naturais**. Em 1974, Montague retoma a tradição da Filosofia da Linguagem e da Lógica do século XX, assim “as investigações sobre fragmentos da linguagem apenas ilustram os modos de raciocínio formal” (COSTA, 2007a, p.3.). Nessa perspectiva, a relação é com as **ciências formais**. É possível perceber que o desenvolvimento da Linguística não condiz com o da Filosofia da Ciência, discutido brevemente no parágrafo anterior.

Assim, como posto por Costa (2007a, p.8), “a tentativa de uma reorganização metateórica das ciências da linguagem passa pelo levantamento de problemas cruciais sugeridos pela Filosofia da Ciência em geral e por uma tentativa de reavaliar metateoricamente os programas potenciais de investigação”.

Os quatro problemas que se tem são: i. diversidade de concepções (como se demonstrou); ii. caráter interdisciplinar indefinido (como compatibilizar as disciplinas envolvidas); “iii. circunstâncias ricas para universalidade trivial (quanto as línguas humanas, se tem diversidade estrutural, pluralidade cultura, idiosincrasias lexicais, dependência de contexto do significado que bloqueiam generalizações relevantes; e quanto a linguagem enquanto sistema, há propriedades universais que, se identificadas, são por demais limitadas e pobres); iv. inadequação entre descrição e explanação” (COSTA, 2004a, 2007a, 2007d).

O primeiro problema está relacionado com o desenvolvimento de relações interdisciplinares em consequência à “aproximação de aspectos técnicos, metodológicos e, principalmente, pela intersecção de objetos comuns a diversas áreas” (COSTA, 2007a, p.10), sendo a dificuldade produzir “conhecimento científico nas margens de variados conceitos, sem perder objetividade e rigor” (COSTA, 2007a, p.10).

Assim tendo em vista a multiplicação de disciplinas, as concepções diferentes dentro de uma mesma disciplina, a interdisciplinaridade, os objetos comuns entre diferentes áreas e objetos complexos, Costa propõem uma Metateoria das Interfaces para se escapar desses problemas. De acordo com essa, **a(s) interface(s) construída(s) determina(m) o objeto**. Essa

forma de ver o fazer pesquisa é compatível com a Incomensurabilidade das Teorias e com o Perspectivismo, no qual “o objeto em si mesmo é pressuposto pela teoria, em um compromisso ontológico articulado ao metodológico” (COSTA, 2007a, p.6).

Assume-se, pois que a “Linguística, como disciplina autônoma, concorre e perde para visões interdisciplinares mais ricas” (COSTA, 2007a, p.6), que é compromisso das interfaces externas construir o objeto como relevante para as disciplinas em foco (evitando-se a proliferação de interfaces), e que a pesquisa se dá antes na relação entre as interfaces internas.

2.2 TEORIAS INFERENCIAIS

Nesta seção, serão discutidas e ilustradas teorias inferenciais. A primeira delas é uma proposta de abordagem interdisciplinar de diálogo, na qual outras teorias podem ser articuladas para a descrição e explicação desse. A segunda é o modelo de Implicatura Conversacionais de Grice. A terceira é a Teoria das Implicaturas Conversacionais Generalizadas, desenvolvida por Levinson. E a última é a Teoria da Relevância, baseada em compromissos cognitivos.

2.2.1 Uma abordagem interdisciplinar de diálogo

Reiterando a importância que a conversação tem não apenas na comunicação em geral, conforme Grice (1991), Levinson (2000), e Sperber e Wilson (1995, 2002), mas também na cultura digital (LEMOS, 2009; LEMOS, 2010), principalmente nas RSI, se descreverá a proposta de Costa (no prelo) de uma abordagem interdisciplinar para o diálogo. De acordo com esse autor, “(...) o jogo dialógico envolve uma notável complexidade de aspectos heteromórficos ainda que coordenados pela fluência verbal, o que se torna absolutamente evidente quando se tem pela frente as redes sociais na internet” (no prelo). Apesar da aparente trivialidade que o diálogo tem, “envolve complexidades semânticas, pragmáticas, intencionais, imaginativas, emocionais, inferenciais, etc.”, conforme Costa (no prelo).

Assim como esse, outros pesquisadores também devotaram atenção ao diálogo. Douglas Walton deu grande atenção em seus trabalhos ao diálogo dentro de situações que

se podem chamar tensas (cf. Rauen, 2008. p.26-56). Essa forma de interação é de especial interesse quanto da sua ligação com ciências formais: “(...) tipos de diálogo que se aglomeram ao redor das bordas da discussão crítica (...) são necessários para apoiar as avaliações de argumentos como falaciosos ou não falaciosos” (WALTON, 1992, p.133). Ele pontua, que outro aspecto comum ao diálogo — sua variação tipológica — também é vital para avaliar se um argumento é falacioso ou não (WALTON, 1992, p.133). “O conceito de compromisso⁷ é a ideia básica por trás de todo diálogo como uma forma de argumentação fundamentada” (WALTON, 1992, p.134). Na perspectiva de Walton, um diálogo é uma troca de atos de fala entre parceiros discursivos, com uma mesma meta, apesar de cada também ter seus próprios objetivos (cf. WALTON, 1992, p.133).

Antes do “conteúdo” há algo anterior — em concordância com a teoria de Darwin— que permite e provoca o diálogo: uma tendência de “base inata para formar redes comunicativas de preservação de sistemas informativos, análogas às redes neuronais de preservação genética” (COSTA, no prelo). Essa tendência se manifesta no Princípio da conectividade não trivial. De acordo com Costa, “nesse sentido, a primeira expressão de tal princípio é o de que ele se expressa através de uma linguagem especial, humana, e a segunda é que ele representa, de maneira geral, compromissos informativos não redundantes” (2004b). Esse princípio “o suporte cognitivo que se enraíza em duas direções, a físico-químico-biológica, que dá conta da natureza da espécie humana no mundo animal e a comunicativo-cultural, que dá conta da espécie humana no mundo social” (no prelo).

O diálogo é assumido como unidade básica de comunicação social, na qual o bilateral é a forma mais elementar. De acordo com Costa (no prelo), “a estrutura significativa do Diálogo envolve aspectos lexicais, sintáticos, semânticos e pragmáticos”. Estes aspectos desempenham papel importante em todos os níveis de articulação do diálogo e também para proporcionar a este **condições de veracidade** (COSTA, 2004b). Esse conceito surge devido a um entrave para o estudo das condições de verdade em uma interface entre lógica *strictu senso* e linguagem natural, a aceitação existente de argumentos falaciosos. Strawson viu, na “conexão entre significado e intenção, binômio capaz de preencher a lacuna aberta pelo tratamento puramente lógico das condições de verdade das proposições” (*apud* COSTA, 2004b). Contudo, Costa entende que há diferença entre potencialidade para condições de

⁷ Conjunto de proposições.

verdade e condições de verdade. Com a finalidade de eliminar esse problema, é assumido o conceito de condições de veracidade que se realizam nas condições de boa formação sintática, de boa formação semântica e de adequação pragmática. Além disso, as condições de veracidade são uma verdade provisória ou *online*.

Há pelo menos quatro níveis de articulação para descrição do diálogo, quais sejam: o **dito**, o **implícito**, o **intencional/emocional** e o **inferencial**, cada um deles influencia na compreensão de um enunciado. O contexto codificado semanticamente no dito é relacionado com o sentido implícito. Este é pressuposto pelo contexto. O intencional, ligado ao emocional, guia um diálogo afetando o inferencial. “Dada uma certa intenção, o significado dialógico é obtido pela interatividade das subpartes”.⁸ Como ilustração, é possível recuperar o exemplo 5, no primeiro capítulo:

(7) Contexto, U1 e Daisy Pail foram colegas

U1 – OLÁ DAYSY! TUDO BEM?! ESTUDANDO MUITO?! RESOLVI ESCREVER, PARA SABER QUAL ARTE MARCIAL TU FAZES OU FIZESTE! MUITO BONITA A FOTO DA TURMA! EU FIZ KUNG FU ANTIGAMENTE! GOSTO DESSAS COISAS!!!!!!! UM GRANDE ABRAÇO E TUDO DE BOM PARA TI!!! CORDIALMENTE U1.

Daisy Pail – Oi, estudando sempre. Eu faço Shorinji Kempo, uma arte marcial japonesa. Um abraço e uma ótima semana.

Forçando a exploração de intenções, se U1 não gosta de Daisy Pail ou que goste de importuná-la, então a ortografia errada do nome e a demasiada polidez seriam tentativas de demonstrar, respectivamente, desprezo e falsa deferência.

Costa expõe algumas hipóteses sobre o diálogo que são reproduzidas abaixo:

(A) O diálogo é uma peça comunicativa básica em que a estrutura pode ser assumida como envolvendo propriedades lexicais, sintáticas, semânticas, pragmáticas; (B) O diálogo expressa significados explícitos ou ditos e significados implícitos ou implicados depreensíveis; (C) As inferências na interface semântico-pragmática podem ser identificadas como implicaturas griceanas, acarretamentos e pressuposições, reguladas por uma propriedade de relevância, enquanto relação adequada de custo e benefício; (D) O diálogo é constituído por uma relação de trocas conversacionais controladas por noções de relevância pressupostas tacitamente pelos interlocutores; (E) No diálogo, o conjunto de afirmações explícitas mais o conjunto de implícitos permitem que cada interlocutor infira a intenção do outro, sua imaginação e seu estado emocional; (F) No diálogo argumentativo, a produção de conhecimento consiste num confronto de posições em que a verdade se identifica como a posição vencedora – conexão da retórica com a lógica.

⁸ Comunicação feita em aula em 18 de outubro de 2010 por Jorge Campos da Costa

A proposta de Costa é compatível com as teorias inferenciais apresentadas a seguir.

2.2.2 Teoria Inferencial das Implicaturas

Grice, em *Logic and Conversation*,⁹ após caracterizar uma manobra da Filosofia da Linguagem que consiste em: numa gama de expressões E, cada expressão (α) incorporada de forma subordinada não pode ser aplicada a determinadas situações com risco de parecer estranha, inadequada ou sem sentido. A característica importante dessas situações é que as expressões falharam em satisfazer alguma condição C e que uma propriedade do conceito expresso por α é aplicável apenas se C é satisfeito. Contudo, ele aponta essa condição como algo suspeito e ilustra isso através de interface entre lógica formal e linguagem natural, distinguindo um uso inadequado devido a ser falso ou falhar em ser verdadeiro ou por outra razão, no caso, quando essa condição for relativa ao falante.¹⁰

Como ilustração, tomemos o verbo ‘tentar’, do qual “A tentou fazer X”, sendo a condição C (ou condição suspeita) que ou A não conseguiu fazer X ou que o fez com dificuldade. Suponha-se que A extraiu todos os sisos no mesmo dia e que, no terceiro dia, B pergunta para C se A está conseguindo se alimentar ao que C responde *A estava tentando comer bolo quando eu sai*. A resposta de C não implica que A conseguiu ou não ou que teve dificuldade. Dessa forma, a condição suspeita é forte demais para esse exemplo. É a partir de outros exemplos como esse — que demonstram que “é um erro considerar essa condição [condição suspeita] como condição de aplicabilidade para uma palavra ou frase em particular, se por condição de aplicabilidade se entende uma condição cujo descumprimento priva a aplicação de uma palavra ou de uma frase cruciais de um valor de verdade”¹¹ (GRICE, 1991, p.20)—, que Grice sugere que casos nos quais o descumprimento é do tipo relativo ao falante seriam mais bem explicados através de “certos princípios gerais do discurso ou do comportamento racional”¹² (GRICE, 1991, p.20) e na capacidade desses implicarem ou

⁹ Originalmente publicado em Grice, H.P.. *Logic and Conversation*. In COLE, P.; MORGAN, J.L.(eds). **Syntax and Semantics**, vol 3. New York: Academic Press, 1975.

¹⁰ ‘Falante’ sera usado indiscriminadamente tanta na acepção usual quanto para identificar o produtor no enunciado nas RSI ou espaço de comentários em um site.

¹¹ Do original: “(...) is a mistake to consider this condition to be a condition of applicability for a particular word or phrase, if by ‘condition of applicability’ is meant a condition whose nonfulfillment deprives the application of the crucial word or phrase of a truth-value.”

¹² Do original: “(...) certain general principles of discourse or rational behavior”

sugerirem sentidos. Esses princípios e essa capacidade são descritos no seu modelo inferencial de comunicação, no qual a noção de contexto e intenção,¹³ apesar de considerada apenas no sentido de provocar certo significado que será inferido pelo ouvinte,¹⁴ desempenham papel especial, pois “todo enunciado linguístico cria expectativas que guiam o ouvinte para a interpretação” (PAIL, 2011, p.45). Levinson (1983) destaca que o modelo de Grice tem grande capacidade para: explicar fenômenos linguísticos e “regras” de conversação numa abordagem pragmática; explicar como um enunciado significa mais do que o dito; explicar como partículas, como ‘só’, ‘mesmo’, ‘até’, se transformam em mecanismo pragmáticos; explicar contradições e tautologias; simplificar descrições semânticas quanto a estruturas e conteúdos.

Uma vez que a comunicação social é realizada com sucesso,¹⁵ Grice defende que dirigindo a interação dialógica há leis implícitas, o que gerou algumas críticas quanto ao caráter impositivo que isso acarreta. No entanto, como pontuado por Costa (2007b, p.2), “não é possível, nem imaginável, segundo ele [GRICE], que um ato comunicativo pudesse ser totalmente livre, a ponto de falante e ouvinte perderem o controle do próprio jogo” e acrescenta que “ao contrário, as regras do ato comunicativo talvez tenham sido aprendidas concomitantemente à aquisição da língua, de tal forma que um falante competente do português também conhece os efeitos de sentido que uma mensagem em português pode adquirir pela ação das regras do jogo comunicacional a que está submetido” (COSTA, 2007b, p.2). Tais regras são descritas no **Princípio de Cooperação**¹⁶ (PC), definido por Grice como segue: “faça sua contribuição conversacional como requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção aceitos na troca conversacional na qual você está engajado”¹⁷ (GRICE, 1991, p.26).

Partindo da diferenciação entre significado da sentença e significado do falante, são introduzidos os seguintes termos técnicos: **implicar** (*implicate*), **implicatura** (*implicature*) e **implicado** (*implicatum*) com o objetivo de organizar um sistema que explique melhor esse tipo de significação (que vai além do dito).¹⁸ Suponha-se que A pergunte para B se C

¹³ Identificada por Levinson (2000) como m-intention

¹⁴ ‘Ouvinte’ também será usado para identificar o destinatário em RSI e espaços para comentários em sites.

¹⁵ Não que não haja desentendimentos, mas sim que os “entendimentos” superam em número.

¹⁶ O PC é pressuposto para haver continuação da conversação ou deixar aberto para uma futura.

¹⁷ Do original: “(...) Make your conversational contribution such as required, at the stage at which it occurs, by the accepted purpose or direction of the talk exchange in which you are engaged.”

¹⁸ Mantém-se aqui a noção de ‘dito’, presente em Grice, relacionada com o conteúdo semântico.

continua casado, ao que B responde: *Aham, parou de comer fora*. Pode-se entender que (1) C fez as pazes com a esposa; ou (2) (num enunciado mais grosseiro/sacana) que C não está mais traindo a esposa. Ambos dizem respeito ao que se poderia entender, mas que não está dito (o conteúdo semântico seria que C não está mais fazendo refeições fora), ou seja, o que é implicado vai além do que é linguisticamente codificado. Esse tipo de significação é denominado por Grice como **implicatura**, diferenciando-se dois tipos: **implicatura convencional** e **implicatura conversacional (IC)**.

Nas implicaturas convencionais “o significado convencional das palavras empregadas determinam o que é implicado, além de ajudar a determinar o que é dito” (GRICE, 1991, p.25).¹⁹ Considerando-se

- a. Freud explica, no entanto continuo não entendendo.
- b. A Panini lançou o primeiro volume de Homem Aranha Noir, portanto deve lançar o segundo em breve.

Está dito em a. que Freud explica e que não entendo e implicado que uma vez que Freud explicou eu deveria entender, o mesmo ocorre com b. Em ambos exemplos, o valor semântico determina o que é implicado. Já as implicaturas conversacionais não estão necessariamente presas ao valor semântico, pois são “essencialmente relacionadas com certas características gerais do discurso” (GRICE, 1991, p.25).²⁰ As implicaturas desse tipo se subdividem em outros dois, a saber, **implicatura conversacional generalizada** (não dependente de um contexto específico) e **implicatura conversacional particularizada** (dependente de um contexto em particular). Retomando o exemplo — *Aham, parou de comer fora*. —, em dois quadros distintos: o primeiro independente de contexto, no qual o implicado seria que C voltou a comer em casa; e o segundo dependente de contexto, em que C estava traindo a esposa, e que havia terminado com a amante. Os quadros ilustram, respectivamente, uma implicatura conversacional generalizada (ICG) e uma implicatura conversacional particularizada (ICP). A ICG se diferencia, a princípio,²¹ de uma inferência de natureza semântica, na medida em que a primeira pode ser cancelável (uma das características da implicatura, como se discutirá mais a frente), ou seja, não é necessário que

¹⁹ Do original: “(...) the conventional meaning of the words used will determine what is implicated, besides helping to determine what is said”.

²⁰ Do original: “(...) essentially connected with certain general features of discours”.

²¹ Em alguns casos parece difícil determinar quando acaba o valor semântico e quanto começa uma implicatura, como Grice e Levinson apontam.

C não estivesse comendo em casa, ele poderia, por exemplo, fazer uma refeição lá, já não se pode negar que ele estava fazendo pelo menos uma refeição fora. No entanto, Grice não se ateve a esse tipo de implicatura,²² seu foco se manteve nas ICPs.

É fundamental (como se demonstrará) para esse tipo de implicatura, o Princípio de Cooperação (PC), ao qual se relacionam quatro **categorias** fundamentais, quais sejam: **Quantidade, Qualidade, Relação e Modo**. A essas categorias se ligam máximas e supermáximas que gerariam resultados de acordo com o PC.

A categoria de **Quantidade** é relacionada com o grau de informatividade e sobre a qual recaem duas máximas: “1) Faça sua contribuição tão informativa quanto é necessário (para o propósito corrente da conversação); 2) Não faça sua contribuição mais informativa do que é necessário” (GRICE, 1991, p.26).²³ Como pontuado por Grice, ser prolixo não consiste em transgressão do PC, no entanto pode levar o ouvinte a procurar significados para o excesso de informação. Já quanto a segunda máxima, Grice sugere que é dependente de outra, a saber a de Relevância. A segunda categoria (**Qualidade**) é referente à veracidade das informações fornecidas e está relacionada diretamente à supermáxima: “Tente fazer com que sua contribuição seja verdadeira”²⁴ (GRICE, 1991, p.27) e a outras duas máximas mais específicas: “1) Não diga o que acredita ser falso; 2) Não diga algo para o qual não tenha evidência adequada” (GRICE, 1991, p.27).²⁵ Para Grice, essa é a mais importante de todas as categorias e, talvez, não devesse ser incluída junto às demais, uma vez que elas somente seriam ativadas se as máximas de qualidade fossem satisfeitas. Sob a categoria de **Relação** encontra-se apenas uma máxima, a saber “Seja relevante”. Apesar de não se ater a essa máxima, Grice não a desqualifica, ao contrário aponta seu valor e deixa claro a importância de explorá-la, talvez dada a complexidade dessa, como apontado por Costa (2008a) e Sperber e Wilson (1995). A última categoria, **Modo**, está relacionada, conforme Grice (1991, p.27), a forma como se diz algo e a ela se ligam outras máximas como: “1) Evite obscuridade de expressão; 2) Evite ambiguidade; 3) Seja breve (evite prolixidade desnecessária); 4) Seja ordenado” (GRICE, 1991, p.27). Contudo, Grice não as coloca como

²² Quem mais explorou a noção de ICG foi Levinson (2000), mas não por não considerar as ICGs importantes, e sim porque naquele momento queria focar sua atenção nas ICPs por abarcarem fenômenos mais gerais (Grice apud Levinson, 2000).

²³ Do original: “1) Make your contribution as informative as required (for the current purpose of the exchanges). 2) Do not make your contribution more informative than is required”.

²⁴ Do original: “Try to make your contribution one that is true”.

²⁵ Do original: “1) Do not say what you believe to be false. 2) Do not say that for which you lack adequate evidence”.

uma lista fechada, ele sugere que podem ser incluídas outras como, por exemplo, “seja polido”.

A atitude do locutor quanto às máximas pode variar, são quatro as atitudes, segundo Grice: 1. O locutor pode aparentemente **quebrar** uma máxima, às vezes com o intuito de enganar; 2. Ele pode **optar** por não cooperar da forma como uma máxima requer; 3. Ele pode se deparar em uma situação em que máximas entrem em **choque** e desta feita escolher descumprir aquela que menos traria prejuízo; 3. Ele pode, também, **abandonar** uma máxima, quando isso ocorre diz-se que a máxima foi explorada.²⁶ Assim considerando-se as atitudes, as implicaturas conversacionais podem ser geradas em três situações que serão discutidas e ilustradas a seguir.

a) Nenhuma máxima é quebrada

A chega em casa e comenta que está com fome, ao que B responde *Tem pizza na geladeira*. A ligação entre o comentário de A e B é clara. B implica que A pode comer a pizza que está na geladeira. Não há razão para se supuser que, no exemplo, B está optando por não seguir o PC e que não está agindo de acordo com as máximas. No exemplo a seguir a ligação não é tão aparente, E pergunta para F se G já superou certa paixãoite e F comenta *G continua ouvindo Stevie Wonder*. F implica que por estar apaixonado G continua ouvindo Stevie Wonder, há um aparente abandono da máxima de relação.

b) Uma máxima é quebrada para que outra não seja

Suponhamos a seguinte situação: um homem e uma mulher conversando em que A diz *Eu gosto muito de você* e B responde *Eu também, você é um ótimo amigo*. B abandona a máxima de relação para não abandonar a de qualidade, mas não por optar não seguir as máximas.

c) Quebra de uma máxima para obter implicatura conversacional através de algo de natureza de figuras de linguagens.

Nesse caso, conforme Grice, “(...) embora alguma máxima seja violada no nível do que é dito, o ouvinte é autorizado a assumir que aquela máxima, ou pelo menos o todo do Princípio de Cooperação, está sendo seguido em nível do que é implicado” (GRICE, 1991, p.33).²⁷

²⁶ Respectivamente: *violate*, *opt out*, *clash*, *flout* e *exploited*.

²⁷ Do original: “(...)though some maxim is violated at the level of what is said, the hearer is entitled to assume that that maxim, or at least the overall Cooperative Principle, is observed at the level of what is implicated”.

Em todos os exemplos, a aparente e/ou a clara quebra das máximas, para serem interpretadas dependem de se supor que o falante está pelo menos agindo de acordo com o PC, ou seja, que há uma intenção por trás de tal atitude — lembrando que intenção em Grice diz respeito a querer provocar certa interpretação no ouvinte— para se continuar a interação.

Para Grice as implicaturas conversacionais devem ter certas características:

Ser cancelável – a IC é explicitamente cancelável quando se pode adicionar ‘mas não *p*’ ou ‘não tive intenção de implicar que *p*’ e contextualmente cancelável se é possível encontrar uma situação em que a IC não seria gerada. Retomando o exemplo — *aham, parou de comer fora* — o implicado de que C estava traindo a esposa pode ser cancelado através, por exemplo, da adição da oração que segue: *agora estão passando mais tempo juntos*. Contudo, como colocado por Grice, toda IC é cancelável, mas nem tudo que é cancelável é IC;

Não ser separável – “essa propriedade diz respeito ao fato de que as implicaturas conversacionais, para que possam ser calculadas, exigem um conhecimento contextual, além do conteúdo semântico da expressão, não dependendo, portanto, do modo da expressão. Em outras palavras, a implicatura permanecerá desde que se diga a mesma coisa ainda que de outra maneira, com sinônimos, por exemplo”(COSTA, 2007b):

A – Estou com fome/Ainda não comi

B – Tem pizza na geladeira/Há pizza no refrigerador.

No entanto, como Grice alertou, em *Further Notes on Logic and Conversation* (GRICE, 1991, p.43), essa característica não estará presente em casos nos quais a ICP se derivou da forma como foi dito, como é o caso do exemplo em *ser indeterminável* ou do de prolixidade.

Ser indeterminável – *ele é gente fina* ou *ele é um cara de peso*, a ambiguidade criada pela metáfora não permite que se considere como determinado;

Não ser convencional – ou seja, o sentido do enunciado não se deve ao valor semântico, como no exemplo em que A pergunta para B se C continua casado e B responde: *Aham, parou de comer fora*. O valor semântico ou o dito nesse caso é que C estava comendo em outro lugar que não em casa;

Não ser determinada pelo dito – mas pelo dito mais a forma de se dizer aquilo, como por exemplo, *C está colocando uma série de ingredientes em uma determinada ordem e*

quantidade em uma panela sobre a chama do fogão em que a forma, no caso a falta de concisão, irá gerar uma implicatura;

Ser calculável ou dedutível – para Grice, a implicatura deve ser passível de cálculo lógico, mesmo que possa ser colocada em um argumento compreendido intuitivamente, do contrário será uma implicatura convencional. O cálculo da ICP irá depender dos seguintes dados: “(...) (1) o significado convencional das palavras usadas, junto com a identidade de qualquer referências que possa estar envolvida; (2) o Princípio Cooperativo e suas máximas; (3) o contexto, linguístico ou não, de uso; (4) outros itens de conhecimento de mundo; (5) o fato (ou fato suposto) de todos os itens relevantes sob títulos prévios estão disponíveis para ambos participantes e ambos participantes sabem ou assumem isso como se fosse o caso” (GRICE, 1991, p.31).²⁸ Como exemplo para ilustração, será retomado um dos breves diálogos:

A – C continua casado?

B – Aham, parou de comer fora.²⁹

Assim, o cálculo desenvolvido por A para entender o enunciado poderia ser, não havendo razão para pensar que B não está observando as máximas, ou pelo menos o PC: Suposição 1 – o relacionamento de C com a esposa não estava muito bem; Suposição 2 – C é suscetível a relacionamentos extraconjugais; Suposição 3 – ‘comer’ também significa, considerando-se o contexto presente na suposição anterior, fazer sexo com alguém; Se isso procede, então por ‘comer fora’ B quer implicar fazer sexo com outra que não com a esposa e, mais, que C continua casado por ter terminado o caso extraconjugal.³⁰

Grice³¹ não considera essas características como teste necessário e/ou suficiente para determinar se se trata de IC, mas como uma forma de decidir se é um implicado não convencional ou se um elemento do significado convencional (GRICE, 1991, p.43). Ele também diz que, ainda que se faça a demonstração dessas características, talvez não seja suficiente para diferenciar ICPs de ICPs que se tornaram convencionais.

²⁸ Do original: de “(...) the conventional meaning of the words used, together with the identity of any references that may be involved; (2) the Cooperative Principle and its maxims; (3) the context, linguistic or otherwise, of utterance; (4) others items of background knowledge; (5) the fact (or supposed fact) that all relevant items falling under the previous headings are available to both participants and both participants know or assume this to be the case”.

²⁹ Como dito há pelo menos duas implicaturas possíveis para esse enunciado, mas se mostrará apenas um deles.

³⁰ Adaptado do padrão geral apresentado por Grice na p.31.

³¹ *Further Notes on logic and conversational*, originalmente publicado em 1978 em Cole, p.113-128.

As categorias e as máximas não foram propostas para impor regras à comunicação, mas como uma forma de sistematizar uma abordagem pragmática sobre a conversação. O PC e as máximas, como Grice coloca, foram estabelecidas como se essa proposta fosse uma troca maximamente efetiva de informação, sua observação é espontânea e, em geral, o falante tende a proceder assim (GRICE, 1991, p.28), por isso o uso do termo aparente, uma vez que se houvesse uma quebra real, a intenção seria acabar com a conversação, ou seja, uma quebra do PC.

Esse comportamento, observar às máximas, tem manifestações análogas em outras formas de interação.³² Isso se deve ao fato de Grice não entender a conversação como um tipo especial de comportamento intencional, ainda que racional. Grice assume que se seu argumento estivesse correto, ele só poderia desenvolvê-lo melhor depois de tratar com clareza a natureza de relevância. Conforme Grice, “se tal conclusão pode ser alcançada, não estou certo; de qualquer forma, estou quase certo de que não posso alcançá-la até estar mais seguro sobre a natureza da relevância e as circunstâncias nas quais é requerida” (GRICE, 1991, p.30).³³

Grice confessa saber que seu modelo é antes uma incursão informal para problematizar a interface entre lógica e linguagem natural para tratamentos de situações que não cabiam dentro dos modelos então existentes e que o seu é demais restrito e carente de generalização capaz descrever como os princípios gerais influenciariam ou guiariam a ação dos outros (GRICE, 1991, p.28). Outro ponto não abordado em Grice, apesar de compatível, é o comprometimento com processos e tendências cognitivas, aos quais estão ligadas a influência mencionada.

O modelo griceano se mostra fragilizado em determinados exemplos. Certo dia, a caminho da universidade em um ônibus lotado, eu, que estava sentada, notei uma mulher em pé com barriga saliente, estilo três-quatro meses, usando uma bata, legging e rasteirinha. Sorrindo, perguntei se ela gostaria de sentar, ela, também sorrindo, disse que não e me perguntou porque, ainda sorrindo. Nesse momento eu tinha duas escolhas: dizer a verdade ou mentir. Agi de acordo com as máximas — ou, no estilo de Pinker, fui a mulher máxima — e, sem sorriso e com incerteza na voz, perguntei se ela não estava grávida. Óbvio

³² Ver GRICE, 1991, p.28

³³ Do original: “Whether any such conclusion can be reached, I am uncertain; in any case, I am fairly sure that I cannot reach it until I am a good deal clearer about the nature of relevance and the circumstances in which it is required”.

que a amabilidade sumiu nesse momento, teria sido mais polido mentir, violar a primeira máxima de Qualidade, a despeito de Grice insinuar que essa deveria estar a parte das demais por considerá-la mais importante e basilar.

Enquanto Levinson aprofundou a explicação do modelo griceano e desenvolveu uma verdadeira teoria sobre as Implicaturas Conversacionais Generalizadas (tema da próxima seção), Sperber e Wilson elaboraram uma reinterpretação cognitiva do modelo de Grice a partir da relevância como um princípio geral (tema da seção 2.2.4).

2.2.3 Teoria das Implicaturas Conversacionais Generalizadas

Seguindo a mesma linha de Grice, Levinson não se compromete com tendências cognitivas, ele mantém o foco apenas no linguístico por pretender uma descrição e explicação mais rigorosa do que um modelo mais amplo poderia oferecer ao fenômeno que ele observa. No entanto, ele não coloca seu modelo como incompatível com perspectivas cognitivistas.

Levinson, partindo da noção de Implicaturas Conversacionais Generalizadas (ICG) de Grice, defende que essas são uma espécie de interpretação preferencial (cf. Levinson, 2000, p.xiii), na qual a pragmática funciona ao mesmo tempo como *input* e *output* em relação à semântica. Levinson entende que há uma instância mais forte entre a semântica e a pragmática, pois representa um nível não típico dentro desta última. Desta forma, é defendido na teoria três níveis correlacionados de significado: **significado da sentença tipo**, **significado do enunciado tipo** (*default*) e **significado do enunciado ocorrência**. O primeiro diz respeito à teoria de gramática em amplo sentido e o último, dependente de contexto específico, a implicaturas conversacionais, já o segundo estaria entre esses dois, o nível proposto por Levinson: “o significado presumível (...) que é sustentado pela estrutura da linguagem, e não em virtude de contextos particulares de uso” (2000, p.1).³⁴ Conforme Carston, “(...) embora estas interpretações tipo sejam licenciadas por certos princípios pragmáticos ou heurísticas, eles são ‘baseados não em cálculos diretos sobre a intenção do falante, mas em expectativas gerais sobre como a linguagem é normalmente usada

³⁴ Do original: the presumptive meanings (...) which are carried by the structure of the language, and not by virtue of the particular contexts of utterance”.

Escala negativa	<nenhum, não todos>, ‘não todos’ +> ‘não nenhum’, isso é ‘algum’;
Oracional	<desde-p-q, se-p-q>, ‘se p então q’ +> p é ‘incerto’
Escala não acarretada	<conseguir, tentar> ‘tentar’ +> ‘tentar’ +> ‘não conseguiu’
Conjuntos não acarretados	{amarelo, vermelho, azul...} ‘amarelo’ +> ‘não vermelho, etc.’

1. Alguns convidados, se não todos, já chegaram. +> Nem todos os convidados chegaram.
2. Ela não comeu todas as balas. +> Ela comeu ‘*não nenhuma’ bala, > ela comeu algumas balas.
3. Alguns convidados, se não todos, já chegaram. +> Possivelmente todos os convidados já chegaram.
4. Ele tentou concertar o telhado. +> ele não conseguiu.⁴⁰
5. O meu casaco é o vermelho. +> não é o azul, nem o amarelo, etc.

Implicatura oracional é hierarquicamente superior à escalar, podendo assim cancelar esta. Quando há incoerência entre as implicaturas, o abandono da implicatura escalar ocorrerá de acordo com a máxima de relevância de forma semelhante à proposta de Grice, conforme Levinson (LEVINSON, 2000, p.52), e não a de Sperber e Wilson.⁴¹ A noção de relevância permitiria limitar a quantidade de inferências justificadas.

I-Heurística: O que é descrito simplesmente é estereotipicamente exemplificado. É diretamente relacionado à segunda máxima griceana de Quantidade.⁴² Expressões curtas e simples estimulam “uma tendência para selecionar a melhor interpretação para a mais estereotípica interpretação, a mais explicativa exemplificação” (LEVINSON, 2000, p.37).⁴³ Nesta está envolvido todo o conhecimento enciclopédico sobre um domínio que produzirá uma interpretação rica com um mínimo de descrição, conforme Levinson (2000, p.33). Essa heurística é cancelável pela terceira, como se demonstrará através dos exemplos.

1. Ele comeu e foi trabalhar.

M-Heurística: o que é dito de forma anormal não é normal ou mensagem marcada indica situação marcada. Essa heurística está relacionada com a máxima griceana de Modo⁴⁴

⁴⁰ Contudo, apesar de o exemplo seguir o modelo proposto em Levinson quanto a esse tipo de implicatura, afirmar que ‘tentar’ acarreta não conseguir é problemático, como demonstrado no início da seção anterior.

⁴¹ Levinson não explica a razão para não considerar a noção de relevância desses autores.

⁴² “Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerida”.

⁴³ Do original: “a tendency to select the best interpretation to the most stereotypical interpretation, most explanatory exemplification”.

⁴⁴ “Seja claro”

e mais diretamente as submáximas “evite obscuridade de expressão” e “evite prolixidade”. De acordo com essa heurística se um falante emprega uma expressão incomum ou palavra incomum, então o que ele quer significar não deve ser entendida de forma estereotípica. Modificando-se o exemplo 1 em heurística Q:

2. Ele jogou a comida goela abaixo e foi trabalhar.

Algo descrito de forma marcada ou de forma não usual deveria ser entendida como contrastante em relação ao que é dito de forma normal ou estereotipificada. Assim nesse exemplo, se quer implicar, por exemplo, que ele comeu muito rapidamente ou que comeu a contragosto, visto a expressão ‘goela abaixo’ conota algo não desejado, ainda que voluntário. Voltando ao exemplo, ele poderia ter comido para não fazer desfeita a quem cozinhou, apesar de não desejar comer o que foi preparado.

Uma vez que diferentes modos de gerar uma ICG podem gerar inconsistências entre elas, Levinson defende que há um **problema de projeção** que se resolve com uma ordem hierárquica. Assim a Q-heurística é prioritária sobre a M-heurística que por sua vez é prioritária sobre a I-heurística,⁴⁵ ou seja, conforme Carston (2004, p.4), uma pode cancelar a outra se forem inconsistentes entre si. Segundo Levinson, essa disposição hierárquica se deve a características das inferências geradas a partir das heurísticas e da distinção entre elas (LEVINSON, 2000, p.40). As inferências Q- e M- são baseadas primeiramente em substitutos linguísticos, enquanto I-inferências em pressuposições estereotípicas sobre o mundo (LEVINSON, 2000, p.40), o que permite a utilização de recursos linguísticos para indicar quando uma pressuposição normal, estereotípica ou rica sobre o mundo não se segue, justificando a hierarquia existente.

De acordo com Levinson (LEVINSON, 2000, p.40), em contraste com a I-heurística I, as M- e Q-heurísticas desencadeiam inferências de ordem metalinguística, diferenciando-se estas duas em relação ao tipo de contraste metalinguístico quanto à concentração da Q-heurística em “conjuntos de substitutos de forma essencialmente similar ao conteúdo semântico contrastante” e enquanto a M-heurística se concentra em “conjuntos de substitutos que contrastam na forma, mas não no conteúdo semântico inerente” (LEVINSON, 2000, p.40). Já as M- e Q- implicaturas se diferenciam quanto aos conjuntos informacionalmente ordenados no caso desta e aos conjuntos de sinônimos que se diferem

⁴⁵ E isso se aplica tanto para inferências quanto para implicaturas.

na marcação quanto àquelas, enquanto outras características metalinguísticas compartilhadas entre as duas permite a negação de implicaturas relevantes através de outros dispositivos, como, por exemplo, a prosódia (LEVINSON, 2000, p.41). Outras características de ICG podem ser conferidas na tabela 1 (LEVINSON, 2000, p.41).

Tabela 1 Diagnósticos para os três tipos de ICG

PROPRIEDADES DE CADA TIPO	Q	M	I
Inferência negativa⁴⁶	SIM	SIM	NÃO
Bases metalinguísticas	SIM	SIM	NÃO
Contraste entre			
Semanticamente forte/fraco	SIM	NÃO	N/A
Formas superficiais sinônimas	NÃO	SIM	N/A
Dentro do escopo de negação metalinguística	SIM	SIM	NÃO
Inferências para o estereotípico	NÃO	NÃO	SIM
ICGs prioritárias	NENHUMA	Q	Q,M

Seguindo a mesma linha que apresentada em Grice, as ICGs são inferências não monotônicas, pois podem ser canceladas da mesma forma que as ICPs, diferenciando-se das monotônicas de acarretamento semântico. No entanto, Levinson não chega a propor um modelo de um sistema de argumentação, muito menos afirma ser necessário. Antes ele demonstra que há a possibilidade de expressá-la através de argumentos não monotônicos.

O argumento de Levinson está assentado, fundamentalmente, nos seguintes passos:

- A ICG é uma espécie de inferência não monotônica, porque cancelável. (...) Nesse sentido, pensa Levinson, tal implicatura se opõe às forma monotônicas de acarretamento semântico;
- A ICG é, então, uma inferência pragmática de natureza especial na fronteira com a Semântica;
- A ICG deve ser localizada, portanto, como uma condição pragmática na constituição das condições-de-verdade da Semântica;
- A ICG, entre outros efeitos, pode ser localizada como uma inferência pragmática pré-semântica, alterando-se a forma tradicional da interface em que o output da semântica é o input da Pragmática (COSTA, 2004b, p.8).

Para Levinson a maior contribuição que a Teoria de ICG pode trazer para a linguística é “se as restrições pragmáticas podem constituir uma interpretação preferencial que é: uma tendência sistemática para compreender uma expressão de um jeito em particular — então

⁴⁶ Por inferências negativas, Levinson entende que o falante está evitando um comprometimento com uma expressão forte mais (Q) ou com uma mais fraca (M).

a tentação surge” (LEVINSON, 2000, p.21).⁴⁷ Todavia, tanto Grice quanto Levinson afirmam ser a distinção entre significado semântico e significado de enunciado tipo difícil de ser distinguido, devido, entre outros fatores, à familiaridade que estes apresentam. Conforme posto por Levinson, “é normal, geral, tendência tipo de interpretação que faça isso não óbvio que o que nós estamos tratando aqui é mera inferência pragmática” (LEVINSON, 2000, p.20).⁴⁸

Quanto ao nível dos fundamentos, Costa argumenta que devido ao não comprometimento com aspectos cognitivos a distinção entre semântica e pragmática, enquanto tipos de cognição, se torna "ad hoc apenas para os interesses descritivistas da disciplina linguística" (COSTA, 2004b, p.9), assim como não é diferenciado decodificação e processo inferencial enquanto processos cognitivos complementares. Se por um lado, essa perspectiva torna mais precisa a descrição linguística, de outro o priva de uma desejável adequação explanatória através de evidências das ciências cognitivas que poderiam (ou não) corroborar a relevância de sua proposta, como, por exemplo, se são as heurísticas inatas ou adquiridas (cf. COSTA, 2004b, p.10). Sobre o nível da teoria e do objeto, Costa afirma que se o que se espera das heurísticas ("o que não é dito, não é") é a possibilidade de "identificar a inferência do que não foi dito porque não o foi, obviamente ela licenciaria infinitas inferências" (COSTA, 2004b, p.10), pois, apesar de Levinson afirmar que essa restrição diz respeito a alternativas salientes ou contrastantes, dependeria de uma noção de relevância (COSTA, 2004b, p.11). Quanto ao último nível, ainda relacionado a como é feita a restrição, Costa inicia discutindo sobre implicaturas escalares, mais especificamente questionando qual a origem delas e como elas já surgem restringidas: "nada impede a proliferação de escalas. Por exemplo, suponhamos a escala <onze, dez, nove, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um, zero>, seria razoável dizer-se que (B) +> não onze e não sete?" (COSTA, 2004b,p.11). Ao falar sobre a I-heurística (que está, por assim dizer, no nível proposicional, dizer o mesmo com outras palavras) Costa (COSTA, 2004b,p.13) apresenta exemplos para os quais a noção de interpretação tipo fica fragilizada, como é o caso de "(A') o livro de Sherlock Holmes é bom (A'') o livro dos Beatles é bom em que, no primeiro caso, a implicatura fosse a de que obviamente S. Holmes é uma personagem do livro e , no segundo, a implicatura de

⁴⁷ Do original: "(...) if the pragmatic restrictions can constitute a preferred interpretation that is, a systematic tendency to read an expression in one particular way — then the temptation arises”.

⁴⁸ Do original: “it is this normal, general, default tendency of interpretation that makes it nonobvious that what we are dealing with here is mere pragmatic inference”.

que Beatles fosse o assunto do livro" (COSTA, 2004b, p.13). Ao falar sobre M-heurística, Costa afirma que a noção de "anormal" se torna confusa em relação a metáforas cristalizadas e, então, "já não teríamos clareza sobre se a noção de normalidade é uma questão de frequência de uso, ou padrão de directude semântica" (COSTA, 2004b, p.13), como acontece no exemplo "a seleção brasileira massacrou a da Costa Rica" (COSTA, 2004b, p.13). "Se esse movimento é correto, então há casos que a escala não gera as implicaturas previstas e casos em que as implicaturas não dependem da escala" (COSTA, 2004b, p.13).

Apesar das críticas feitas por Levinson à Teoria da Relevância, mas ao momento anterior a 1995, ele afirma que não se tratam de modelos incompatíveis (LEVINSON, 2000, p.22).

Assim como Grice, Levinson também entende que o significado é composicional, ou seja, "a total importância de um enunciado apenas poderia ser capturada pela distinção de muitos tipos diferentes de conteúdo" (LEVINSON, 2000, p.21).⁴⁹ Desta forma, os modelos apresentados até aqui apontam para a razoabilidade de se pensar em inferências multiformes.

2.2.4 Teoria da Relevância — comunicação e cognição

A Teoria da Relevância (TR) surgiu como uma reinterpretação cognitiva do modelo inferencial de Grice, que, segundo Carston, "se preocupa com os processos on-line de interpretação do enunciado e da natureza do(s) sistema(s) mental(s) responsável(s) por eles"⁵⁰ (CARSTON, 2011, p.1). Nessa perspectiva, o modelo de códigos é criticado quanto sua limitação para explicar um processo mais complexo de compreensão. De acordo com Carston (CARSTON, 2011, p.1),⁵¹ a

Teoria da Relevância é mais bem conhecida por sua explicação de comunicação e compreensão verbal, mas ela também estabelece um quadro geral de princípios que dirigem um sistema cognitivo humano como um todo e este desempenha um

⁴⁹ Do original: "the full import of an utterance could only be captured by distinguishing many different kinds of content".

⁵⁰ Do original: "(...)is concerned with the on-line processes of utterance interpretation and the nature of the mental system(s) responsible for them".

⁵¹ Do original: "Relevance Theory is best known for its account of verbal communication and comprehension, but it also sets out a general Picture of the principles driving the human cognitive system as a whole and this plays a crucial role in underpinning the particular claims made about communication and the pragmatic theory that follows them".

papel crucial no apoio a afirmações particulares produzidas sobre a comunicação e a teoria pragmática que os segue.

No entanto, esse modelo não é de todo criticado, conforme Wilson e Sperber (2002, p.249), “um enunciado é, obviamente, um pedaço linguisticamente codificado de evidência, portanto, a compreensão verbal envolve um elemento de decodificação”⁵² (2002, p.249). O código será uns dos inputs em um processo “inferencial não demonstrativo que permite a interpretação do significado do falante”⁵³ (WILSON e SPERBER, 2002, p.250). Conectada às ciências cognitivas, a TR assume “(1) que a mente é modular (2) que muitos processos mentais são realizados através de heurísticas rápidas e econômicas” (CARSTON, 2011, p.3).⁵⁴

Sperber e Wilson, apoiados em estudos sobre a cognição humana e sobre a lógica, partem da hipótese de que o **Princípio de Relevância**, baseado numa relação de economia e eficiência da informação, faz parte da cognição humana. Conforme Carston (2011, p.2), o “sistema cognitivo humano é em geral guiado de forma a realizar tantas melhorias a seus conteúdos representacionais e a sua organização quanto possível, enquanto garante que o custo de seus recursos de energia é mantido tão baixo quanto razoavelmente possível”.⁵⁵ A partir disto, os autores desenvolveram uma abordagem pragmático-cognitiva que objetiva “explicar como o ouvinte infere o significado do falante baseado na evidência provida” (WILSON e SPERBER, 2002, p.250).⁵⁶ Essa tentativa é baseada em uma alegação central do modelo griceano, descritos no Princípio de Cooperação e nas máximas. A partir disso, a TR compartilha a mesma intuição que Grice: que enunciados surgem de uma expectativa de relevância, segundo Wilson e Sperber (2002, p.250). Contudo, é questionada a necessidade do PC, bem como suas máximas, pois a alegação principal, considerada de acordo com as ciências cognitivas, da TR é que as expectativas de relevância de um enunciado são precisas e previsíveis o suficiente para guiar o ouvinte (WILSON e SPERBER, 2002, p.250).

⁵² Do original: “Na utterance is, of course, a linguistically coded piece of evidence, so that verbal comprehension involves an element of decoding”.

⁵³ Do original: “nondemonstrative inference process which yields an interpretation of the speaker's meaning.”

⁵⁴ Do original: “(1) that the mind is modular, and (2) that many mental processes are performed by fast and frugal heuristics”.

⁵⁵ Do original: “human cognitive system quite generally are geared towards achieving as many improvements to their representational contents and to their organization as possible, while ensuring that the cost to their energy resources is kept as low as reasonably possible”.

⁵⁶ Do original: “(...) to explain how the hearer infers the speaker's meaning on the basis of the evidence provided”

De acordo com Carston (CARSTON, 2011, p.2), “(...) relevância é uma propriedade potencial de qualquer processo perceptual e cognitivo”,⁵⁷ ou seja, qualquer estímulo externo ou representação interna que forneçam um *input* para processos cognitivos pode vir (2002, p.250) a se tornar relevante para um indivíduo na medida em que houver equilíbrio entre esforço mental no processamento de informação e **efeitos cognitivos** alcançados: “(a) quanto maior é o número dos efeitos cognitivos, maior é a relevância; (b) quanto menor é o esforço de processamento, maior é relevância” (SPERBER e WILSON, 2001, p.11). Mais especificamente, se torna relevante quando o processamento de um *input* “em um contexto de suposições disponíveis permitem um **efeito cognitivo positivo**” (WILSON e SPERBER, 2002, p.251). O efeito é positivo⁵⁸ quando “um *input* é relevante para um sistema cognitivo apenas se ele beneficia aquele sistema”⁵⁹ (CARSTON, 2011, p.2) e seu grau de relevância, conforme pontuado por Carston (2011), é determinado pelo esforço de processamento que ele demanda, pois a “derivação de efeitos de qualquer *input* requer a mobilização de recursos cognitivos, incluindo atenção, memória e vários algoritmos de processamento e heurísticas”⁶⁰ (CARSTON, 2011, p.2).

Os efeitos cognitivos surgem quando ocorre(m) alteração(ões) no ambiente cognitivo⁶¹ de um indivíduo. Eles podem ser de **fortalecimento** das suposições — quando as suposições já existentes são reforçadas através de mais evidências —, de **contradição** ou **enfraquecimento** de suposições — quando há fornecimento de evidências contrárias entre duas suposições, sendo eliminada aquela que tiver menos evidências (se contradição) ou, de acordo com Carston⁶² (2011, p.2), “podendo ser rearranjada a forma como informação é guardada” (se enfraquecimento) —, e de **implicações contextuais**, o mais importante de todos — “uma conclusão dedutível a partir de um *input* e do contexto junto”, não podendo ser alcançada a mesma conclusão separadamente. Este último efeito é o que os autores chamam de P em C: a informação nova (P) é processada no contexto de suposições existentes (C) na memória enciclopédica ou advindas do ambiente físico observável para

⁵⁷ Do original: “relevance is a potential property of any input to any perceptual or cognitive process”.

⁵⁸ Segundo Wilson e Sperber, essa noção é importante para diferenciar quando uma informação é realmente relevante ou quando apenas parece ser para um indivíduo.

⁵⁹ Do original: “(...) an input is relevant to a cognitive system only if it benefits that system”.

⁶⁰ Do original: “(...) deriving the effects from any given input requires a mobilization of cognitive resources, including attention, memory and various processing algorithms and heuristics”.

⁶¹ S&W definem o ambiente cognitivo como um “conjunto de suposições manifestas em graus diversos” (...). *Se as suposições se tornam mutuamente manifestas, tem-se o ambiente cognitivo mutuamente manifesto* (...) (SILVEIRA, 2002, p. 28)

⁶² Do original: “(...)it may rearrange the way information is stored”.

derivar uma nova informação. De acordo com Carston (2011, p.2), “tais efeitos podem ou não ser benéficos para um indivíduo, isso é, eles podem aumentar ou diminuir a acurácia da informação do sistema cognitivo sobre o mundo e talvez tornar uma informação usável mais fácil ou mais difícil de acessar”.⁶³ Um input é relevante para um indivíduo quando: “a. Outras coisas sendo iguais, maiores serão os efeitos cognitivos positivos alcançados pelo processamento de um input, maior será a relevância do input para indivíduo naquele momento; b. Outras coisas sendo iguais, maiores serão os efeitos cognitivos positivos alcançados pelo processamento de um input, maior será a relevância do input para indivíduo naquele momento” (WILSON e SPERBER, 2002, p.253).⁶⁴

A pergunta para B se há alguma janela batendo, se B disser, por exemplo, “deve ser no quarto”, haverá um efeito cognitivo pelo fortalecimento de suposições, se, no entanto, disser “deve ser no vizinho”, ocorrerá um enfraquecimento de suposições. A caracterização de relevância na relação efeito e benefício é, conforme Wilson e Sperber, comparativa em vez de quantitativa, apesar desses autores terem feito algumas sugestões de como fazer essa caracterização de forma quantitativa. Enquanto alguns aspectos de processos cognitivos podem ser medidos ‘de fora’ (como tempo de processamento), outros em princípio (como número de implicações contextuais), já outros não (como a força de implicações, nível de atenção, apesar de não citado pelos autores, emoção e intenção),⁶⁵ devido a isso, como colocado pelos autores, parece preferível tratar esforço e efeito como dimensões não representacionais: “eles existem e exercem um papel na cognição quer sejam ou não mentalmente representados, é na forma de julgamentos comparativos intuitivos em vez de forma numérica absoluta”⁶⁶ (WILSON e SPERBER, 2002, p.254).

Como dito, a cognição humana tende a buscar a maximização da relevância e, “como resultado da pressão de seleção constante para aumentar a eficiência, o sistema cognitivo humano se desenvolveu de tal maneira que os mecanismos perceptuais tendem

⁶³ Do original: “Such effects may or may not be beneficial to an individual, that is, they may increase or decrease the accuracy of the cognitive system’s information about the world and may make useful information easier or harder to access.”

⁶⁴ Do original: “a. Other things being equal, the greater the positive cognitive effects achieved by processing an input, the greater the relevance of the input to individual at that time; b. Other things being equal, the greater the processing effort expended, the lower the relevance of the input to the individual at that time.”

⁶⁵ Acredita-se, em conformidade com Damásio (1996), Costa (2011), Cooper et al. (2010) que emoções e intenções tem efeito sobre inferências.

⁶⁶ Do original: “they exist and play a role in cognition whether or not they are mentally represented; and when they are mentally represented, it is in the form of intuitive comparative judgments rather than absolute numerical ones”.

automaticamente a escolher estímulos potencialmente relevantes, e os mecanismos de recuperação de memória tendem automaticamente a ativar hipóteses potencialmente relevantes, e os mecanismos inferenciais tendem espontaneamente a processá-los da forma mais produtiva”⁶⁷ (WILSON e SPERBER, 2002, p. 254). Essa tendência é descrita no **Princípio Cognitivo de Relevância** (“a cognição humana tende a ser guiada pela maximização de Relevância”, SILVEIRA e FELTES, 1999) e torna possível, até certo ponto, predizer e manipular estados mentais de outros de acordo com Wilson e Sperber (2002, p.255). A consciência sobre essa tendência leva o falante a produzir um estímulo que chamará a atenção do ouvinte e que fará com que este acesse certas suposições contextuais para chegar ao significado pretendido. Compatível com o posicionamento griceano, na TR se defende que “comunicação inferencial não é apenas uma questão de intenção de afetar os pensamentos de um público, é uma questão de levá-los a reconhecer que alguém tem essa intenção”⁶⁸ (WILSON e SPERBER, 2002, p.255). Esse tipo de comunicação é chamado de **comunicação ostensiva-inferencial**⁶⁹ que envolve um nível extra de intenção: a. **Intenção informativa** – a intenção de informar ao público alguma coisa; b. **Intenção comunicativa** – a intenção de informar ao público sobre a intenção informativa (WILSON e SPERBER, 2002, p.255).

A compreensão é alcançada quando a intenção comunicativa é cumprida, ou seja, quando o público reconhece a intenção informativa. A comunicação ostensiva e as intenções informativa e comunicativa estão associadas à noção de **manifestabilidade**, mais especificamente a **manifestabilidade mútua**. Tornar algo manifesto é chamar atenção para algo, ter algo manifesto é estar ciente sobre algo. Quando os envolvidos na interação têm manifesta uma mesma coisa é chamada de manifestabilidade mútua, conforme Sperber e Wilson (1995).

De forma mais geral, a comunicação ostensivo-inferencial envolve o uso de um **estímulo ostensivo**, que visa tornar algo manifesto, isso é, chamar a atenção do ouvinte para algo. Segundo Carston, a ostensão “é uma garantia implícita de que o enunciado é o mais relevante que o orador poderia ter produzido, dada a sua competência e suas próprias

⁶⁷ Do original: “as a result of constant selection pressure towards increasing efficiency, the human cognitive system has developed in such a way that our perceptual mechanisms tend automatically to pick out potentially relevant stimuli, and our memory retrieval mechanisms tend automatically to active potentially relevant assumptions, and our inferential mechanisms tend spontaneously to process them in the most productive way”.

⁶⁸ Do original: “inferential communication is not just a matter of intending to affect the thoughts of an audience; it is a matter of getting them to recognize that one has this intention”.

⁶⁹ Segundo SILVEIRA e FELTES (1999, p.255), ostensiva por parte do falante e inferencial por parte do ouvinte.

metas correntes, e que é, pelo menos, relevante o suficiente para merecer ser processado”⁷⁰ (CARSTON, 2011, p.4). Isso baseia o segundo princípio de relevância, **Princípio Comunicativo de Relevância**: “Todo ato de comunicação ostensiva comunica a presunção de sua própria relevância ótima” (SILVEIRA e FELTES, 1999).

Esse Princípio e a noção de relevância ótima são centrais para essa perspectiva pragmática. Um estímulo ostensivo cria a **presunção de relevância** que, em termos de esforço e efeito, licencia o público a esperar uma **relevância ótima** — “Um estímulo ostensivo é otimamente relevante a um público se e somente se: a. É relevante o bastante para ser merecedor do esforço de processamento do público; b. É o mais relevante compatível com as habilidades do comunicador e suas preferências” (WILSON e SPERBER, 2002, p. 257).⁷¹

A relevância ótima ocorre quando tanto os interesses da pessoa que comunica quanto os dos receptores são levados em consideração. A presunção de relevância ótima licencia um procedimento particular de compreensão: “a. Siga o caminho de menor esforço no cálculo de efeitos cognitivos: teste hipóteses interpretativas (desambiguação, resolução de referentes, ajustes lexicais, implicaturas, etc.) em ordem de acessibilidade; b. Pare quando as expectativas de relevância forem satisfeitas”⁷² (WILSON, e SPERBER, 2002, p.260).

Segundo Carston (CARSTON, 2011, p.5), “central ao funcionamento desse procedimento é um subprocesso de ajuste mútuo de conteúdo explícito e implicação contextual, um processo guiado e limitado pelas expectativas de relevância”.⁷³ De acordo com Wilson e Sperber (2002, p.260), “um falante que queira que seu enunciado seja tão fácil quanto possível de se entender deveria formulá-lo (dentro os limites de suas habilidades e preferências) de forma que a primeira interpretação a satisfazer as expectativas de

⁷⁰ Do original: “is an implicit guarantee that the utterance is the most relevant one the speaker could have produced, given her competence and her own current goals, and that it is at least relevant enough to be worth processing”.

⁷¹ Do original: “An ostensive stimulus is optimally relevant to an audience iff: a. It is relevant enough to be worth the audience’s processing effort; b. It is the most relevant one compatible with communicator’s abilities and preferences.”

⁷² Do original: “Relevance-theoretic comprehension procedure – a. Follow a path of least effort in computing cognitive effects: Test interpretative hypotheses (disambiguations, referent resolutions, lexical adjustments, implicatures, etc.) in order of accessibility; b. Stop when your expectations of relevance are satisfied”.

⁷³ Do original: “Central to the working of the procedure is a subprocess of *mutual adjustment* of explicit content and contextual implications, a process guided and constrained by expectations of relevance”.

relevância do ouvinte seja aquela que ele pretendeu expressar”.⁷⁴ Essa perspectiva, diferentemente das outras duas apresentadas, permite entender também os desentendimentos.

De acordo com Wilson e Sperber (2002, p.261), “na comunicação verbal, os falantes administram transmitir uma vasta gama de significados, apesar do fato de que não há nenhum nível básica de informação para o ouvinte selecionar”⁷⁵ e o “que torna possível para o ouvinte reconhecer a intenção informativa do falante é que enunciados codificam formas lógicas (representações conceituais, embora fragmentadas ou incompletas), que foi manifestadamente escolhida para fornecer como entrada para o processo de compreensão inferencial do ouvinte”.⁷⁶ Dessa forma, na comunicação se pode alcançar um grau de explicitude não viável na comunicação não verbal. Contudo, a noção de explicitude assumida da TR não se limita ao linguisticamente codificado e a identificação do conteúdo explícito é igualmente inferencial e igualmente guiado pelo Princípio Comunicativo de Comunicação, aplicando-se o mesmo procedimento já apresentado que pode ser dividido em subtarefas: “a. construindo uma hipótese apropriada sobre conteúdo explícito (em termos da Teoria da Relevância, EXPLICATURAS) através de decodificação, desambiguação, resolução de referente, e outros processos de enriquecimentos pragmáticos; b. Construindo uma hipótese apropriada sobre suposições contextuais pretendidas (nos termos da Teoria da Relevância, PREMISAS IMPLICADAS); c. construindo uma hipótese apropriada sobre implicações contextuais pretendidas (nos termos da Teoria da Relevância, CONCLUSÕES IMPLICADAS)”.⁷⁷

Conforme Carston (CARSTON, 2011, p.5), a restrição de conceito só prosseguirá até o momento que o ouvinte que estiver usando uma heurística de compreensão teórica-relevante atingir sua expectativa de relevância. “usos metafóricos e hiperbólicos de palavras

⁷⁴ Do original: “A speaker who wants her utterance to be as easy as possible to understand should formulate it (within the limits of her abilities and preferences) so that the first interpretation to satisfy the hearer’s expectation of relevance is the one she intended to convey”.

⁷⁵ Do original: “In verbal communication, speakers manage to convey a very wide range of meanings despite the fact that there is no independently identifiable basic layer of information for the hearer to pick up.”

⁷⁶ Do original: “what makes it possible for the hearer to recognize the speaker’s informative intention is that utterances encode logical forms (conceptual representations, however fragmentary or incomplete) which has manifestly chosen to provide as input to the hearer’s inferential comprehension process”

⁷⁷ Do original: “a. Constructing an appropriate hypothesis about explicit content (in relevance-theoretic terms, EXPLICATURES) via decoding, disambiguation, reference resolution, and other pragmatic enrichment processes; b. Constructing an appropriate hypothesis about the intended contextual assumptions (in relevance-theoretic terms, IMPLICATED PREMISES); c. Constructing an appropriate hypothesis about the intended contextual implications (in relevance-theoretic terms, IMPLICATED CONCLUSIONS)” (WILSON e SPERBER, 2002, p.262).

envolvem um tipo de ampliação do conceito ('uso fraco'), então abrangendo esse processo geral de ajustamento de significado lexical, que contribui para o conteúdo explicitamente comunicado".⁷⁸ Diferentemente da proposta de Levinson sobre interpretação tipo, na TR, explicaturas e implicaturas são dirigidos pela busca da relevância, o enriquecimento, a restrição lexical e esta última é muito mais flexível e dependente de contexto do que naquela perspectiva (WILSON e SPERBER, 2002, p.267). Essa diferença permite interpretações também mais flexíveis que podem ser um enfraquecimento em vez de restrição do significado codificado.⁷⁹ Devido a isso, as explicaturas apresentam um grau de indeterminação que é ligado à força de implicaturas. Se a recuperação de uma implicatura é essencial para se chegar à interpretação que satisfaça as expectativas de recuperação, ela é considerada **fortemente implicada** ou uma **implicatura forte**. Se por outro lado a recuperação de uma implicatura *ajuda* a se chegar à interpretação relevante na forma esperada, ela é **fracamente implicada** ou uma **implicatura fraca** que não é essencial, pois o enunciado sugere uma variedade de implicaturas similares, conforme Wilson e Sperber.

Entende-se por processo inferencial um conjunto de premissas que resultam logicamente ou legitimam um conjunto de conclusões, por isso considerado como cálculo não-trivial. É não-trivial porque não parte de premissas dadas *a priori*, pré-fixadas, mas construídas durante o ato comunicativo. Diferentemente da lógica formal, as inferências são não-demonstrativas, pois funcionam na base de suposições que podem ser apenas confirmadas, mas não provadas. Devido ao funcionamento baseado em suposições, se pode explicar porque, mesmo nas melhores condições, é possível ocorrer falha na comunicação.

2.3 POLIDEZ E PALAVRÕES NA RELAÇÃO LINGUAGEM, COGNIÇÃO E EMOÇÃO

Como dito, o comportamento polido, ou polidez, pode ser entendido como uma forma de "lubrificar" as relações sociais (BROWN e LEVINSON, 1987; FRASER, 1990; WATTS, 2003). A princípio a polidez faria com que o ouvinte ficasse mais aberto ou com menos mecanismos de defesas, desimpedindo o "caminho" para o diálogo. Dessa forma, ela é

⁷⁸ Do original: "metaphoric and hyperbolic uses of words involve a kind of concept broadening ('loose use'), so fall within this general process of lexical meaning adjustment, which contributes to explicitly communicated content" (CARSTON, 2011, p.6).

⁷⁹ Note-se que a proposta de preferência por significado fraco é considerada a mais adequada em Grice, mas que gera um problema em relação à máxima de Qualidade.

compatível com o Princípio da Conectividade de Não Trivial (COSTA, 2004a, no prelo), podendo-se, pois, se dizer que é o comportamento padrão, o esperado (FRASER, 1990). Há sobre a polidez, conforme Fraser (1990), quatro principais abordagens: a perspectiva de norma social,⁸⁰ a perspectiva de máxima conversacional,⁸¹ a perspectiva de manter a face⁸² e a perspectiva de contrato conversacional.⁸³ Dessas quatro perspectivas, a terceira, manter a face (BROWN e LEVINSON, 1987), é considerada a mais bem articulada e que mais gerou trabalhos. Contudo em todas elas, é pressuposto que a polidez seja sempre comunicada. Diferentemente, Jary (1998) e Escandell-Vidal (1996, 1998) consideram que ela está relacionada com o princípio de relevância, dependente, portanto, de manifestabilidade. Se discutirá essas duas perspectivas.

Considerando-se a importância apontada por Pinker (2008) e outros de se estudar a “linguagem como uma janela para a natureza humana”, argumenta-se que devido à localização da linguagem comum e do pensamento consciente concentrada no neocórtex, também a polidez linguística, por ser fruto de racionalização, encontra-se nessa mesma região. Já, os palavrões surgem no sistema límbico (PINKER, 2008), assim apresentando ligação mais direta com emoções e, conseqüentemente, maior efetividade na expressão dessas. Dada essa diferença e considerando-se o princípio da conectividade não trivial (2004a, no prelo), polidez e palavrões serão tratados como contraponto. O mais importante a se pontuar é que se trata de ponto comum que polidez e palavrões afetam as relações interpessoais e a geração e depreensão de inferências.

2.3.1 Abordagens teóricas sobre a Polidez

Considerando-se que o ser humano possui uma tendência natural para a conectividade não trivial (2004a, no prelo) e que a polidez serviria para facilitar o início da relação, pode-se assumir que um comportamento polido é o padrão, esperado, como dito. Contudo considerando-se uma relação de relevância, esse tem custo maior sem manter um equilíbrio com os benefícios (isso se não trivializarmos o conceito e se entender benefício emocional). Se é assumida uma interface com a psicologia evolucionista, seria possível

⁸⁰ Garfinkel, 1970; Quirk, 1985

⁸¹ Lakoff, 1973 e 1979; Leech, 1983

⁸² Goffman, 1967 e 1971; Brown e Levinson, 1987

⁸³ Fraser, 1975; Fraser e Nolen, 1981

defender um benefício emocional, pois, conforme Pinker (2008), as palavras estão relacionadas à emoção, de forma positiva ou negativa. Ainda de acordo com esse psicólogo, “o uso da polidez ou da delicadeza na língua não é uma questão de etiqueta social, como não por os cotovelos sobre mesa, e sim de os falantes fazerem ajustes para evitar as igualmente inúmeras maneiras de seus ouvintes ficarem ofendidos” (PINKER, 2008, p.433).

A Teoria da Polidez (BROWN e LEVINSON, 1987), compatível com a Teoria de Implicaturas de Grice, se desenvolveu a partir de uma máxima de modo: a de “seja polido”, na interface entre linguística, ciências sociais e psicologia. Essa teoria aborda a tentativa de reparar ou evitar agressão à face do destinatário. Brown e Levinson defendem a existência de uma face positiva e uma negativa. A **face negativa** corresponde ao “desejo que cada ‘membro adulto competente’ tem de que essas ações não sejam impedidas por outros”.⁸⁴ Já **face positiva** corresponde “ao desejo que todos os membros têm de que suas vontades sejam desejáveis pelo menos por alguns”.⁸⁵ A polidez seria, então, uma forma de diminuir, minimizar ou evitar uma **ação de ameaça à face** (FTA).⁸⁶ De acordo com Brown e Levinson (1987), uma FTA consiste em agir em contrário às vontades e desejos do outro. Ela, segundo esses autores, ocorre normalmente pelo verbal, mas pode ser através do tom, da inflexão, ou formas não verbais e é possível acontecer mais de um ao mesmo tempo. Há dois tipos: **FTA negativa** e **FTA positiva** que podem ser ameaça tanto para o falante quanto para o ouvinte.

Uma FTA negativa trata-se de não evitar obstruir a liberdade de ação dos outros.

Ameaça ao ouvinte:

- Afirmação ou negação de ação futura pode pressionar o ouvinte a fazer ou não fazer algo, por exemplo, pedidos, sugestões, conselhos, lembretes, ameaças, etc.;
- Expressão de sentimento do falante em relação ao ouvinte ou em relação ao sentimento deste, por exemplo, elogios, expressões de inveja ou admiração, expressões de emoções negativas fortes em relação ao ouvinte (ódio, luxúria, raiva);

⁸⁴ Do original: “the want of every ‘competent adult member’ that his actions be unimpeded by others” (BROWN e LEVINSON, 1987, p.62).

⁸⁵ Do original: “the want of every member’ that his wants be desirable to at least some others”.(BROWN e LEVINSON, 1987, p.62)

⁸⁶ Será mantida a abreviatura original de Face Threatening Act.

- Afirmação sobre uma ação positiva futura do falante para o ouvinte pressiona este a aceitar ou negar, por exemplo, ofertas, promessas.

Ameaça ao falante – uma ação que demonstre que este está sucumbindo ao poder do ouvinte:

- Agradecimentos;
- Aceitar um agradecimento ou um pedido de desculpas;
- Pedidos de desculpas;
- Aceitação de ofertas;
- Resposta à violação da etiqueta social por parte do ouvinte;
- Comprometimento por parte do falante com algo que não quer fazer.

Na FTA positiva, falante ou ouvinte não se importam com os sentimentos ou vontades do outro ou não quer o mesmo que o outro.

Ameaça ao ouvinte – expressão por parte do falante de avaliação negativa sobre a face positiva do ouvinte ou a um elemento dessa:

- Indicação direta ou indireta por parte do falante de que não gosta de algum aspecto das poses, desejos ou atributos sociais do ouvinte;
- Declaração por parte do falante de sua desaprovação, expondo ou implicando que o ouvinte está errado, irracional ou equivocado, por exemplo, expressões de desaprovação (insultos, acusações, queixas), contradições, desacordos, ou desafios;
- Indiferença por parte do falante em relação à face positiva do ouvinte
 - O ouvinte talvez fique embaraçado ou receoso quanto ao falante, por exemplo, expressões excessivamente emocionais;
 - O falante indica disparidade entre seus valores e medos quanto ao ouvinte, por exemplo, desrespeito, menção de temas inadequados, tanto em geral quanto no contexto no qual estão envolvidos;
 - Indicação por parte do falante de disposição para ignorar o bem estar emocional do ouvinte, por exemplo, depreciação, vanglória;
 - O falante aumenta a possibilidade de ocorrência de FTA. Surge quando um tema/assunto social delicado é levantado pelo falante, por exemplo, tópicos relacionados à política, raça, religião;

- O falante indica que é indiferente às vontades da face positiva do ouvinte, expressa, geralmente, pelo comportamento não cooperativo óbvio, por exemplo, interrupções, não prosseguimento da conversa;
- O falante identifica erroneamente de forma ofensiva ou embaraçosa o ouvinte. Pode ser acidental ou intencional. Geralmente quanto ao mau emprego de termos de tratamento quanto gênero, status, idade.

Ameaça ao falante –

- Um ato que demonstre que o falante está de alguma forma errado, incapaz de se autocontrolar
 - Desculpas, porque admite que estava errado;
 - Aceitação de um cumprimento;
 - Incapacidade de se controlar fisicamente;
 - Incapacidade de se controlar emocionalmente;
 - Auto-humilhação
 - Confissão.

A partir da construção de falas polidas, os autores descrevem paralelismo nas formas de expressar polidez, considerando-as como algo universal, no entanto, como demonstrado por trabalhos posteriores de outros pesquisadores a partir de Língua Japonesa há diferenças não apenas nessas formas, chamadas de estratégias, mas também na própria noção de face.⁸⁷ Somente o fenômeno de polidez pode ser considerado assim, pois suas formas de expressão preferenciais variam conforme época e cultura, contexto.

Brown e Levinson (B&L) identificam três tipos de polidez — derivados da noção de face de Goffman —: **polidez negativa**, **polidez positiva** e **off record**. Na *polidez negativa*, que está relacionada à face negativa, o falante procura uma forma de amenizar um pedido para que o destinatário tenha o direito de reagir livremente (para Brown e Levinson, nesse tipo se utiliza mais estruturas sintáticas indiretas),⁸⁸ é um comportamento mais respeitoso (cf. ALONSO, 1995). A *polidez positiva*, relacionada com a face positiva, se procura estabelecer uma relação positiva entre os envolvidos, ela “tipifica o comportamento brincalhão e a linguagem familiar” (ALONSO, 1995); e *off record*, o comportamento mais indireto possível,

⁸⁷ Ver MATSUMOTO, 1988

⁸⁸ Culpeper et al. (2003) e Escandell-Vidal (1996) afirmam que a forma indireta de um enunciado (*indirectness*) não se reduz a polidez, em determinados caso seria até impolido.

usado quando a necessidade de polidez é máxima. No entanto, nesse último é difícil determinar a intenção do falante. Contudo, para Pinker, os termos deferência e solidariedade são mais adequados, o segundo tem como essência “simular um grau de proximidade fingindo querer o que o ouvinte deseja para si mesmo” (2008, p.433); quanto ao primeiro, “ordens e pedidos estão entre os atos de fala mais ameaçadores para as aparências das pessoas, porque desafiam a autonomia do ouvinte, ao pressupor a disposição dele em obedecer” (PINKER, 2008, p.435).

Nessa perspectiva, se afirma que uma das razões para não se falar de acordo com as máximas griceanas é a polidez. Como ilustrado no caso do ônibus e da aparente grávida, no segundo capítulo, em que ao seguir a máxima de qualidade acabei “sem querer querendo”⁸⁹ (como diria o personagem Chaves) atingindo, nos termos de B&L, a face positiva dela. Porém, as outras possibilidades seriam não responder ou mentir. Todavia, não são elas também impolidas (no senso comum)? Com certeza não responder seria visto como grosseria, já se eu tivesse mentido e bem, o desconforto teria sido evitado em relação a mulher. Então eis outro porém, a polidez depende de ser manifesto (na concepção da TR) para o falante, para o ouvinte ou para ambos? Outra assertiva é que a polidez constitui uma mensagem, sendo portanto, inferida, ou em termos griceanos uma implicatura conversacional. Contudo, a polidez é sempre comunicada? De acordo com Fraser (1990, p.228), “eles sugerem que a falha em comunicar a intenção de ser polido pode ser tomada, *ceteris paribus*, como a ausência da atitude polida necessária”.⁹⁰ Considerando o seguinte exemplo com duas variações sobre o mesmo contexto geral:

Contexto geral – A e B estão numa roda de amigos combinando um churrasco e A se divorciou de X e quer manter discrição sobre isso.

Varição 1 – B sabe sobre o divórcio e sobre o desejo de A

B – Chama X para ir conosco.

A situação de A fica semelhante ao do exemplo do ônibus. Ele pode dizer a verdade apesar de seu desejo de discrição, não responder ou mentir. B provocou intencionalmente a situação. Portanto, essa variação não parece apresentar problema para a Teoria da Polidez. Agora se considerando

⁸⁹ Digo isso pois no momento em que ela me perguntou por que já pressenti que não ia dar boa coisa.

⁹⁰ Do original: “(...) they suggest that the failure to communicate the intention to be polite may be taken, *ceteris paribus*, as absence of the required polite attitude.”

Variação 2 – B não sabe do divórcio de A

B – Chama X para ir conosco.

A – Ah, muito obrigado!

Não houve intenção por parte de B em colocar A numa situação delicada e seu enunciado foi polido, na medida em que estendeu o convite a esposa de A, não havendo assim falha em comunicar a atitude polida e ainda assim, assumindo-se a noção da TR, não houve comunicação. Então, ressurgem a questão sobre do que depende a comunicação de polidez, do falante, do ouvinte ou de ambos. Escandell-vidal (1996, 1998) e Jary (1998) propõem uma abordagem do fenômeno da polidez através da Teoria da Relevância, objetivando responder essas e outras questões.

Escandell-Vidal (1996) defende que a noção de polidez está organizada conforme um *frame*,⁹¹ pois “uma vez que a nossa representação mental de uma situação particular deveria conter não só informações sobre os participantes e atividades, mas também sobre o uso adequado da linguagem, vemos que muito do nosso comportamento (linguístico) é, portanto, determinado por um conhecimento específico”⁹² (ESCANDELL-VIDAL, 1996, p. 636). Para essa autora, a noção de *frames* permite explicar melhor como é avaliado um comportamento polido. Na concepção de B&L, a avaliação se dá através de uma razão entre poder relativo (P), distância social (D) e nível de imposição (R) ($Wx = D(S,H) + P(H,S) + Rx$), variáveis independentes e culturalmente sensíveis, quanto a diferentes culturas e não a mudanças dentro da própria cultura. Segundo Escandell-Vidal, esses *frames* compõem o conhecimento enciclopédico a partir do qual serão formadas suposições, o processo inferencial da polidez é de mesma natureza que qualquer outro (cf. ESCANDELL-VIDAL, 1996, p.646).

Para Jary, o problema da proposta de B&L é que os “exemplos do uso de formas polidas e/ou estratégias necessariamente comunicam uma mensagem acima e além do que motiva o ato comunicativo”⁹³ (JARY, 1998, p.1). Segundo, Jary (1998, p.1), uma abordagem pela TR,

⁹¹ Na proposta de van Dijk e Kintsch (1983), Grosz, Pollack e Sidner (1989)

⁹² Do original: “Since our mental representation of a particular situation should contain not only information on participants and activities, but also on the appropriate use of language, we find that much of our (linguistic) behavior is, therefore, determined by specific knowledge.”

⁹³ Do original: “On this view, instances of the use of polite forms and/or strategies necessarily communicate a message above and beyond the one that motivates the communicative act.”

(a) fornece uma motivação alternativa para a polidez linguística, (b) distingue casos em que a polidez é comunicada daqueles nos quais não é, (c) distingue a manipulação estratégica das expectativas de polidez dos casos em que a polidez surge do falante elaborando suas expressões de tal forma a evitar fazer suposições manifestas susceptíveis de ter um efeito negativo sobre seus objetivos sociais a longo prazo.⁹⁴

Na abordagem de Jary, a polidez é comunicada quando ela está acima ou abaixo das expectativas do ouvinte sobre sua relação com o falante, podendo ser ou não intencional por parte do falante e se tornar mutuamente manifesto. De acordo da proposta desse autor, sobre exemplo abaixo:

Contexto geral – A e B estão numa roda de amigos combinando um churrasco e A se divorciou de X e quer manter discrição sobre isso.

Varição 2 – B não sabe do divórcio de A

B – Chama X para ir conosco.

A – Ah, muito obrigado!

Se poderia dizer que enunciado de A não condiz com as expectativas deste sobre a relação deles, assim sendo relevante o bastante para o esforço para processamento. Nessa etapa há duas possibilidades: a polidez satisfaz as expectativas ou a polidez ficou abaixo do esperado. Cada uma se subdividindo em outras duas se o ouvinte atribui intencionalidade ou não ao falante. Se abaixo ou acima, A atribuiu intencionalidade a B. Contudo, a intenção do falante não é considerada, mas sim o que o ouvinte acha, não explicando a contento esse exemplo.⁹⁵

Escandell-Vidal (1998) afirma que a comunicação (na concepção da TR) de polidez não depende de corresponder ou não a expectativa sobre a relação entre ouvinte e falante, mas sim de manifestabilidade mútua, ou seja, ambos têm conhecimento sobre a intenção um do outro, em acordo com o trabalho de Grice. É possível que algo se torne manifesto para o ouvinte, como no exemplo, sem ter sido a intenção do falante tornar manifesto, ou,

⁹⁴ Do original: “This provides a far more fine-grained picture of politeness which (a) provides an alternative motivation for linguistic politeness, (b) distinguishes cases where politeness is communicated from those where it is not, (c) distinguishes the strategic manipulation of expectations of politeness from cases where politeness emerges from the speaker crafting her utterances in such a way as to avoid making manifest assumptions likely to have a detrimental effect on her long term social aims.”

⁹⁵ Há em qualquer interação um conjunto de intenções em jogo, considerar aquelas que dizem respeito somente a uma parte é arriscar não entender o porquê de um determinado resultado da interação.

que tenha havido determinada intenção sem querer tornar essa manifesta. Ou seja no exemplo não houve comunicação de polidez e nem de impolidez.⁹⁶

Como dito, a polidez ao mesmo tempo em que permite a aproximação também impõe certo distanciamento. Em estudo realizado por Garfinkel (1970 apud FRASER, 1990) demonstrou-se que um comportamento polido no círculo familiar, principalmente de jeito formal, é visto como impolido, desrespeitoso ou arrogante. Apesar de ser, na cultura anglo-saxônica, conforme Wierzbika (1985 apud ALONSO, 1995), a distância “um valor cultural positivo, associado ao respeito pela autonomia” (ALONSO, 1995, p.54), em outras culturas não o é, como é o caso da cultura polonesa e de cidades do interior no Brasil, segundo Alonso (1995, p.54). Assim sua avaliação como positiva ou negativa dependerá da relação entre os envolvidos (cf. B&L, 1987; ESCANDELL-VIDAL, 1996, 1998; JARY, 1998) e de conhecimento pragmático. Pinker (2008) também reforça o caráter inferencial.

2.3.2 Tabus linguísticos, xingamentos e palavrões

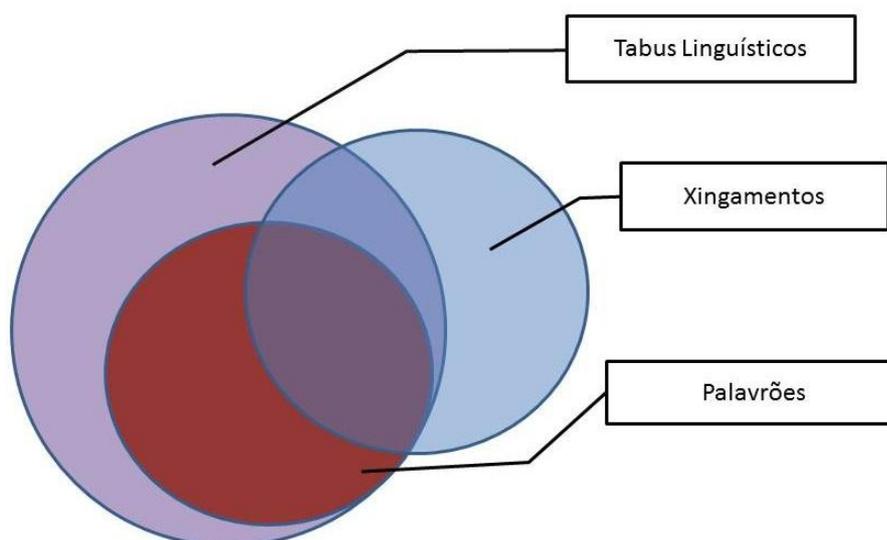
Pesquisas demonstram que não importa sexo, idade, ou classe social, todos falam palavrões e que entre homens e mulheres jovens já não cabe dizer que aqueles falam mais, o que muda é a escolha de repertório (KLERK, 1992). Apesar de os xingamentos e os palavrões constituírem uma linguagem familiar aos usuários da língua, poucos são os trabalhos linguísticos acerca deles no contexto brasileiro, talvez por preconceito. Há muitos trabalhos na interface entre psicologia e linguística, Timothy Jay (JAY et al., 2008; JAY, 2009), psicólogo, pesquisa sobre tabus linguísticos e palavrões há mais ou menos três décadas; Pinker (2008) dedicou um capítulo em “Do que é feito o pensamento” a palavrões.

Os palavrões são classificados como tabus linguísticos. Para Freud - “o tabu é a resultante de um recalque de tendências, desejos e instintos naturais de uma coletividade, o [SIC] qual recalque se verificou pela força coercitiva de variados interesses externos em conflito” (apud Guérios, 1979, p.9). Para Castro – “os tabus são, fisiologicamente, ‘produtos de reflexos condicionados, nos quais a coisa, pessoa ou palavra, isto é, o objeto tabu desempenha o papel de estímulo condicionado a outro estímulo reflexo, provocador de um reflexo de medo (...)’” (apud Guérios, 1979, p.9). Essa visão é corroborada por Mackay *et al.*

⁹⁶ Na concepção de Culpeper, o que diferenciará polidez de impolidez é fundamentalmente a intenção, a menos que haja intenção de agredir, a atitude será considerada como rude.

(2004) que fizeram um experimento para verificar o efeito Stroop⁹⁷ quando usadas palavras tabus e constataram que havia uma desaceleração no ritmo da pronúncia. Guérios (1979) afirma que há duas definições de tabus linguísticos, uma própria e outra imprópria. Na primeira, “tabu linguístico é a proibição de dizer certo nome ou certa palavra, aos quais se atribui poder sobrenatural, para evitar infelicidade ou desgraça” (GUÉRIOS, 1979, p.11). Na segunda, “tabu linguístico é a proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira” (GUÉRIOS, 1979, p.11). Contemporaneamente, esta última parece ser mais adequada, pois dificilmente a palavra ‘merda’ provocaria o efeito da primeira. De acordo com Jay (2009), tabus linguísticos são linguagem emocional ofensiva, eles “são definidos e sancionados por instituições de poder (por exemplo, religião, mídia)” (2009, p.153)⁹⁸ e proibidas e reiteradas durante a infância. Mas apesar de no senso comum os palavrões serem considerados xingamentos, na prática nem sempre são usados com a finalidade de xingar. Assim, todos os palavrões são tabus linguísticos, alguns xingamentos são tabus linguísticos e alguns palavrões são, também, xingamentos, como demonstrados na figura 3.

Figura 3 Tabus linguísticos, xingamentos, palavrões



Para ilustrar:

- A brasileira está com a macaca.
- A brasileira é macaca velha.
- A brasileira é macaca.

⁹⁷ Teste psicológico no qual se tem uma lista de nomes de cores escritos em cores diferentes para demonstração da interferência do tempo na realização de uma tarefa.

⁹⁸ Do original: “(...) are defined and sanctioned by institutions (e.g., religion, media) (...)”

O primeiro exemplo tanto pode ser um xingamento, indicando que o comportamento da brasileira está incomodando, como um elogio, significando animação. O segundo não é nem xingamento e nem tabu linguístico, é um elogio à experiência. O terceiro exemplo, por outro lado, é racista, sendo classificado como tabu linguístico.

A expressão gaúcha ‘china’ tanto pode indicar uma relação afetuosa, como em ‘minha china véia’, quanto ser pejorativa, como na piada que conta que o ‘telechina’ não funcionou no Rio Grande do Sul, porque os gaúchos pensavam se tratar de prostituição. Nessa segunda significação, ‘china’ é tabu linguístico e um palavrão. Por outro lado, no exemplo a seguir,



Fonte: <http://www.facebook.com>

‘Foda’ não é xingamento, mas continua sendo palavrão.

Cada cultura apresenta certas preferências quanto aos campos semânticos para palavrões. Sandmann (1992-3, p.223) destaca alguns campos semânticos preferidos na cultura brasileira: “referindo-se ao homem (...) ganham acento os palavrões que enfocam a sexualidade passiva (bicha, veado) e o ser vítima de infidelidade (corno, chifrudo), enquanto a mulher é estigmatizada mais pela prostituição (puta, galinha, fêmea), sendo de destacar o aspecto cultural de que se fêmea é negativo para mulher, macho e machão não são para o homem”. Sobre o campo semântico relacionado a sexo, deve-se ter em mente que são fundamentalmente termos relacionados com violência sexual e posição de inferioridade (cf. PINKER, 2008), outro campo semântico que se mantém na lista de preferidos é o de excreções. Mesmo sendo tabus linguísticos que referem à violência e a excreções, os palavrões são muitos usados, do momento em que se bate o dedo mínimo do pé no pé da cama até encontrar um amigo, do elogio (como no exemplo acima) ao xingamento.

Segundo Pinker (2008, p.32), “é um verdadeiro quebra-cabeça para a ciência da mente explicar porque, quando passamos por algum acontecimento desagradável — cortamos o dedo junto com a *bagel*, ou derramamos um copo de cerveja no colo —, o tema de nossa conversa muda abruptamente para a sexualidade, a excreção ou a religião”. O uso de tabus linguísticos pode ser para se alcançar diferentes resultados pessoais e interpessoais, negativos, positivos ou inócuos, em relação ao impacto sobre o ouvinte, conforme Jay (2009, p.155). Os resultados positivos são alcançados quando se usa palavrões em “piadas e humor, comentários sociais, conversa de sexo, contação de histórias, gíria de grupos, e autodepreciação ou sarcasmo irônico objetivando promover harmonia e coesão social”⁹⁹ (2009, p.155). Os resultados inócuos estão no uso em hábitos conversacionais casuais sem haver um motivo aparente que não ser apropriado à informalidade (JAY, 2009, p.155).

Os palavrões mantém ligação com as emoções. Há evidências para a concentração dos palavrões no hemisfério direito, mas especificamente nos glândlios de base (Pinker, 2008; Jay, 2009; Jay *et al.*, 2009; Kensinger e Corkin, 2003; entre outros). A hipótese para essa “localização” se deve a casos de pacientes com lesões cerebrais que não conseguem falar palavrões e àqueles com coprobalia, devido à Síndrome de Tourette. Em seu livro, Pinker fala sobre um homem que sofreu derrame nos glândlios de base¹⁰⁰ e que após isso não conseguia mais cantar músicas conhecidas, recitar orações e bençãos que sabia de cor antes do derrame, nem falar palavrões, no entanto conversava fluentemente, em frases gramaticais.

Considerando-se os exemplos abordados pode-se dizer que a melhor abordagem linguística para os palavrões é predominantemente pragmática,¹⁰¹ pois se a carga semântica é relativamente a mesma, o peso pragmático é variável de acordo com, por exemplo, as intenções. Para ilustração:

U1¹⁰² – “Falar palavrão pode ser feio, mas é legal pra CARALHO”

⁹⁹ Do original: “(...) jokes and humor, social commentary, sex talk, storytelling, in-group slang, and self-deprecation or ironic sarcasm in order to promote social harmony or cohesion.”

¹⁰⁰ Conjunto de aglomerado de neurônios que ficam numa região profunda da parte frontal do cérebro que recebem informações de outras partes do cérebro, como a amígdala e outras áreas do sistema límbico que então voltam para o córtex.

¹⁰¹ Mas apenas pragmática.

¹⁰² Retirado do Facebook

Apesar de ‘caralho’ significar ‘pênis’, se usássemos essa palavra no lugar daquela o significado seria completamente diferente (Falar palavrão pode ser feio, mas é legal pra pênis?!), perderia sua força expressiva. Se ‘caralho’ não significa o que significa, como sabemos o que significa? A resposta é simples, mas não autoexplicativa, conhecimento pragmático. Em um quadro de “Nóis na Fita”, os humoristas exploram os palavrões para fazer humor focando no uso. Entre os palavrões usados está ‘caralho’, eles dizem “nada melhor pra dar ideia de muita quantidade do que ‘pra caralho’”, ou seja, é conhecimento natural dos falantes sobre o uso. Também no exemplo abaixo, o palavrão tem significado diferente no uso do que tem na semântica:



Fonte: <http://www.facebook.com>

‘Foda’ é substantivo derivado de ‘fuder’ que significa fazer sexo,¹⁰³ logicamente ele seria equivalente ao substantivo ‘sexo’, mas no uso “não passa nem perto”. Esse palavrão é normalmente usado como adjetivo, como no exemplo acima, e tanto pode ser um elogio como um xingamento (por exemplo, “a minha irmã é foda, comeu todo o bolo e não me ofereceu”). A valoração, portanto, é dependente de contexto. Nesse exemplo, se tem a imagem do ator que interpretou o poderoso mago, Gandalf, na trilogia do “O Senhor dos Anéis” e o poderoso e perigoso mutante, Magneto, na série de filmes “X-men”, sendo ‘foda’ usado para significar que ele é incrível. Nos dois exemplos, se tem um processo inferencial para a compreensão.

¹⁰³ Mas não numa relação de igualdade entre os envolvidos, um sofrerá a ação.

Nesse capítulo foram discutidas algumas teorias pragmáticas inferenciais. Todas em interface com outras áreas do conhecimento na busca de uma melhor explicação acerca do fenômeno que tratam, a exceção da seção 2.3.2 que não trata de uma teoria específica. Objetivou-se ilustrar a complexidade dos fenômenos que elas almejam descrever e explicar e também colocar alguns problemas para essas.

No diálogo, tão presente na sociedade, se decide o que comprar, amar, odiar, desejar, gostar, em quem votar, para onde viajar, etc. Um jogo de relações que envolvem intenções, emoções, desejos, status que influenciam e afetam a compreensão. O dito não é suficiente para essa, somos semanticamente vagos, logicamente falaciosos e, ainda assim, nos entendemos. De acordo com Campos uma abordagem interdisciplinar de diálogo é mais atraente dada os elementos heteromórficos envolvidos, linguísticos (fonéticos/prosódicos, morfológicos, lexicais, semânticos, sintáticos, pragmáticos, retóricos, argumentativos), intencionais (relacionadas à sentimentos, política, economia, etc.), temporais (passado, presente, futuro, diacronia, sincronia), culturais, inferenciais (inferências dedutivas, indutivas e abduativas, acarretamentos, implicaturas), etc., em suma uma miríade de variáveis que se entrecruzam, dirigem e afetam a conversação. Contudo, apenas dizer que uma abordagem interdisciplinar é mais interessante, não é suficiente, a proposta de diálogo de Costa é também “interteórica”, uma vez que pressupõe outras teorias para abordar esse fenômeno.

Devido às críticas de filósofos quanto à linguagem natural ter um sentido fraco e de difícil formalização, no sentido estrito de lógica, Grice argumenta que a conversação (ou diálogo) não é caótico como pressupunham, há princípios gerais que governam a interação e de conhecimento dos falantes. Apesar dos muitos equívocos sobre o modelo griceano, ele não afirma que os falantes são o homem máxima, mas sim, naturalmente, o homem implicatura (como Pinker, 2008, chamou para melhor explicar esse modelo). Levinson propõe uma interessante interface entre semântica e pragmática para a defesa de enunciado tipo, no entanto quando o significado deste não é o mesmo do enunciado do falante, aquele é realmente inferido? De acordo com a TR, não. Essa teoria permite a explicação de como se dá a compreensão numa perspectiva cognitivo-inferencial, que permite explicar, entre muitos fatores, como é feita seleção de informações entre uma constelação de estímulos e até mesmo entender o que causou um desentendimento, linguisticamente falando.

A compreensão tanto da polidez quanto dos palavrões depende de processo inferencial, assim como sua explicação se torna mais efetiva através de relações interdisciplinares. Apesar do custo de enunciados polidos ser maior do que um enunciado direto (cf. ALONSO, 1995), o comportamento é esperado na interação, ele é usado para derrubar barreiras ao mesmo tempo em que pode levantar outras. Uma pessoa que tem por característica uma linguagem polida está em igualdade com alguém que não tem, mas que, no entanto, está cuidando sua linguagem para que seja? A intenção diferencia-se, será que não afeta a inferência implicada? Isso de qualquer forma dependeria do reconhecimento do outro acerca dessa intenção. Também parece ser paradoxal o uso de palavrões, por natureza grosseiros, também servem para demonstrar intimidade, criar um clima de descontração.

3 A RETÓRICA DA POLIDEZ E DOS PALAVRÕES

Nesse capítulo será proposta uma interface entre os modelos inferenciais apresentados no capítulo anterior, a partir de uma noção de retórica linguística, ilustrada através de diálogos digitais focando-se em polidez e em palavrões. Na mesma interface da AID,¹ com foco na emoção, Costa² também defende uma perspectiva linguística de retórica como subárea da pragmática, na qual a forma tem efeito sobre o conteúdo, desencadeando um processo inferencial. Por que, quando questionado sobre se X continua casado, dizer “Aham, parou de comer fora” e não “sim, ele continua casado, porque fez as pazes com a esposa” ou então “sim, parou de trair a esposa”? No caso da segunda resposta, talvez por que, no momento, o falante não podia ser indiscreto, mas se esse fosse o caso, a melhor resposta não seria apenas um ‘sim’ ou ‘não’? De acordo com a proposta que se irá apresentar aqui, a resposta para a primeira dessas perguntas é, informalmente falando, “causar”. Nessa perspectiva, um dos objetivos da polidez seria causar um efeito positivo ou evitar um efeito negativo. Como dito, ela parece corresponder, intuitivamente, ao Princípio da Conectividade Não Trivial através de deferência e/ou solidariedade (ou, nos termos da Teoria da Polidez, polidez positiva e polidez negativa, respectivamente). Além disso, sua compreensão e comunicação dependem da forma de se dizer algo, sendo inferida pelo ouvinte. Do mesmo modo que a polidez, também os palavrões afetam a compreensão e a percepção do ouvinte acerca do falante. Posto isso, polidez e palavrões serão tratados, predominantemente, numa perspectiva pragmática, pois se a carga semântica é relativamente a mesma, o peso pragmático é variável de acordo com, por exemplo, as intenções³ e a forma (de acordo com a noção de retórica enquanto efeito da forma sobre o conteúdo).

Optou-se por diálogos digitais, pois i. as RSI em geral apontam para a tendência que o homem apresenta em relação à busca do estabelecimento de laços afetivos e profissionais, ii. a web representa um “banco de dados” gigantesco, iii. o caráter altamente interativo que

¹ Linguagem, lógica, comunicação e cognição.

² Não há publicações oficiais sobre essa proposta que foi apresentada no curso de Pragmática e Retórica, no curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, durante o primeiro semestre de 2011.

³ Diferente da noção de intenção de Grice e Levinson e das intenções comunicativas e informativas da Teoria da Relevância. Aqui uma noção mais próxima ao senso comum.

a comunicação na cultura digital apresenta, iv. a tensão entre formalidade e informalidade em relação a natureza pública e privada dos diálogos.

As hipóteses que subjazem são: i. as inferências são multiformes e *online*,⁴ ii. os raciocínios são dinâmicos, iii. a comunicação nas redes sociais é análoga à da comunicação natural, iv. a forma de manifestação de polidez varia de acordo com o tipo de relação; v. nas RSI, propriamente ditas,⁵ a *polidez positiva* se torna mais comum entre eles, por ser em princípio uma rede de amigos; vi. as inferências de polidez no processo comunicacional são apreendidas através de contexto situacional, grau de proximidade entre os envolvidos, hierarquia social e intenções mais prosódia, estrutura sintática, léxico, semântica e pragmática, etc.; vii. por estarem ligados às emoções, os palavrões possuem uma maior efetividade na expressão delas do que, por exemplo, um discurso mais polido, à princípio; viii. os palavrões afetam a audiência, de forma positiva, negativa ou neutra; ix. a polidez e o palavrão são propriedades retóricas que constituem formas a determinar efeitos sobre o conteúdo.

3.1 RETÓRICA LINGUÍSTICA

Apesar de ser o uso da retórica muito anterior à disciplina da Retórica,⁶ pouco se falará sobre esse caminho prévio, se partirá da sociedade grega e o papel da ágora no desenvolvimento da retórica. Essa foi usada como uma forma para defender interesses de uma comunidade (cf. ROHDEN, 1997, p. 26), era pela força do discurso em seus elementos linguísticos e extralinguísticos que o indivíduo se defendia. Coráx e Tísias foram os primeiros a elaborar um tratado sobre retórica, que se fundamentava na busca pelo verossímil. Entretanto, foram os sofistas que melhor desenvolveram e exploraram a retórica. Considerados por muitos como os primeiros filósofos da linguagem, os sofistas concentravam seus estudos e ensinamentos no uso dessa. Eles exploravam técnicas para que através da retórica fosse possível convencer o ouvinte. Os sofistas ensinavam que o bom

⁴ Como defendido por COSTA, disponível em

http://www.jcamposc.com.br/textos_disciplinas/aretoricainferencialdodiscursopolitico.pdf

⁵ Twitter e Youtube não são propriamente redes sociais. No Twitter não há uma relação pressuposta de reciprocidade, o principal objetivo é o compartilhamento de informações e opiniões em mensagens. Já o Youtube é um site para publicações de vídeos, no qual pode haver um grupo que frequente o mesmo canal e no qual há bastante interatividade nos comentários e que pode ser associado ao Facebook, Twitter, Orkut.

⁶ Conforme tradição grega.

retórico deveria encontrar a forma e os argumentos para convencer, fosse sobre a verdade ou fosse sobre a mentira. Atitude essa que filósofos como Platão entenderam como perigoso. Górgias, sofista, entendia a retórica como forma suprema de persuasão, com a finalidade de se conseguir poder político.⁷ Este retórico “deu ênfase à dimensão formal do discurso minimizando as questões éticas” (ROHDEN, 1997, p.64). Isócrates defendia que a retórica estava ligada à política e a educação, mas se diferenciava na medida em que enfatizava que a retórica devia se submeter à ética, “orientado para a obtenção de uma vida boa na *pólis*. Fundamentou-a sobre a racionalidade prática, verossímil, acessível a todos os homens, proscurendo ao mundo da inutilidade a racionalidade abstrata (‘científica’)” (ROHDEN, 1997, p.64). Já Platão, como dito, via na retórica uma ameaça, uma vez que podia defender tanto a verdade quanto a mentira. Em primeiro momento, no *Diálogo Górgias*, esse a caracterizou como *emperia*, ou simples prática. Em *Fedro*, afirmou que a retórica era parte da filosofia, “à medida em que for dialética” (ROHDEN, 1997, p.64).

Aristóteles distinguiu diferentes tipos de racionalidade, sendo uma delas a retórica. Nesta ainda predomina a noção de verossímil. Para Aristóteles, a retórica possui valor de neutralidade: “que pode envolver-se tanto com o bem quanto com o mal” (HÖFFE, 2008, p.60.). Os três meios de convencimento que ela apresenta são: *ethos*, *pathos* e *o logos*. O primeiro deles diz respeito ao caráter, no qual o orador necessita passar valores como prudência, virtude e bem-querer. O segundo está relacionado com as emoções, como baixa estima, amor e ódio. O último diz respeito ao conhecimento. Assim como em Aristóteles se mantém a afirmação de que a retórica está ligada as emoções, e por isso que ela se torna mais atraente comunicativamente.

Diferentemente das concepções apresentadas até aqui, Costa⁸ apresentou uma proposta na qual a retórica é considerada uma subárea da pragmática, em que a forma tem efeito sobre o conteúdo. Mantém-se, pois, a distinção entre racionalidade forte e fraca, como também defendido por Rohden (1997). A primeira diz respeito ao necessário e imutável, enquanto a segunda ao verossímil, visto a ampla aceitação de falácias, no sentido lógico. É esta segunda racionalidade que mais pesa na linguagem natural e que tantos debates gerou.

⁷ Aqui, nota-se a ligação com a ágora e a vida política.

⁸ No curso de Pragmática e Retórica no primeiro semestre de 2011.

A retórica enquanto o efeito que a forma tem sobre o conteúdo será chamada de **retórica linguística**. A forma como um enunciado se diferencia irá gerar diferentes inferências, pois haverá diferentes elementos sobre os quais recairá a atenção do ouvinte. Segundo Pinker (2008), a violação de máximas pode explicar recursos retóricos (como a ironia, o sarcasmo, minimizações e exageros). Pode-se considerar que um **operador retórico** constitui o *input*, enquanto a inferência decorrente, não apenas dele, é o resultado. Como ilustração, A pergunta para B quem irá ao churrasco achando estranho a animação deste. B então responde:

(8) The Big Butt [grande bunda]

Da perspectiva griceana, no enunciado, há a aparente violação de máximas das quatro categorias. Tem-se no enunciado um exagero, quebrando a primeira máxima de Qualidade; o enunciado não é muito informativo, se concentra em apenas uma característica, aparentemente violando a primeira máxima de Quantidade; ele não responde a pergunta diretamente, violando a máxima de Relação; e, por último, o enunciado não é claro. Considerando-se a perspectiva que se quer abordar nesse capítulo, a repetição de ‘b’ e a sequência ‘the big’ remete a expressão ‘the big bang’, herdando como efeito colateral o sentido de algo grandioso. O efeito seria diferente de se dizer o nome da pessoa ou a ‘pessoa com uma grande bunda’, a inferência geraria uma conclusão implicada diferente.

Dois elementos desempenham um papel mais saliente nesse processo retórico, a repetição fônica e os dois lexemas presentes em uma expressão famosa. Eles podem ser considerados respectivamente como **operador fonológico** e **operador lexical**. Assim é razoável pensar em operadores **morfológicos, sintáticos, semânticos, e pragmático** (referindo figuras de linguagem), lembrando-se que se está defendendo uma retórica linguística. Ela pode ser avaliada por graus, desde um grau zero (que não significa que não tem retórica, mas sim que seu grau é mínimo, por exemplo, trabalho científico) até um grau máximo (por exemplo, surrealismo).

S&W (1990) consideram os efeitos retóricos como efeitos cognitivos fracos, “cuja recuperação é acionada pelo locutor, mas cujo conteúdo o ouvinte contribui ativamente para determinar”⁹ (S&W, 1990, p. 7). No entanto há mais do que implicações contextuais, contradição, enfraquecimento e fortalecimento de suposições. Dentro da perspectiva

⁹ Do original: “(...) whose recovery is triggered by the speaker, but whose content the hearer actively helps to determine”.

defendida, antes de se chegar aos efeitos e conclusões implicadas se têm os operadores retóricos que atingiriam antes o emocional e gerariam as suposições para então ir para efeitos cognitivos e conclusões implicadas. Para esses autores o efeito retórico permanece, mesmo que não compreendido.¹⁰

A retórica linguística, como proposta aqui, é compatível com o trabalho de Grice, Levinson, Culpeper,¹¹ Sperber e Wilson.

3.1.1 A retórica da polidez nas redes sociais

Retomando o que Pinker disse, “o uso da polidez ou da delicadeza na língua não é uma questão de etiqueta social, como não por os cotovelos sobre mesa, e sim de os falantes fazerem ajustes para evitar as igualmente inúmeras maneiras de seus ouvintes ficarem ofendidos” (PINKER, 2008, p.433). No entanto, será que nas RSI esses ajustes são estritamente linguísticos? Considerando-se, por exemplo, as funcionalidades “curtir”, “compartilhar”, não seriam elas formas equivalentes às naturais de solidariedade ou polidez negativa na cultura digital?

Considerando-se que se tratam de diálogos digitais, supõem-se que haverá algumas diferenças nas formas de se mostrar polidez. Uma delas é que as RSI são públicas,¹² assim há duas instâncias de diálogo digital, nas quais a polidez também age: diálogo direto, um comenta o que o outro postou ou disse; diálogo entre quem postou e o ouvinte virtual.¹³

Passando-se para exemplos a fim de ilustrar as interfaces apresentadas até aqui:

(9) @frasesdocalvin - @haroldootigre¹⁴ Sempre que vou tomar banho, coloco meu patinho na banheira antes de eu entrar.

@haroldootigre – Para te fazer companhia?

@frasesdocalvin – Não... Para checar se tem tubarões...¹⁵

Pelo modelo griceano o que se pode dizer sobre o primeiro enunciado de @frasesdocalvin é que não há razão para se pensar que ele não está seguindo o PC e que ele

¹⁰ Basta pensar em uma música em outro idioma que não se entenda, mas que mesmo assim se gosta, ou então, quando não se entende totalmente um poema e ainda assim ele causa certo efeito.

¹¹ Sobre a abordagem deste, se falará no próximo capítulo.

¹² Há possibilidade de manter como particular todo o perfil, somente pessoas autorizadas podem ver, limitar o que pode ser exibido, só para algumas pessoas selecionadas, ou deixar público.

¹³ Indicando qualquer um que venha ler.

¹⁴ Para aqueles não habituados ao Twitter, é possível direcionar uma mensagem a alguém em específico.

¹⁵ Retirado do Twitter

não está agindo de acordo com as máximas. Ainda assim, @haroldootrigre pergunta qual seria a razão para tal atitude, ele pode tanto acreditar que @frasesdocalvin aparentemente quebrou a primeira máxima de Quantidade¹⁶ quanto apenas instigando o diálogo, em acordo com o princípio de conectividade não trivial e com a premissa de interação das RSI.¹⁷

Pela TICG,¹⁸ o enunciado segue a I-heurística.¹⁹ Portanto, de acordo com essa heurística,²⁰ a interpretação estereotípica é que @frasesdocalvin colocou o pato de borracha para brincar enquanto toma banho.

Pela TR, independente de se houve uma intenção comunicativa ou apenas informativa por parte de @frasesdocalvin, o enunciado deste torna manifesto para @haroldootrigre uma gama de suposições. Entre elas, a de que deve haver um motivo para colocar um pato de borracha na banheira. Se a intenção de @haroldootrigre for apenas a conexão, então ele não atribui relevância ao enunciado de @frasesdocalvin. Se, no entanto, @haroldootrigre considera que @frasesdocalvin deveria ter dado mais informações, então atribui relevância ao enunciado.

O diálogo entre @frasesdocalvin e @haroldootrigre tanto pode ser considerado polido como impolido, dependendo da intenção que se atribua a eles. Se @frasesdocalvin acredita que @haroldootrigre teve a intenção de ser polido (A), então ele entende que @haroldootrigre acredita que o motivo de se colocar o pato de borracha seja querer companhia e @haroldootrigre quer dar prosseguimento ao diálogo (C). Se, no entanto, @frasesdocalvin acredita que @haroldootrigre teve a intenção de ser impolido (P), então @frasesdocalvin entende que @haroldootrigre acha bobagem brincar com pato de borracha (R) e que o enunciado é sarcástico (T), conforme esquema 1. Se @haroldootrigre acredita que @frasesdocalvin teve a intenção de ser polido (B), então Entende que @haroldootrigre realmente acredita que ter companhia na banheira seja a razão do pato e @frasesdocalvin acredita que pode haver tubarões na banheira (D). Se @haroldootrigre acredita que @frasesdocalvin teve a intenção de ser impolido (Q), então @haroldootrigre entende que @frasesdocalvin não aceita que @haroldootrigre não tenha entendido o enunciado tipo (S) e que o enunciado é irônico/sarcástico (U), conforme esquema 2. Esse aspecto de

¹⁶ “1) Faça sua contribuição tão informativa quanto é necessário (para o propósito corrente da conversação)”

¹⁷ Interação e conexão.

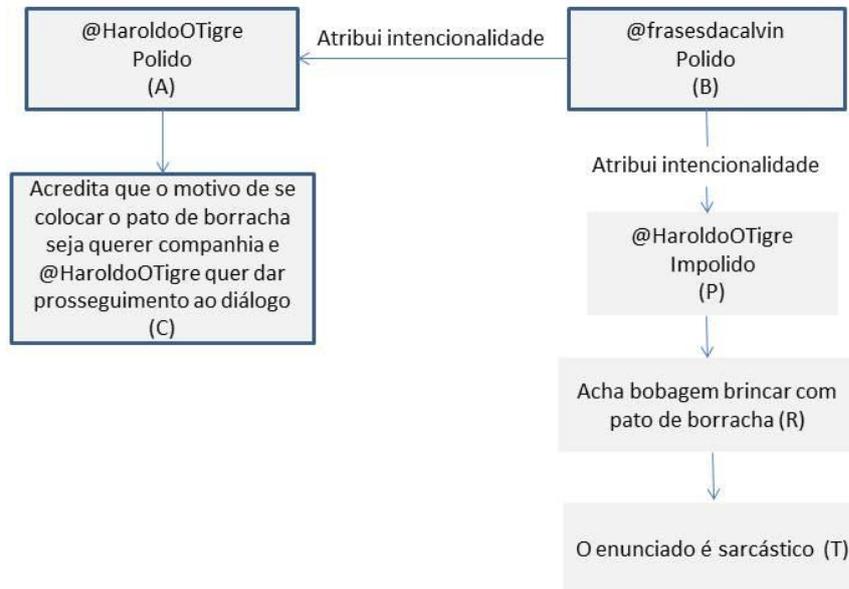
¹⁸ Teoria das Implicaturas Conversacionais Generalizadas

¹⁹ O que é descrito simplesmente é estereotipicamente exemplificado.

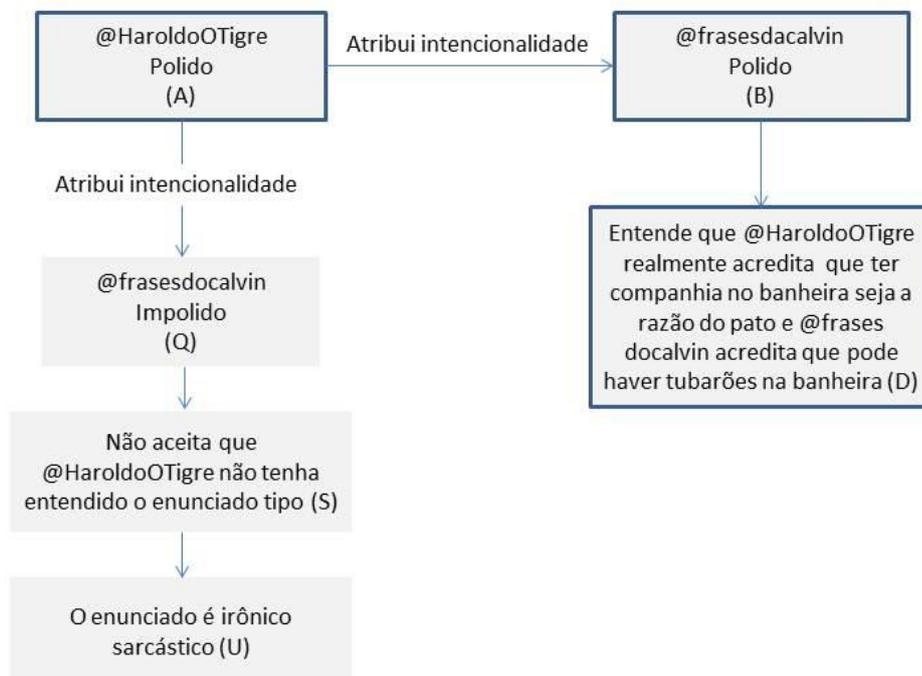
²⁰ Dependente de conhecimento de enciclopédico.

intencionalidade é compatível com a proposta de Culpeper (2011) que defende que polidez se diferencia de impolidez quanto a intencionalidade.

Esquema 1 @frasesdocalvin atribui intencionalidade



Esquema 2 @haroldootigre atribui intencionalidade



Conforme defendido por Escandell-Vidal (1998), só há comunicação (na perspectiva da TR) quando há alteração no ambiente cognitivo dos envolvidos, podendo ser a polidez manifesta para um apenas ou mutuamente manifesta, nesse caso há um equilíbrio entre o que o falante quis dizer e o que o ouvinte entendeu. Esse último aspecto é compatível com a

visão de Grice e Levinson sobre a conversação: “S significa_{nn}²¹ p proferindo U para A se e somente se S tenciona que: (a) A pense p; (b) A reconheça que S tenciona (a); (c) Reconhecimento de A da intenção de S que A pense p, sendo a primeira razão para A pensar p” (LEVINSON, 2000, p.13). O operador retórico que se destaca é o, pragmático, pois, independente de ser um enunciado sarcástico ou não, a impossibilidade de haver um tubarão na banheira causa estranhamento, chamando a atenção do ouvinte.

(10) U1 – [sobre a figura 6] Como todo bom gaúcho: “O Sul é o meu país!”

U2 – de coração, com todo o respeito, só fala isso quem não entende nada disso.²²

Figura 6 Exemplo 10, capítulo 3



U1 publica a figura 6 e comenta sobre ela, apesar de não haver um pedido explícito de *feedback*, ao se publicar algo em uma RSI ou espaço para comentários supõe-se e espera-se que a publicação cause algum efeito, é um “convite” para a interação. O enunciado de U1 aparentemente viola a primeira máxima de quantidade, se não há razão para se supor que não está seguindo o PC, então U1 quer gerar um implicatura conversacional. O enunciado torna manifesto um conjunto de suposições sobre um movimento separatista.²³ A imagem sobre esse movimento é publicada através da expressão individual, direito previsto na lei sobre liberdade de expressão, pois não incita violência e nem ódio. Ainda assim pode ser considerado um enunciado impolido. Há uma FTA positiva e negativa ao mesmo. Ao dizer “como todo bom gaúcho: ‘o sul é o meu país’ implica conversacionalmente, através da Q-

²¹ NN indica não natural, ou seja, significado não convencional.

²² Retirado do Facebook.

²³ Para saber sobre esse movimento pode-se consultar

http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Sul_%C3%89_o_Meu_Pa%C3%ADs.

heurística,²⁴ que o gaúcho que discorda não é um bom gaúcho; e ao reafirmar o slogan do movimento, “nesse país eu acredito” implica conversacionalmente, através da mesma heurística, que U1 não acredita no restante do Brasil e nem em nenhum outro estado brasileiro. Não há no enunciado tentativa de amenizar ou diminuir a FTA à face positiva e nem negativa do ouvinte virtual. Se por outro lado não houvesse no enunciado “como todo bom gaúcho”, a implicatura conversacional generalizada “o gaúcho que não concorda não é bom” não ocorreria e nem a tentativa de impedir que outros discordem, como é o caso de U2.

U2 aparentemente viola a segunda máxima de qualidade na tentativa de amenizar a FTA positiva. Antecipando, nos termos de B&L, a ameaça à face de U1, U2 utiliza duas formas de amenização para fortalecimento de suposições (na noção da TR sobre efeitos cognitivos) sobre não ser intencional a impolidez. Ele tem a intenção de tornar manifesto que discorda, mas que isso não é pessoal e que é sincero. Ao dizer “de coração” implica conversacionalmente que há relação com emoção e, portanto, sincero e ao dizer “com todo o respeito” que não está discordando apenas por discordar. Se não houvesse “de coração”, implicaria conversacionalmente apenas “discordo de ti por ter razões razoáveis para isso, e não por querer atacar”. Se por outro lado não houvesse “com todo respeito” implicaria conversacionalmente apenas “sinceramente”, contudo se fosse usado ‘sinceramente’ no lugar de coração a força emocional se perderia, apesar de ser mantida a mesma IC. Uma terceira possibilidade seria a de não usar nenhuma das formas de amenização, nesse caso seria impolido, se intencional, ou apenas rude.

No exemplo (10), U2 implica conversacionalmente através da expressão “de coração” que está sendo sincero (e também por causa do peso emocional). A intenção de tornar manifesto que está sendo sincero reforça a noção intuitiva, também presente no exemplo abaixo, de que mentir é ruim. A força retórica, a despeito de se concordar ou não com o enunciado de U1, está no conhecimento enciclopédico acerca do orgulho gaúcho, ou seja, um operador pragmático. Já no enunciado de U2, o operador lexical se destaca através da modalização do discurso.

²⁴ O que não é dito, não é

- (11) [Sobre vídeo de um rapaz cantando música de composição própria] U1 – devo dizer que seu violão é muito mais bonita q a música tocada nele, a qual ficou muito gay, sinceramente.²⁵

Nesse exemplo, também se destaca o operador lexical, primeiro através de uma linguagem “crua” e, por final, modalização.

No exemplo (11), ainda que comentário de U1 não corresponda em seu conteúdo ao que o rapaz cantando esperava ao postar o vídeo. Ele está agindo de acordo com o PC, e aparentemente viola a máxima, sugerida, “seja polido” da categoria Modo. O termo ‘gay’ não está em seu sentido habitual, há aparente quebra de primeira máxima de qualidade, conforme modelo griceano, o termo é enriquecido pragmaticamente através de conceito ad hoc, conforme Teoria da Relevância, para indicar emocionalmente exagerado e feminino. U1 implica conversacionalmente que a música é simplória e emocionalmente exagerada. Menos saliente é a implicatura conversacional sobre polidez, ao acrescentar ‘sinceramente’, U1 implica conversacionalmente, através da q-heurística, que poderia ser pior, pois poderia estar mentindo. Se não houvesse no enunciado o termo ‘sinceramente’, não haveria nenhuma tentativa de amenização tornando manifesto a intenção de ser impolido (na acepção pragmática proposta por Culpeper, 2011). Assim como no exemplo sobre o ônibus, na seção 2.2.2, o falante optou por não quebrar a máxima de qualidade, gerando uma FTA positiva. Igualmente problemático na relação entre polidez e verdade é o exemplo que segue:

- (12) Contexto – A e B foram ao mercado juntos. A deixa o carrinho com B e vai para outro corredor. B sem perceber o carrinho segue A que percebe e volta em direção ao carrinho passando, irritado, por B. B então comenta: “A, está muito irritado, veio em minha direção com passos de elefante”, sem perceber um homem obeso a frente. Este vira-se e fala: “como é que é?” B fica no impasse: dizer a verdade ou mentir. Se B disser “não me referi a ti”, torna manifesto, pela q-heurística, que seria plausível acreditar que sim (ou seja, implicaria conversacionalmente que ele é gordo). Se por outro lado, B disser: “estava me referindo a A” e A não é gordo, tornaria manifesto o mesmo conjunto de suposições, acrescido de ironia (ainda que não intencional), se A for gordo continuaria manifesto que B poderia estar se referindo ao peso do homem. O melhor poderia ser dizer “nada”.

²⁵ Retirado de Facebook

Note-se que esses efeitos cognitivos são fracamente implicados, influenciado principalmente pelo emocional. O exemplo a seguir se diferencia um pouco dos demais:

(13) @piangers – Oi Internet. Você já tem um site de enquetes bonito que eu possa embedar no meu blog? Uma enquete em flash bonita? Hein? Hein?

U2 - @piangers tava pesquisando isso outro dia, nunca usei, mas achei o quiblo.com/flash-quizzes (o último)

@piangers - @U2 MELHOR DICA! ficou lindo: wp.clicrbs.com.br/pretinhabasico²⁶

@piangers, no primeiro enunciado, não direciona sua pergunta a ninguém em específico, minimizando a FTA negativa, na perspectiva da Teoria da Polidez, contudo, considerando-se o meio usado, há uma possibilidade mais interessante: @piangers não sabe de alguém em específico que tenha esse conhecimento, então utiliza o poder conversacional do Twitter para tornar pública sua necessidade e provavelmente ter a resposta. Embora sua opção pela informalidade não afete a IC, afeta a recepção por parte do ouvinte, fazendo seu pedido menos impositivo. O primeiro enunciado de @piangers aparentemente viola uma máxima de Modo, por ser vago quanto a quem está se dirigindo.

@U2 aparentemente quebra a primeira máxima de Quantidade para não violar uma máxima de Qualidade. Afirmar sobre a qualidade do site indicado sem saber se é verdade, poderia vir a prejudicar @piangers ou levá-lo a crer que foi intencional. Seu comentário sobre nunca ter usado torna manifesto que ele não garante a qualidade, mas que acredita que a informação possa ser útil. Ao acrescentar “o último” também torna manifesto o desejo de facilitar a navegação de @piangers.

Apesar do retorno de @piangers sobre sua experiência com o site indicado não ser necessário, ele demonstra deferência para com quem indicou. Ele faz uso de maiúsculas para indicar grito, enfatizando a gratidão e a empolgação com o resultado. “ficou lindo”, apesar de ser FTA positiva, também reforça o quanto gostou da dica de U2 e o quanto esta foi útil. No entanto, suponha-se que o código estivesse cheio de bugs,²⁷ o enunciado seria irônico, pois não funcionaria como esperado.

Os operadores que se destacam nesse exemplo são lexical, semântico (uso de palavras de mesmo campo semântico: informática e beleza, por exemplo) e morfológico

²⁶ Retirado de comentários no Youtube

²⁷ Pode um erro no funcionamento de um software ou falha na lógica de programação, como seria nesse exemplo

(uso de sufixo mais informal, ‘-ona’ em ‘bonitona’, e uso de sufixo verbal, ‘-ar’, para padronizar o termo ‘embed’ ao sistema verbal do português).

Também não direcionado é o primeiro enunciado do exemplo abaixo, no entanto, é um comentário e não uma pergunta propriamente dita.

(14) @marcosmion – Pq a noite da uma vontade absurda de comer besteira?!

Acabei de misturar melancia com doce de leite... e já me arrependi.

@osprimitivos – @marcosmion Melhor do que comer a Rêgina Casé, pode apostar.

@marcosmion - @osprimitivos hahahahah! Vc é foda...²⁸

@macrcosmion compartilha uma experiência pessoal satisfazendo o Princípio da Conectividade Não Trivial. Se sua intenção fosse saber se mais alguém havia passado por experiência semelhante, então ela se tornou mutuamente manifesta e a intenção de @osprimitivos era implicar conversacionalmente que poderia ser pior, pela q-heurística, demonstrando solidariedade, conforme Pinker (2009). Apesar da conversa dos dois ser impolida em relação a outros, entre eles não chega a ser. Os operadores que se destacam são lexical (informalidade dos termos) e pragmático (conhecimento enciclopédico sobre Regina Casé).

O exemplo a seguir pode ser visto como paradoxal, como se discutirá.

(15) @U2 – Graças a boa estrada 040 da nossa amiga #dilma, gastei 6hrs e meia pra fazer Barbacena-bh (normal 2hrs). Essas são as estradas da copa.

Esse exemplo é intencionalmente impolido, no entanto a ironia pode ser considerada polida, “nossa amiga Dilma” como forma de atenuar e tornar a crítica moderada. Se fosse dito, por exemplo, no lugar “da nossa amiga”, “do gênio” o impacto negativo seria maior. Nesse exemplo, se destacam o mesmo tipo de operadores retóricos (lexical e pragmático).

3.1.2 A retórica dos palavrões nas redes sociais

Diferentemente do senso comum, só é considerado impolidez, enquanto fenômeno referente à Teoria da Polidez, quando há a intenção de atingir a face do outro (CULPEPER,

²⁸ Retirado do twitter

2011). No entanto, suponha-se o seguinte comentário que poderia tanto ser publicado em um site sobre carros quanto em qualquer RSI:

(16) Um camaro é um puta carro!

Apesar de no senso comum sobre impolidez, esse enunciado ser considerado como tal, na perspectiva da Teoria da Polidez não há tentativa de afetar a face de outro. Não só por que não se trata de uma pessoa, pois se trocássemos por ‘médico’, por exemplo, continuaria não se tratando de impolidez. Na verdade no enunciado abaixo:

(17) House é um puta médico!

O palavrão está desempenhando o papel de adjetivo, sendo, no caso, um elogio. Se trocássemos por Maria,

(18) Maria é uma puta médica.

o enunciado geraria uma ambiguidade, podendo continuar como um elogio ou se tornar pejorativo dependendo do contexto e da intencionalidade. O que não aconteceria nos dois exemplos anteriores, pois o significado da palavra ‘puta’ é ‘mulher fácil’ e não se aplica a um objeto (a menos em situações metafóricas) ou a um homem. No entanto, no exemplo abaixo, o valor pejorativo não parece ter a mesma força:

(19) Maria é uma puta mulher.

Assim como no primeiro exemplo ‘puta’ desempenha papel intensificador, perdendo o peso de ‘mulher fácil’, ainda que continue sendo um palavrão. Passando o termo para depois de ‘mulher’, o efeito já se altera. Enquanto (18) apresenta uma ambiguidade sem gerar redundâncias, em

(20) Maria é uma puta que é médica

o nome já supõe se tratar de mulher. Dizer que Maria é mulher é, intuitivamente, redundante. Talvez se deva a isso a diferença do valor pragmático entre (18) e (20). O equivalente masculino de ‘puta’ para exemplos do tipo (20) não mantém relação de significados, ‘puto’ não significa homem “fácil” e sim homossexual. Quanto a adjetivo significando grandiosidade, ‘puta’ é invariável, a indicação de gênero se dá no determinante. Nesses exemplos se tem inferências pragmáticas, morfológicas, sintáticas e semânticas. O uso de determinante para marcar gênero mais a posição na estrutura da frase indica o significado do termo em questão, constituindo isso um conhecimento de uso. Outro exemplo sobre a interferência da forma sobre o conteúdo é o que segue:

(21) Puta que pariu, entrou um vírus no meu note.

Nem vírus e nem notebook são passíveis de nascer, exceto claro em casos de metáforas. Nesse exemplo, o palavrão se torna expletivo, conforme Jay (2009), usados para conotação emocional, em outras palavras para dar força expressiva já que raiva, frustração é fracamente implicado, funcionando mais como um efeito cognitivo de fortalecimento. Seguindo a proposta da TR para compreensão:

Explicatura – Puta que pariu, entrou [foi instalado] um vírus [software mal intencionado] no meu note [notebook].

Premissa implicada 1 – softwares mal intencionados danificam sistemas operacionais

Premissa implicada 2 – notebooks precisam de sistema operacional para funcionar

Conclusão implicada – o notebook será danificado pelo vírus

Contudo, a proposição sobre o estado emocional do falante é fracamente implicada, mas que pode funcionar como um efeito cognitivo de fortalecimento por ser esperado que o mal funcionamento ou perda do notebook gerasse desagrado. Se ‘puta que pariu’ fosse trocado por “nossa”, “que coisa”, “que droga” ou “que merda”, numa relação crescente de peso, o resultado não seria o mesmo. A carga emocional comunicada seria menor com qualquer uma daquelas expressões, lembrando que i. palavrões estão diretamente ligados à emoção (como discutido na subseção 2.3.2) e ii. os palavrões podem ser classificados numa lista de graus de aceitação e de impacto.

(22) @bomdiaporque – “Eu avisei que uma hora ia dar merda”. Nenhuma frase se encaixa tão bem para qualquer pessoa.²⁹

Seguindo o mesmo procedimento do exemplo anterior:

Explicatura – “Eu avisei que uma hora ia dar merda [acabar em problema]”. Nenhuma frase se encaixa tão bem para qualquer pessoa [quanto essa]

Premissa implicada 1 – alguém, não interessa quem, em algum momento, avisou outro que alguma coisa ia acabar em problema

Premissa implicada 2 – alguém, não interessa quem, em algum momento, irá fazer algo que acabará em problema apesar de ter sido alertado

Como as duas premissas são intuitivamente contraditórias, a mais fraca ou aquela para a qual há menos evidência será eliminada. No caso, a evidência para eliminação de uma das premissas será o perfil de @bomdiaporque, cujas características são o mau humor e o

²⁹ Retirado do Twitter

pessimismo, como a segunda seria a mais negativa, essa tende a ser a conclusão implicada. Nesse exemplo, o palavrão ‘merda’ tem conceito ad hoc em que o significado original é ampliado e enfraquecido, significando na frase que alguma coisa teve resultado negativo. O termo pode ser considerado um efeito cognitivo fraco, pois outros termos poderiam gerar a mesma conclusão implicada. Diferentemente do exemplo anterior, no qual o palavrão gerou uma proposição fracamente implicada sobre o estado emocional do falante, neste exemplo se tem apenas um efeito retórico. Se poderia substituir o palavrão por ‘errado’, contudo a ênfase, decorrente, nesse caso, da carga semântica, não teria o mesmo impacto, como mencionado no exemplo (21).

(23) U1 – Quem quer botar foto de desenho no perfil, bota, quem não quer, não bota. E não me encham o saco, please.³⁰

Nesse exemplo, U1 utiliza o palavrão para enfatizar, ou reforçar uma suposição. A expressão poderia ser trocada: “não me encham a paciência”, “não me incomodem”, mas novamente a força que o termo empresta seria perdido. Nesse caso o peso está diretamente ligado ao peso do tabu linguístico, constituindo novamente um efeito retórico, considerado por Sperber e Wilson (1990) como um efeito cognitivo fraco, pois o ouvinte ajuda na construção do sentido.

Explicatura: Quem quer botar foto de desenho [animado] no perfil [do Facebook], bota, quem não quer, não bota. E não me encham o saco, please

Premissa implicada – a troca de foto no perfil do Facebook pela imagem de um desenho animado é facultativa

Premissa implicada 1 – eu tenho o direito de não trocar a foto do meu perfil

Premissa implicada 2 – eu não quero trocar a foto do meu perfil

Conclusão implicada – não adianta insistir porque não vou trocar

Com o palavrão, U1 torna manifesto o quão irritado está com a insistência para trocar a foto do perfil,³¹ sendo manifesta a intenção de ser impolido.

(24) Como dito no exemplo abaixo, ‘foda’ não está sendo usado em sentido pejorativo. O termo perde alguns de seus traços semânticos e empresta peso expressivo. Trocando-se por “incrível” ou “tão poderoso” se perderia nuances de significados que não

³⁰ Retirado de Facebook

³¹ A troca de foto do perfil é parte de uma manifestação contra a violência contra a infância através de uma brincadeira na qual o usuário usaria a imagem de seu desenho animado favorito.

são necessariamente constantes para esse palavrão, como se verá nos próximos exemplos, mas sempre indicando relativa intensidade.

Figura 7 exemplo 24 - palavrões



Fonte: <http://www.facebook.com>

(25) @bomdiaporque – É fácil ser humilde quando todo mundo te acha fodão.
Quero ver ser humilde com o mundo achando você um bosta.

Explicatura – É fácil ser humilde [modesto] quando todo mundo te acha fodão. Quero ver ser humilde com o mundo achando você um bosta

Premissa implicada 1 – uma pessoa modesta tende a falar de si sem orgulho, a aceitar o que os outros falam de forma submissa

Premissa implicada 2 – se as pessoas te acham tão incrível a atitude delas em relação a mim será positiva

Premissa implicada 3 – se as pessoas te acham um pária a atitude delas em relação a mim será negativa

Premissa implicada 4 - @bomdiaporque duvida que se possa ser humilde quando há uma atitude negativa em relação a ti

Conclusão implicada – é mais difícil aceitar de forma submissa uma atitude negativa do que uma positiva.

A negatividade e a positividade são reforçadas pela escolha lexical. Nesse exemplo ‘foda’ tem o mesmo sentido que o anterior, e o poder expressivo do palavrão é ainda mais intensificado através do aumentativo ‘-ão’. Dificilmente seria possível substituir por outro termo mantendo-se o aumentativo: “grandão”, que mudaria o sentido, “*incrívelzão”,

“*poderosão”. Já ‘bosta’, tabu linguístico quando não se referindo especificamente a ‘excremento’, poderia ser substituído: “pária”, “idiota”, “perdedor”, mas, devido ao significado do termo original, se tornam manifestos traços semânticos associados para a criação da metáfora.

(26) @bomdiaporque – Foda mesmo vai ser quando a gente sentir saudades de 2011.

Também nesse exemplo, o palavrão funciona como um efeito cognitivo fraco, ou seja, o ouvinte ajuda ativamente a determinar o conteúdo. Seguindo o mesmo procedimento dos exemplos anteriores:

Explicatura – o ano de 2011 teve muitos eventos dramáticos, tais como o terremoto no Japão em março, os deslizamentos na Serra do Rio de Janeiro, a tragédia do Realengo...

Premissa implicada 1 – só se sente saudade de coisas agradáveis³²

Premissa implicada 2 – o ano de 2011 foi um ano difícil

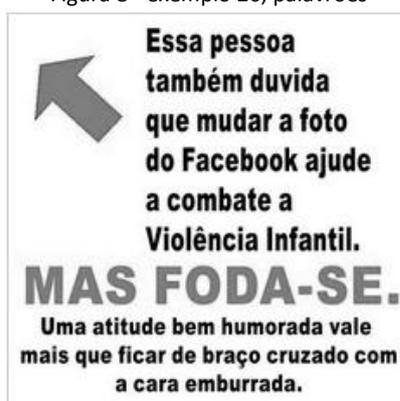
Conclusão implicada – é preciso acontecer coisas muito piores para sentirmos saudade de 2011

Diferentemente dos dois exemplos anteriores, ‘foda’ tem nesse enunciado sentido pejorativo, implicando que é algo ruim, complicado. Também diferente de outros exemplos já analisados que emprestavam seu peso expressivo perdendo parte de seus traços significativos, ou tendo eles enfraquecidos, nesse caso os traços semânticos, antes perdidos, são mantidos, ainda que não no sentido pleno, em sua negatividade. Apesar de “brabo” poder substituir o termo mantendo uma proximidade bem maior do que qualquer exemplo de troca já proposta nesse capítulo, não teria a mesma força. No entanto, se substituir por “preocupante”, a força seria maior, provavelmente por não ser informal. Se mudarmos a frase para “Se chegarmos a sentir saudade de 2011, estaremos fudidos.”, o peso aumenta em relação a possibilidade anterior.

(27)

³² Para se chegar a conclusão implicada, deve-se considerar que certos conceitos, se não todos, são construídos em contrapartida a outros, ou seja, como na explicação de Saussure, uma coisa é o que outra não é.

Figura 8 - exemplo 26, palavrões



Fonte: <http://www.facebook.com>

Figura 9 - exemplo 27, palavrões



Fonte: <http://www.facebook.com>

Nesses dois exemplos, também o palavrão se apresenta com peso pragmático diferenciado em relação a outros usos, como foi o caso de ‘puta’ apresentado no início dessa subseção. O que diferencia nesse caso é o pronome reflexivo ‘se’, usado mesmo em relação a objetos inanimados:

(28) A avisa B que os livros deste caíram e B responde: “Ah, foda-se!”

O mesmo não parece acontecer com outros verbos com a mesma naturalidade, exceto com expressões de uso semelhante, tais como: “dane-se”, “rale-se”. Os humoristas do show stand-up, *Nóis na Fita*, entre os quadros dedicados a linguagem, brincam com este e outros palavrões, principalmente explorando a sinceridade emocional que eles expressam em determinadas situações. Como eles colocam “o foda-se é um palavrão libertador que te desestressa e te coloca no eixo” (Leandro, humorista, *Nóis na Fita*). É uma noção de uso, não tão ligada ao sentido da palavra, mas com a negatividade do tabu linguístico e, principalmente, com a dissociação entre o destinatário e o falante, tentando demonstrar certa indiferença, como fica mais claro na figura 9.

Considerando-se os modelos inferenciais apresentados no capítulo anterior:

Explicatura – Essa pessoa [que postou a imagem] também duvida [outros já afirmaram duvidar] que mudar a foto [do perfil] do Facebook [pela imagem de um desenho animado] ajude a combater [r] a Violência Infantil. MAS FODA-SE. Uma atitude bem humorada [como essa] vale mais que ficar de braço cruzado com a cara emburrada.

Premissa implicada 1 – houve quem reclamasse da brincadeira e não quisesse trocar a foto

Premissa implicada 2 – eu gostei da brincadeira

Conclusão implicada – eu continuarei na brincadeira

Já pelo modelo de ICG, de Levinson, é implicado pela q-heurística que quem não brincar é mal humorado. Enquanto pelo modelo griceano, teremos uma implicatura convencional, na qual é implicado que uma vez que se concorda que mudar a foto não funcionará não se deveria fazer isso. A questão, então, qual o valor do palavrão se ele não afeta a conclusão implicada, independente do modelo inferencial? Seu efeito é lateral enquanto implicatura fraca, ou proposição fracamente implicada, no entanto, tem efeito maior sobre o ouvinte por tornar manifesto certa indiferença. Além do impacto que o palavrão gera por si só, também foram usadas palavras maiúsculas para enfatizar a atitude. Na figura 9, a atitude que o palavrão expressa é enfatizada, reforçando a noção mencionada pelos humoristas.

Nos exemplos dessa seção, os operadores retóricos que se destacam são: lexical (palavrões), pragmático (situação de uso e peso expressivo) e sintático (o significado está ligado à posição na estrutura em relação aos outros termos). Não se destaca o operador semântico, pois, conforme discutido nos exemplos, a carga semântica se esvai em relação ao uso.

3.2 DISCUSSÃO DAS ANÁLISES

Tentou-se demonstrar a estreita ligação existente entre polidez e intencionalidade. Não apenas no sentido griceano e da TR. Em Grice e Levinson, a intenção diz respeito ao falante querer que o ouvinte entenda o que o falante quer significar, simplificando se trata de uma intenção de significado (m-intenção). Segundo Levinson, essa concepção só será

realizada ou satisfeita se for reconhecida (LEVINSON, 2000, p. 13) pelo ouvinte.³³ O que se mantém, mas que não é suficiente para explicar certas ocorrências. Já S&W, defendem intenção informativa e intenção comunicativa, que dependem de o falante querer isso manifesto, porém há casos que não se enquadram nessa delimitação. Contudo, podem-se abordar intenções de pelo menos três formas, ‘de dentro’, os envolvidos na interação recuperando e supondo intenções ao mesmo tempo em que lida com as próprias, ‘de cima’, na qual se tem um diálogo pronto entre dois elementos (no mínimo) e um terceiro elemento que tenta descrever quais são as intenções,³⁴ e o ‘teórico’ na qual se demonstra/ilustra como diferentes intenções, que não só m-intenções ou intenções informativas e intenções comunicativas, afetam o processo. Essa última é defendida por Costa (no prelo), segundo o qual as intenções são online, ou seja, elas são percebidas pelos envolvidos na interação à medida que ela se desenvolve, ao mesmo tempo em que elas podem se alterar, surgir novas, podendo ainda haver a intenção de não transparecer certa intenção e não somente quanto a querer informar algo, mas também com intenções, por exemplo, emocionais. Conforme posto por Escandell-Vidal (1998), uma intenção pode ser atribuída pelo ouvinte ao falante sem que seja de fato correspondente a real intenção, assim como o falante pode tornar manifesta uma intenção que não seja de fato verdadeira. Isso é comum em casos de falsa polidez, polidez maquiavélica, como, por exemplo, a que Dom Vito³⁵ emprega habilmente.³⁶

Assim como esforço de processamento e efeitos cognitivos são considerados como dimensões que existem e desempenham papel sobre a cognição quer sejam quer não representados mentalmente, também os são os efeitos retóricos. A partir dos exemplos, corroborou-se a hipótese que os efeitos retóricos são efeitos cognitivos fracos, como proposto por Sperber e Wilson (1990). Porém apesar de serem efeitos cognitivos fracos ou fracamente implicados, tem peso na recepção, contrariando a relevância e influenciando a tomada de decisão, como, por exemplo, em debates políticos e em julgamentos.³⁷ A polidez evita conflitos, facilita o estabelecimento de contato (mesmo contrariando a intuição de Grice de que a categoria de Qualidade seria mais importante que as demais), os palavras

³³ Grice e Levinson consideram uma intenção primeira (a de passar uma informação) que, apesar de não colocarem isto, guiará de forma mais ou menos consciente a escolha sintática, lexical e prosódica. Fica claro que o que eles consideram intenção no nível do que é comunicado, sem considerar intenções no nível cognitivo e emocional.

³⁴ O que parece ser a questão em Levinson.

³⁵ Personagem de *O Poderoso Chefão*.

³⁶ Este é um aspecto interessante para futuros trabalhos: polidez que encobre ameaças.

³⁷ Lia Pires é um ótimo exemplo sobre o uso de efeitos retóricos em seus casos.

quando bem empregados no contexto certo e de forma adequada adquirem força expressiva de forma positiva. Enquanto na polidez se tem um estreitamento de conceitos através de enunciados tipos (Levinson, 2000), no uso de palavrões se tem a ampliação, conforme análises deste capítulo.

Como visto em alguns dos exemplos, os palavrões podem gerar inferências de diferentes tipos, dependendo de contexto, intenção, da posição na frase, da relação sintagmática, variando seu peso pragmático. Visto que em determinados casos certos traços semânticos se perdem, os palavrões nem sempre irão pesar mais como um operador semântico. Quando isso acontece seu valor está mais em operador lexical e pragmático.

Os resultados positivos são alcançados quando se usa palavrões em “piadas e humor, comentários sociais, conversa de sexo, contação de histórias, gíria de grupos, e autodepreciação ou sarcasmo irônico objetivando promover harmonia e coesão social”³⁸ (JAY 2009, p.155). Devido à ligação com o sistema límbico, os palavrões também passam uma sensação de maior sinceridade em determinadas situações. Palavrões também são mais memorizados, em estudo sobre a relação de palavras e memória, procurou-se verificar quais palavras eram mais facilmente lembradas. Os resultados demonstraram que aquelas palavras com carga emocional são lembradas com mais facilidade (KESINGER e CORKIN, 2003). Mais uma razão pelo impacto nem sempre negativo dos palavrões. De acordo com Jay (2009, p.155), “o léxico de tabus linguísticos é como uma caixa projetada para uma ampla variedade de expressões emocionais”.³⁹

Quanto aos operadores retóricos, o que se pode verificar é que na polidez há uma prevalência de operadores semânticos enquanto em relação aos palavrões prevalece os lexicais. Com relação a ambos, operadores pragmáticos são os mais salientes, mas não os únicos a aparecerem.

A abordagem retórica proposta aqui é interdisciplinar, por um lado, por proporcionar a construção de interface entre teorias inferenciais, e por outro, pela interface linguagem,

³⁸ Do original: “jokes and humor, social commentary, sex talk, storytelling, in-group slang, and self-deprecation or ironic sarcasm in order to promote social harmony or cohesion.”

³⁹ Do original: “the taboo lexicon is like a box engineered for a wide range of emotional expression.”

cognição, lógica e comunicação, principalmente através de emoções. Na tradição grega, a já Retórica era vista como uma forma de causar efeito sobre o outro, Coráx e Tísias enfatizaram a presença da força de elementos linguísticos e extralinguísticos e Aristóteles afirmou que a emoção era um meio de convencimento. Conforme S&W (1990, p. 7), “uma sentença de humor codifica não uma força ilocucionária, mas um pedaço de evidência mais abstrato e mais inconclusivo sobre a intenção do falante.”⁴⁰

Através dessa abordagem de Retórica Linguística é possível explicar fenômenos complexos, como polidez e palavrões. Apesar do alto custo daquela e o peso de tabus linguísticos destes, eles têm presença nas RSI e afetam as inferências, como se demonstrou. Em 3.1.1, enfocou-se principalmente o papel das intenções na comunicação de polidez, já em 3.1.2, se enfatizou o efeito significativo extra que os palavrões acrescentam. Enquanto os palavrões são diretamente ligados às emoções, a comunicação de polidez procura atingir essas, contudo esse aspecto foi pouco explorado aqui, merecendo mais atenção.

⁴⁰ Do original: “a sentence mood encodes not an illocutionary force, but a more abstract and by itself inconclusive piece of evidence on the speaker's intentions.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez que o trabalho foi elaborado dentro do Programa de Lógica e Linguagem Natural, ele constitui uma proposta de investigação que objetiva avaliar não apenas o objeto escolhido, mas também o Programa em si, contribuindo para seu desenvolvimento. No primeiro capítulo se problematizou a cultura digital e sua relação com a Ciência, principalmente, com as Ciências da Linguagem. No segundo capítulo, dado o papel do diálogo nesse ambiente virtual, se discutiu as principais teorias pragmático-inferenciais, ligando-as a polidez e palavrões. No último capítulo, uma vez que tanto polidez e palavrões estão ligados à “forma” de se dizer algo, apresentou-se uma perspectiva de Retórica Linguística. Todos os exemplos ilustram o que foi discutido ao longo dos três capítulos.

A noção de retórica proposta aqui permite o tratamento de determinados problemas complexos quanto ao aspecto inferencial, como se ilustrou através de polidez e palavrões. O efeito que a forma tem sobre o conteúdo¹ funciona como um input sendo a inferência o output, compatível com a proposta de S&W (1990) de efeitos cognitivos fracos. A retórica enquanto propriedade natural ao diálogo permite se explicar o porquê de se escolher uma forma em detrimento de outra, assim como a razão de uma chamar mais atenção.

Nas RSI, o diálogo é basilar (LEMOS, 2009; LEMOS, 2010; COSTA, no prelo), assim é natural que haja processos inferenciais análogos em certas características aos de diálogos naturais (como Princípio da Conectividade Não Trivial, Princípio da Cooperação, Princípio de Relevância, demonstração de polidez e uso de palavrões). As possibilidades de enriquecimento semântico e pragmático, o baixo custo de gerenciamento de relações através de funcionalidades como “curtir” e “compartilhar” e a predominância de comentários (que não precisam de *feedback*, apesar de desejado) intensificam a dinamicidade dos diálogos digitais. Sendo o diálogo, como dito, tão presente nas relações e influente na tomada de decisões, há que se considerar que i. deve ter impacto sobre o emocional e ii. que apresenta características concernentes a retórica.

O valor retórico da polidez e dos palavrões está ligado ao emocional (PINKER, 2008; JAY, 2009). A polidez é uma forma de desimpedir e manter a relação, no entanto seu custo é alto. Já os palavrões são catárticos, do uso expletivo ao xingamento. A avaliação de valor

¹ Como proposto por Costa.

sobre eles é variável (dependente de intenções, atribuições de intenções, contexto, emoções, sintaxe e prosódia), apesar de semanticamente estáveis.

Corroborou-se as hipóteses: (a) as propriedades dialógicas das redes sociais na internet se diferenciam em detrimento a outras situações se relacionam ao alcance interativo que pode atingir desde o local até o global, quanto ao tempo de retorno/resposta a uma mensagem deixada na rede que pode ser sincrônico ou diacrônico, quanto à tensão entre privado (uma mensagem pode ser direcionada a alguém em específico dentro do espaço de um perfil pessoal) e público (todos, a priori, podem ter acesso a certas informações e às interações), e à possibilidade de enriquecimento semântico e pragmático através de hiperlinks, vídeos, imagens, áudio, etc. e simplificação sintática e lexical; (e) uma mesma proposição pode ter significados implicados diferentes, dependendo das intenções; e (f) os aspectos linguísticos comuns a polidez e palavrões nas redes sociais que se evidenciam nas redes são simplificação de estruturas sintáticas, a repetição lexical e o enriquecimento semântico e pragmático através de imagens, vídeos, links, etc., e inferências de diferentes tipos; já aqueles nos quais eles se diferenciam são modalização do enunciado quanto a polidez e disparidade entre significado semântico e o pragmático quanto aos palavrões.

As hipóteses (b) e (d) não foram satisfatoriamente corroboradas. Na primeira,² a natureza do ambiente se mostrou mais imperativo do que a relação entre os envolvidos para o comportamento linguístico, visto a premissa das redes sociais de todos serem “amigos” e de se tratar de algo público. A segunda³ não foi satisfatoriamente corroborada, porque a implicatura de polidez também depende da intenção atribuída pelo ouvinte ao falante, não é implicatura necessária. Outro aspecto a ser mencionado que diferencia polidez quanto a palavrões é o estreitamento de premissas contra o alargamento semântico-pragmático do segundo. Já quanto aos palavrões, apesar de não ser algo secundário, se poderia chegar a mesma conclusão implicada trocando-se os termos, no entanto se perderia o impacto retórico.

² (b) as inferências de polidez são depreendidas a partir do Princípio da Relevância, levando-se em conta o modo como se diz algo (prosódia, semântica, sintaxe), o contexto extralinguístico (situação da interação) e a natureza da relação dos envolvidos.

³ (d) Polidez e palavrões se diferenciam quanto ao(s) seu(s) efeito(s) sobre processos inferenciais, pois enquanto a polidez tende a gerar um quadro positivo por parte do ouvinte em relação ao falante, fazendo com que uma conclusão que pareça incompatível com o comportamento seja deixada em segundo plano ou descartada, os palavrões tendem a gerar inferências sem ser algo secundário.

A hipótese (c)⁴ não foi corroborada. Com as análises se percebeu que polidez e palavrões não afetam a conclusão implicada de forma semelhante. A implicatura de polidez pode ser vista como fracamente implicada, e que há para tal um estreitamento de significação, na terminologia de Grice e abordagem de Levinson, através das heurísticas. Já os palavrões afetam a conclusão implicada, no entanto poderiam ser substituídos para se chegar a mesma a conclusão. Nesse caso, a expressividade negativa ou positiva seria perdida. Nota-se que tanto polidez quanto palavrões, independente da conclusão implicada, estão ligados ao retórico.

A hipótese (e) foi incluída entre as corroboradas com ressalva, pois ficou claro durante as análises que há quatro “níveis” de intenção: i. intenção que o falante quer tornar manifesta; ii. Intenção mutua e intencionalmente manifesta; iii. Intenção que o falante não quer tornar manifesta; iv. Intenção que o ouvinte atribui ao falante, podendo ou não corresponder as reais intenções deste. Note-se que há diferentes noções de intenção, uma presente na literatura (Grice, Levinson, Sperber e Wilson, ainda que diferentes) e uma do senso comum,⁵ que poderia ser chamada de segundas intenções com a finalidade de criar confusão em relação a noção teórica.

No entanto algumas questões levantadas ficaram não esclarecidas — como o caso do ônibus (situações em que dizer a verdade, não dizer nada ou mentir parecem igualmente problemáticas);⁶ a polidez é sempre comunicada?; a comunicação de polidez acontece quando a comportamento polido fica acima ou abaixo do esperado pelo ouvinte?; ou depende de ser manifesto (na concepção da TR) para o falante, para o ouvinte ou para ambos?; a polidez pode ser uma ameaça⁷ velada?. Para respondê-las seria necessário um estudo mais aprofundado sobre esse fenômeno.

Outro aspecto sobre o qual é necessário mais estudo, é o porquê de efeitos cognitivos fracos, como os retóricos, afetarem tanto a comunicação se não há uma relação de equilíbrio com a conclusão implicada. Alguns desses efeitos chegam a ser fracamente implicados, e, no entanto, pesam mais na tomada de decisões, tanto que podem pesar no processo eleitoral. Uma hipótese que surge, e merece investigação, é que efeitos retóricos

⁴ Polidez e palavrões podem acarretar diferentes conclusões implicadas a partir de mesmas entradas lexicais dependendo do contexto e, principalmente, da intenção.

⁵ Explorada por Cooper.

⁶ Popularmente, situações em que se fica entre a cruz e a espada.

⁷ Não no sentido de FTA

pesam mais na tomada de decisão, pois mantém ligação com as emoções e correlação com marcadores somáticos (DAMÁSIO, 1996).

Esse trabalho pode trazer contribuições como um roteiro de pesquisa, posto que não se objetivou um aprofundamento no nível de fundamentos. Pode contribuir para a linguística, devido ao número reduzido de pesquisas no Brasil sobre polidez, palavrões e redes sociais, apesar de temas nobres. Também por contribuir para a Psicologia na relação entre emoção e linguagem e como elas se afetam. Pode contribuir, ainda, para a Computação no desenvolvimento de pesquisas sobre softwares de análise de linguagem, quanto opiniões, emoções, inferências.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Loar Chein. **A polidez e o ato de recusa em inglês como língua estrangeira**: um estudo comparativo. 1995. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

AMARAL, Inês Albuquerque. **A @migração para o Ciberespaço**: a Dimensão Social dos Mundos Virtuais. *Observatorio (OBS*) Journal*, v.5, p.325-344, 2008. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/viewArticle/161>. Acesso em: 29 nov. 2011.

ANTOUN, Henrique. **A Web 2.0 e o Futuro da Sociedade Cibercultural**. 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0874-1.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2011.

BERNERS-LEE, Tim. **Long live the web**: A Call for Continued Open Standards and Neutrality. *Scientific American*, nov. 2010. Disponível em: <http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=long-live-the-web>. Acesso em 19 ago. 2011.

BERNERS-LEE, Tim; HENDLER, James; LASSILA, Ora. **The semantic web**. *Scientific American*, v.284, n.5, p.34-43, mai. 2001.

BOYD, D.; GOLDBERGER, S.; LOTAN, G.. **Tweet, Tweet, Retweet**: Conversational Aspects of Retweeting on Twitter. *IEEE Proceedings of HICSS*, v.43, p. 1-11, jan. 2010.

BRESLIN, John; DECKER, Stefan. **The future of social network on the internet** – the need for semantics. *IEEE Computer Society*, p.86-90, 2007.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **A Social history of the Media**: from Gutenberg to the Internet. Cambridge: Polity Press, 2002.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CARSTON, Robyn. **Relevance Theory**. In: *Routledge Companion to the Philosophy of Language*. Eds. G. Russell and D. Graff Fara. London: Routledge, 2011. Disponível em: http://www.ucl.ac.uk/psychlangsci/research/linguistics/People/linguistics-staff/robyn_carston/pdfs/Carston-2011-Russell.pdf. Acesso: 31 out. 2011.

_____. **Review of S. Levinson's Presumptive meanings**. *Journal of Linguistics*, v. 40, p.181-186, 2004.

CHOI, Charles Q.. **There's Wisdom in Those Tweets**: Social Science Data Emerges from the Twitterverse. *Scientific American*, out. 2010. Disponível em: <http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=theres-wisdom-in-those-tweets>. Acesso em 25 set. 2011.

COOK, Gareth. **The Secret Language Code**. *Scientific American*, ago.2011. Disponível em: <http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=the-secret-language-code>. Acesso em: 15 set. 2011.

COOPER, Jeffrey C.; KREPS, Tamar A.; WIEBE, Taylor; PIRKL, Tristana; KNUTSON, Brian. **When Giving Is Good: Ventromedial Prefrontal Cortex Activation for Others' Intentions**. *Neuron*, v.67, p.511-521, ago. 2010.

COSTA, Jorge Campos da. **Cultura Digital e Cultura Científica**. 2011. Disponível em: http://www.pucrs.br/istec/sibd/apresentacoes/VI_SIBD_Jorge_Campos_19052011.pdf. Acesso em: 29 jul. 2011.

_____. **Relevância, Kluges, Emoções - Reflexões Provocativas**. In COSTA, Jorge Campos da; RAUEN, Fábio (orgs.). *Tópicos sobre Teoria da Relevância* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008a. p.10-25. Disponível em: http://www.icamposc.com.br/livros/topicos_sobre_teor_da_relevancia.pdf. Acesso em: 23 out. 2011.

_____. **A relevância da pragmática na pragmática da relevância**. [recurso eletrônico]. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2008b. Disponível em <http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>. Acesso em 14 dez. 2010.

_____. **Filosofia da Linguística, Filosofia da Ciência e Metateoria das Interfaces**. 2007a. Disponível em: http://www.icamposc.com.br/textos_disciplinas/filosofia_da_linguistica-filosofia_da_ciencia_e_metateoria_das_interfaces.pdf. Acesso em: 31 ago.2011.

_____. **A teoria inferencial das implicaturas**: descrição do modelo clássico de Grice. Out. 2007b. Disponível em http://www.icamposc.com.br/textos_disciplinas/ateoriainferencialdasimplicaturas.pdf. Acesso em 03 de agosto de 2010.

_____. **O livro eletrônico na cultura digital**. Nov. 2007c. Disponível em: http://www.icamposc.com.br/textos_disciplinas/o_livro_eletronico_na_cultura_digital.pdf. Acesso em: 26 jul. 2011.

_____. **The sciences of language**: communication, cognition and computation. In AUDY, Jorge Luis Nicolas; MOROSINI, Marília Costa (Orgs.). *Innovation and interdisciplinarity in the university (Inovação e interdisciplinariedade na universidade)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007d. p. 345-376.

_____. **Comunicação e Realidade – da Cultura Clássica à Digital**. 2007e. Disponível em: http://www.icamposc.com.br/textos_disciplinas/comunicacao_e_realidade-da_cultura_classica_a_digital.pdf. Acesso em: 26 jul. 2011.

_____. **O Futuro do Livro e o Livro do Futuro**. 2007f. Disponível em:
http://www.icamposc.com.br/textos_disciplinas/o_futuro_do_livro_e_o_livro_do_futuro.pdf. Acesso em: 27 jul. 2011.

_____. **Metateoria Linguística**: Considerações ao Nível da Filosofia da Ciência. *ADPPUCRS* nº. 5, p. 25-32, dez. 2004a. Disponível em:
<http://www.adppucrs.com.br/informativo/METATEORIA.pdf>. Acesso em ago.2011.

_____. **A estrutura inferencial da comunicação dialógica**. Nov.2004b. Disponível em:
http://www.jcamposc.com.br/projetosepesquisas/a_estrutura_inferencial_da_comunicacao_dialogica.pdf. Acesso em: 17 out. 2010.

_____. **O texto jurídico**. Disponível em:
http://www.icamposc.com.br/textos_disciplinas/aretoricainferencialdodiscursopolitico.pdf. Acesso em 30 out. 2010.

_____. **Sobre Meios e Conteúdos**. Disponível em:
http://www.icamposc.com.br/textos_disciplinas/sobremeioseconteudos.pdf. Acesso em: 20 jun. 2010.

CRYSTAL, David. **Language and the Internet**. [Recurso eletrônico] Cambridge(MA): Cambridge University Press, 2004.

_____. **The Scope of Internet Linguistics**. *American Association for the Advancement of Science meeting*, 18 Feb. 2005. Disponível em:
http://www.davidcrystal.com/DC_articles/Internet2.pdf. Acesso: 28 nov. 2011.

_____. **A forensic case study**. In _____. *Internet Linguistics: a student guide*. Londres e Nova York: Routledge, 2011.

CULPEPER, Jonathan. **Impoliteness: Using Language to Cause Offence**. Cambridge (MA): Cambridge University Press, 2011.

DÁMASIO, Antônio R.. **O Erro de Descartes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies: e a seleção sexual**. São Paulo: Madras, 2009.

ESCANDELL-VIDAL,Victoria. **Towards a cognitive approach to politeness**. *Language Science*, Grã-Bretanha, v.18, n.3-4, p.629-650, 1996. Disponível em:
<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0388000196000393>. Acesso em: 29 nov. 2011.

_____. **Politeness: a relevant issue for Relevance Theory**. *Revista Alicantina de Estudios Ingleses*, v.11, p.45-57, 1998.

FRASER, Bruce. **Perspectives on politeness.** *Journal of Pragmatics*, North-Holland, v.14, p.219-236, 1990. Disponível em: https://netfiles.uiuc.edu/kiel/www/LangDevEd401/Articles--Pragmatic%Development/Fraser_1990_politeness.pdf.

_____. **The concept of politeness.** Paper presented at the 1985 NWAWE meeting. Georgetown University, 1975.

FRASER, Bruce; NOLEN, William. **The association of deference with linguistic form.** *International Journal of the Sociology of Language*, v. 27, p.93-109, 1981.

GIERE, Ronald. **Perspectival pluralism.** *Scientific Pluralism, Studies in the Philosophy of Science*, Minneapolis (MN), v.19, p. 26–41, 2006. Disponível em: <http://www.tc.umn.edu/~giere/pp.pdf>. Acesso em 28 nov. 2011.

GO, Alec; BHAYANI, Richa; HUANG, Lei. **Twitter Sentiment Classification using Distant Supervision.** 2009. Disponível em: <http://www.lancs.ac.uk/ug/wilkina4/files/Twitter%20Sentiment%20Classification%20using%20Distant%20Supervision.pdf>. Acesso em: 9 dez.2011.

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual:** Essays on face-to-face behavior. New York: Doubleday, 1967.

_____. **Relations in public.** New York: Basic Books, 1971.

GRABER, Cynthia. **Database Tries to Track Culture Quantitatively.** *Scientific American*, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scientificamerican.com/podcast/episode.cfm?id=database-tries-to-track-culture-qua-10-12-17>. Acesso em: 19 ago. 2011.

GRICE, Herbert Paul. **Logic and Conversation.** In _____. *Studies in the Way of Words*. Cambridge (MA): Harvard University, 1991.

GUÉRIOS, R. P. Mansur. **Tabus Linguísticos.** *Revista Letras*, v.3, 1995. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/viewFile/20057/13237>. Acesso em: 29 nov. 2011.

HÖFFE, Otfried. **Aristóteles.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

JARY, Mark. **Relevance theory and the communication of politeness.** *Journal of Pragmatics*, v.30, p.1-19, 1998. Disponível em: <http://saba.liweb.pl/MA/Politeness/Journal%20of%20Pragmatics/Relevance%20theory%20and%20the%20communication%20of%20politeness%20-%2030-1998.pdf>. Acesso em: 29 nov.2011.

JAY, Timothy; CALDWELL-HARRIS, Catherine; KING, Krista. **Recalling taboo and nontaboo words.** *American Journal of Psychology*, v.121, n. 1, p. 83–103, spring 2008. Disponível em: <http://www.istor.org/pss/20445445> Acesso em: 29 nov.2011.

JAY, Timothy. **The utility and ubiquity of taboo words.** *Perspective on Psychological Science*, v.4, n.2, p.153-161, 2009. Disponível em: <http://pps.sagepub.com/content/4/2/153.short>
Acesso em: 29. Nov. 2011.

KENSINGER, Elizabeth A.; CORKIN, Suzanne. **Memory enhancement for emotional words:** Are emotional words more vividly remembered than neutral words? *Memory & Cognition*, v.31, n.8, p.1169-1180, 2003. Disponível em:
http://web.mit.edu/bnl/pdf/Kensinger_Corkin_MC03.pdf. Acesso em: 29 nov. 2011.

KLERK, Vivian de. **How taboo are taboo words for girls?** *Language in Society*, v.21, p. 277-289, 1992.

LAKOFF, Robin. **The logic of politeness: or minding your p's and q's.** *Papers from the 9th Regional Meeting, Chicago Linguistics Society*. Chicago: Chicago Linguistics Society, p.292-305, 1973.

_____. **Stylistic strategies within a grammar of style.** *Language, sex and gender. The Annals of the New York Academy of Sciences*, v. 327 p. 53-78, 1979. Disponível em:
<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1749-6632.1979.tb17753.x/abstract>. Acesso em 28 fev. 2012.

LEMOS, André. **Nova esfera Conversacional.** *Esfera pública, redes e jornalismo*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2009. p. 9 – 30. Disponível em:
<http://www.andrelemos.info/artigos/NovaEsferaConversacional.pdf> .Acesso em: 29 nov. 2011.

LEECH, Geoffrey. **Principles of pragmatics.** London: Longman, 1983.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet:** em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulos, 2010.

LEMOS, Renata. **Qotd, por @umairh:** a inteligência coletiva no Twitter. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 19, p. 226-239, jul. 2010. Disponível em:
<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewArticle/2507> .Acesso em: 29 nov. 2011.

LEVINSON, Stephen C.. **Pragmatics.** Cambridge(MA): Cambridge University Press, 1983.

_____. **Presumptive Meanings:** the theory of generalized conversational implicature. Cambridge(MA): MIT Press, 2000.

LÉVY, Pierre. **O Ciberespaço como um passo metaevolutivo.** *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n.13, p. 59-67, 2000.

MACKAY, Donald G.; SHAFTO, Meredith; TAYLOR, Jennifer K.; MARIAN, Diane E.; ABRAMS, Lise; DYER, Jennifer R. **Relations between emotion, memory, and attention:** Evidence from

taboo Stroop, lexical decision, and immediate memory tasks. *Memory & Cognition*, v.32, n.3, p.474-488, summer 2004. Disponível em:

[http://mackay.bol.ucla.edu/MacKay%20\(2004\)%20-%20Emotion,%20memory,%20and%20attention.pdf](http://mackay.bol.ucla.edu/MacKay%20(2004)%20-%20Emotion,%20memory,%20and%20attention.pdf). Acesso em: 29. Nov. 2011.

MATSUMOTO, Yoshiro. **Reexamination of the universality of face:** politeness phenomena in Japanese. *Journal of pragmatics*, v.12, p.403-426, 1988.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg:** a formação do homem tipográfico. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1972.

_____. **O meio são as massa-gens.** Rio de Janeiro: Record, 1979.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e o re-encantamento do mundo.** *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, v.23, n.126, p. 24-26, set.-out. 1995. Disponível em:

<http://www.eca.usp.br/prof/moran/novtec.htm>. Acesso em: 20 jul. 2011.

Nóis na fita. Disponível em: <http://www.youtube.com/?gl=BR&hl=pt>. Acesso em: 23 dez. 2011.

PAIL, Daisy Batista. **Inferências Sintáticas na Interface.** *Letrônica*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p.45-66, jul. 2011a.

_____. **Divagações sobre jornalismo colaborativo e web 2.0.** mar. 2011c. Disponível em: <http://desenrolandoalinguagem.blogspot.com/search/label/Cultura%20Digital>. Acesso em 27 nov. 2011.

PAPINEU, David. **A epistemologia da ciência.** Tradução de Luiz Helvécio Marques Segundo. Blog <http://criticanarede.com/episciencia.html>. Postado em 22 de Março de 2011.

PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento:** a língua como janela para a natureza humana. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

POGUE, David. **Critical Mass: How to Maintain the Power of Online Reviews.** *Scientific American*, mai. 2004. Disponível em: <http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=critical-mass>. Acesso em: 17 ago. 2011.

_____. **Talk to the Machine:** Progress in Speech-Recognition Software. *Scientific American*, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=talk-to-the-machine>. Acesso em: 15 set. 2011.

QUIRK, Randolph; GREENBAUM, Sidney; LEECH, Geoffrey; SVARTVIK, Jan. **A comprehensive grammar of the English language.** London: Longman, 1985.

RAUEN, Fábio. **Sobre Relevância e Irrelevâncias.** In COSTA, Jorge Campos da; RAUEN, Fábio (orgs.). *Tópicos sobre Teoria da Relevância* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p.26-56. Disponível em:

http://www.icamposc.com.br/livros/topicos_sobre_teor_da_relevancia.pdf. Acesso em: 23 out. 2011.

READ, Jonathon. **Using emoticons to reduce dependency in machine learning techniques for sentiment classification**. *Association for Computational Linguistics*, v.43, n. junho. Disponível em: <http://www.mn.uio.no/ifi/english/people/aca/jread/Read2005.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2011.

SANDMANN, Antônio José. **O palavra: formas de abrandamento**. *Letras*, n.41-42, p.221-226, 1992-93. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/19127> . Acesso em 29 nov. 2011

SILVEIRA, Jane Rita Caetano da; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **Pragmática e Cognição: A textualidade pela relevância**. 2ª Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SPERBER, Dan. **Relevance Theory**. Disponível em: <http://www.dan.sperber.fr/?p=93>. Acesso em: 13 jul. 2009.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. **Relevance: communication and cognition**. Cambridge: Blackwell, 1995.

_____. **Relevância: comunicação e cognição**. 2ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. Tradução de ALVES, Helen Santos; TORRE, Manuel Gomes de.

_____. **Rhetoric and Relevance**. In WELLBERY, David; BENDER, John (eds). *The Ends of Rhetoric: History, Theory , Practice*. Stanford: Stanford University Press, 1990. Disponível em: <http://www.dan.sperber.fr/wp-content/uploads/2009/09/Rhetoric-and-Relevance.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2011.

STANDAGE, Tom. **The Victorian Internet**. Disponível em: <http://people.unt.edu/joy/school/TheVictorianInternet.pdf>. Acesso em 22 jun. 2011.

ROHDEN, Luiz. **O Poder da Linguagem: A Arte Retórica de Aristóteles**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

WALTON, Douglas. **Types of dialogue, dialectal shifts and fallacies**. In van Eemeren, Franz H.; GROOTENDORST, Rob; BLAIR, J. Antony; WILLARD, Charles A. (eds). *Argumentation Illuminated*. Amsterdam: SICSAT, 1992, p.133-147.

WILSON, Deirdre; SPERBER, Dan. **Relevance Theory**. *UCL Working Papers in Linguistics*, v.14, p.249-290, 2002. Disponível em: http://www.phon.ucl.ac.uk/home/PUB/WPL/02papers/wilson_sperber.pdf. Acesso em: 28 out. 2011.

WINSTON, Brian. **Media technology and society – A History: from the telegraph to the internet**. New York: Routledge, 1998.

YANG, Changhua; LIN, Kevin Hsin-Yih; CHEN, Hsin-His. **Emotion Classification Using Web Blog Corpora**. *Web Intelligence, IEEE/WIC/ACM*, n.2-5, 2007. Disponível em: <http://gra103.aca.ntu.edu.tw/gdoc/96/D91922013a.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2011.